

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
NÍVEL DOUTORADO

JULIO CESAR WERLANG

**SUJEITO CONTEMPORÂNEO, CONHECIMENTO E BARBÁRIE**  
Uma leitura a partir da Dialética Negativa, de Theodor Adorno

São Leopoldo  
2015

JULIO CESAR WERLANG

**SUJEITO CONTEMPORÂNEO, CONHECIMENTO E BARBÁRIE**  
**Uma leitura a partir da Dialética Negativa, de Theodor Adorno**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), sob orientação do professor doutor Alvaro Montenegro Valls como requisito para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

São Leopoldo  
2015

W489s Werlang, Julio Cesar.

Sujeito contemporâneo, conhecimento e barbárie : uma leitura a partir da dialética negativa, de Theodor Adorno / Julio Cesar Werlang. – 2015.

172 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2015.

"Orientação do Professor Doutor Alvaro Montenegro Valls".

1. Adorno, Theodor W., 1903-1969. Negative Dialektik.  
2. Dialética. 3. Sujeito (Filosofia). 4. Subjetividade. I. Título.

CDU 1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

Dedico esta tese **aos sujeitos críticos, éticos e artistas**, que mantêm a sua subjetividade forte o suficiente para se contrapor inteligentemente às formas de coisificação, domínio, manipulação e barbárie.

**Sujeitos que pensam, projetam e antecipam a elaboração de outra organização da convivência social**, na perspectiva da superação do sofrimento, **com olhar contemplativo, reflexivo e resistente.**

Em particular, ao **Pe. Edmundo Jan Michalski**, Superior Geral dos Missionários da Sagrada Família, pelo incentivo, e testemunho missionário incansável.

Ao meu Pai, **Gastão Fernando Werlang**, in memoriam, pelo desafio de estudar, amar e lutar por uma vida digna para todos.

Ao verdadeiro amigo **Leonir Nunes dos Santos**, por sua fortaleza, vida espiritual, alegria de viver e autêntica liberdade.

## AGRADECIMENTOS

Saudação especial aos **Professores da UNISINOS**.

Ao Prof. **Mario Fleig**, que **acolheu minha pesquisa e ensinou-me tanto**.

Ao Prof. **Álvaro Montenegro Valls**, que me acompanhou com sabedoria,  
**orientando-me com paciência e desafiadora inteligência**.

Ao Prof. **Alfredo Culeton**, Coordenador da Pós-Graduação, **pelo desafio e  
profissionalismo**.

Ao IFIBE, **Instituto Superior de Filosofia Berthier**, pela coragem de formar  
**sujeitos críticos e cidadãos éticos para a sociedade que virá**.

À **Congregação dos Missionários da Sagrada Família**,  
em sua infatigável missão, e aos missionários e missionárias  
que se fazem ***próximos dos que estão longe***, como desejou o **Pe. Jean Berthier!**

## RESUMO

Reflexão crítica sobre o sujeito e a subjetividade no contexto da contemporaneidade a partir do pensamento de Theodor Adorno, especificamente em sua dialética negativa com o foco na questão do conhecimento e barbárie. O primado do objeto como indicativo de uma nova concepção epistemológica, necessária para abrir as reais possibilidades emancipatórias do sujeito crítico no mundo administrado. O sujeito crítico e consciente de suas determinações, limites e possibilidades nas sociedades capitalistas tardias, se apresenta como quem cultiva sua interioridade e individualidade, em contraposição a autoreferencialidade e o individualismo do sujeito liberal, por isso, mantém um olhar contemplativo, reflexivo e resistente na conquista de sua liberdade em meio a falsa liberdade promovida pela indústria cultural, sendo eticamente sensível e solidário às dores e sofrimentos dos outros e da natureza, e assim, se faz artista e protagonista de um novo tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adorno. Dialética negativa. Sujeito liberal e sujeito crítico. Subjetividade. Primado do objeto. Conhecimento e Barbárie. Experiência Emancipação. Interioridade e Individualidade. Particular e universal. Sensibilidade ética. Olhar meditativo, reflexivo e resistente. Artista e protagonista.

## ABSTRACT

Critical reflection on the subject and subjectivity in the contemporary context from the thought of Theodor Adorno, specifically in its negative dialectic with the focus on the question of knowledge and barbarism. The primacy of the object as indicative of a new epistemological conception, required to open real emancipatory possibilities of the subject in the administered world. The critical and conscious subject of its determinations, limits and possibilities in late capitalist societies, presents itself as one cultivates his inner self and individuality as opposed a self referentiality and the individualism of liberal subject, and maintains a contemplative, reflective and resilient look in winning its freedom in the midst of false freedom promoted by the culture industry, being ethically sensitive and supportive with the pain and suffering of others and of nature, and thus becomes an artist and protagonist of a new time.

**KEYWORDS:** Adorno. Negative dialectic. Liberal and critical subject. Primacy of the object. Subjectivity. Knowledge and barbarism. Emancipation. Inner self and individuality. Contemplative, reflective and resilient look. Ethically sensitive. Artist and protagonist.

## SUMÁRIO

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>   |
| <b>2</b> | <b>ANTECEDENTES E CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS .....</b>                     | <b>14</b>  |
| 2.1      | O CONTRIBUTO DE KIERKEGAARD PARA A FILOSOFIA CRÍTICA .....                   | 15         |
| 2.2      | O CONTRIBUTO DA PSICANÁLISE E A FORÇA DO PENSAMENTO DE FREUD .....           | 23         |
| 2.3      | O EU FORTE DO FILÓSOFO MAX HORKHEIMER E A TEORIA CRÍTICA                     | 32         |
| <b>3</b> | <b>INTERPRETANDO O SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>                     | <b>40</b>  |
| 3.1      | INFLEXÃO EM DIREÇÃO AO SUJEITO .....   | 42         |
| 3.2      | SUJEITO, LINGUAGEM E LAÇOS SOCIAIS .....                                     | 50         |
| 3.3      | SUJEITO E OBJETO – UMA RELAÇÃO DIALÉTICA CONTROVERSA.....                    | 55         |
| 3.4      | SUJEITO E A INDÚSTRIA CULTURAL.....  | 59         |
| 3.5      | BARBÁRIE: NAS SOMBRAS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO.....                          | 67         |
| 3.6      | AUSCHWITZ: DESSUBJETIVAÇÃO E BARBÁRIE .....                                  | 71         |
| <b>4</b> | <b>O PRIMADO DO OBJETO: SUJEITO, CONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO.....</b>         | <b>88</b>  |
| 4.1      | O CONHECIMENTO E A DIALÉTICA NEGATIVA .....                                  | 93         |
| 4.2      | O PRIMADO DO OBJETO, MATERIALISMO E SENSIBILIDADE .....                      | 107        |
| 4.2.1    | <b>A expressividade do corpo no pensamento crítico.....</b>                  | <b>109</b> |
| 4.2.2    | <b>O télos da negação do sofrimento físico.....</b>                          | <b>113</b> |
| 4.2.3    | <b>A dialética entre o primado do objeto e a prioridade do sujeito .....</b> | <b>118</b> |
| 4.2.4    | <b>A tese do primado do objeto no conhecimento.....</b>                      | <b>120</b> |
| 4.3      | O SUJEITO E A EXPERIÊNCIA EMANCIPADORA .....                                 | 134        |
| 4.4      | A TEORIA CRÍTICA E A PRÁXIS TRANSFORMADORA .....                             | 138        |
| 4.5      | A CRÍTICA DO SUJEITO LIBERAL E A PROPOSIÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO.....          | 141        |
| 4.5.1    | <b>A morte do sujeito liberal e a emergência do sujeito crítico .....</b>    | <b>145</b> |
| 4.5.2    | <b>O olhar interpretador e resistente do sujeito crítico .....</b>           | <b>147</b> |



|       |  |     |
|-------|--|-----|
| 4.5.3 | A individualidade em oposição a autoreferencialidade e individualismo..... | 150 |
| 4.5.4 | A liberdade e a não liberdade do sujeito .....                             | 152 |
| 4.5.5 | O sujeito que cultiva sua interioridade.....                               | 153 |
| 4.5.6 | O sujeito crítico como artista e mestre em sensibilidade.....              | 156 |
| 5     | CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 158 |
|       | REFERÊNCIAS.....   | 164 |

## 1 INTRODUÇÃO

A reflexão crítica acerca do sujeito contemporâneo, do conhecimento e da barbárie na perspectiva da emancipação se apresenta como desafio pertinente, sobretudo, quando se quer estabelecer nexos consistentes entre estes temas, considerando a importância que adquiriu o conhecimento na complexidade das sociedades capitalistas tardias, marcadas sobremaneira pela indústria cultural. Assim, o pensamento crítico dialético do filósofo alemão Theodor Adorno será a base teórica de nossa reflexão. E como referencial norteador de pesquisa adotaremos a *Dialética negativa*, obra de Adorno que aprofunda a abordagem da questão do sujeito na sua relação com o conhecimento e o primado do objeto como aspectos epistemológicos fundamentais para se pensar a emancipação do sujeito nas sociedades contemporâneas.

Por meio de uma *inflexão em direção ao sujeito*, Adorno não só valorizou e deu atenção especial às questões subjetivas como tornou o sujeito um dos temas centrais de sua filosofia. Nos documentos históricos da Escola de Frankfurt, da qual ele foi um dos expoentes, pode-se perceber a atenção dispensada, pelos diversos pensadores, à questão do sujeito crítico, bem como a preocupação relativa à sua formação cultural e autorreflexiva. A crítica contundente à onipotência do sujeito, concebido na formulação idealista para se apropriar ilusoriamente do objeto ao conceituá-lo, tornando-se ele mesmo uma definição ontológica, abre uma discussão interessante e perspicaz que utilizaremos em nossa abordagem. De tal forma, procuraremos mostrar como Adorno sistematiza e provoca um verdadeiro giro epistemológico com sua análise do primado do objeto, que desmantela a pretensiosidade do sujeito transcendental e coloca-o numa outra posição como sujeito crítico e situado em um contexto histórico social, compreendendo suas determinações e, por isso mesmo, capaz de tomar iniciativas de intervenção na práxis social danificada.

A interpretação desenvolvida pela dialética negativa e o aprofundamento das questões e problemáticas da subjetividade nas sociedades capitalistas avançadas são necessários, sobretudo, quando se tem o intuito de realizar aproximações significativas entre o conhecimento e as condições objetivas e subjetivas do sujeito contemporâneo, considerando um horizonte de possibilidades emancipatórias. Com isso, objetivamos elaborar uma tese que permita aproximar algumas condições e

possibilidades para abordar, de maneira consistente, a temática desafiadora do sujeito contemporâneo, relacionando-o com o primado do objeto, ainda que se tenha de reconhecer a exigência dessa tarefa e, ao mesmo tempo, sua permanente atualidade. A tentativa de contribuir para a reflexão crítica acerca do sujeito contemporâneo, quando relacionado com o conhecimento e, de modo particular, com o primado do objeto, numa perspectiva emancipadora, mostrou-se pertinente a partir da experiência vivenciada por nós, em diversos lugares, ao medirmos situações extremas de confronto e atendendo pessoas em situações limite.

Quanto à noção de contemporâneo ou de contemporaneidade, adotaremos não apenas a compreensão histórica das chamadas *idades* ou *eras* fixadas pela tradição. Do ponto de vista histórico, a Idade Contemporânea é o período compreendido entre a Revolução Francesa e os dias atuais. Em termos etimológicos, no entanto, o contemporâneo remete ao tempo atual ou se refere a algo ou alguém que pertencem ao mesmo tempo cronológico. Já no âmbito filosófico, considera-se como contemporânea a filosofia que interpreta e discute a crise do pensamento moderno – alguns estudiosos estabelecem o criticismo de Kant como marco referencial da passagem para a filosofia contemporânea, aquela que reflete as questões e realidades atuais, ou seja, a filosofia considerada a partir do tempo presente, dotada de maior pluralidade de posicionamentos e que exprime a complexidade das atuais formas de organização social. No pensamento adorniano, especificamente, o contemporâneo refere-se ao período marcado pela atuação da indústria cultural e pela imposição da lógica mercantil, coincidindo com o imperativo das sociedades capitalistas avançadas, nas quais os meios de comunicação de massa adquirem força de influência sobre a formação e o desenvolvimento de sujeitos e indivíduos.

Nas sociedades atuais, constata-se a chamada emergência da subjetividade, que modifica o modo de perceber, de interpretar e de relacionar-se consigo mesmo dos sujeitos, e também com as pessoas, com a natureza e com o mundo. Por outro lado, diagnostica-se uma fragilização do eu, do ego, da subjetividade: fragmentação, interferências sociais, exploração dos sentimentos e afetos, doenças subjetivas e alienações, tendências agressivas e desequilíbrios, dúvidas e questões abertas nas relações intersubjetivas, entre tantas outras preocupações vivenciadas por homens e mulheres na contemporaneidade.

Postuladas e explicitadas por Theodor Adorno na obra *Dialética negativa*, a tensão e a polêmica entre a primazia do sujeito e o primado do objeto são, por assim dizer, o centro de nossa pesquisa, que deseja evidenciar o nexo da posição epistemológica do filósofo alemão como fundamental para se pensar as possibilidades de intervenção na práxis social e o processo emancipatório do sujeito na contemporaneidade. A primazia do sujeito tem uma forte tradição na história das filosofias moderna e contemporânea, sobretudo em seus contornos idealistas e positivistas, por afirmarem um modo de racionalidade e uma forma de compreensão da posição do sujeito na história. A posição crítica de Adorno em relação à primazia do sujeito nas filosofias moderna e contemporânea oferece um argumento muito distinto e original para a teoria do conhecimento e sua epistemologia – o primado do objeto apresenta consequências significativas que alteram a maneira de compreender e situar o sujeito no conjunto social estabelecido e na sua relação com a alteridade.

É importante considerar que a pesquisa sobre a temática que ora propomos tem se desenvolvido com diversos enfoques e abordagens tanto nas diversas áreas filosóficas, como na antropologia, na filosofia da educação e na epistemologia, como em diálogo produtivo com as ciências, como no caso da psicanálise, das ciências da educação, da sociologia, da história e em outras abrangências das ciências humanas. Nesse sentido, é fundamental a postura humilde, mas decidida de acolher o já produzido e elaborado com o intuito de também poder oferecer alguma contribuição que tenha pertinência e significado. O diálogo entre pesquisadores e o intercâmbio de ideias que ele favorece levam ao amadurecimento intelectual, promovendo a consciência da missão do educador e do produtor de conhecimentos – o que se consegue produzir ao longo de um doutorado apresenta sua relevância não apenas pelo esforço pessoal do doutorando, mas alude um trabalho de elaboração, pesquisa e diálogos significativos com os mais diversos interlocutores e pesquisadores.

O caminho a ser percorrido para a compreensão do sujeito contemporâneo em uma perspectiva crítica e dialética terá como parte inicial a recuperação dos antecedentes e contribuições significativas para o desenvolvimento do pensamento de Theodor W. Adorno, sobretudo nos aspectos concernentes aos temas *sujeito* e *subjetividade*. O filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard em seu enfoque na questão do particular e no modo de fazer filosofia, influenciou a elaboração filosófica de Adorno. A psicanálise e o pensamento de Sigmund Freud também são inegáveis contributos para a teoria social com foco no particular desenvolvida por Adorno,

tornando-se indispensáveis para a abordagem das questões subjetivas e inconscientes relativas ao enfrentamento das problemáticas da violência, da agressividade e da barbárie, e sua colaboração específica para o estudo da cultura e da arte. A subjetividade madura e desenvolvida, o companheirismo e a personalidade forte do filósofo Max Horkheimer são igualmente fundamentais para a elaboração da filosofia crítica e social de Adorno.

Na sequência, no segundo capítulo, abordaremos a interpretação de algumas questões relevantes do sujeito na contemporaneidade. A inflexão em direção ao sujeito, postulada por Adorno no contexto da cultura de massas e nas determinações da indústria cultural, será evidenciada como indispensável para refletir criticamente acerca do sujeito, sobretudo quando se deseja recuperar a dimensão subjetiva enquanto lugar do pensar crítico e emancipador. A relação controversa entre sujeito e objeto no conhecimento, o primado do objeto na sua relação com a primazia do sujeito e as questões pertinentes à epistemologia serão discutidos com profundidade e esmiuçados teoricamente. O sujeito diante da indústria cultural, a mercantilização da cultura e os poucos espaços para um processo de subjetivação sadia são outras temáticas a serem refletidas, e também são necessárias para situar o sujeito contemporâneo no âmbito de suas relações sociais. Os aspectos sombrios do sujeito e da subjetividade no enfrentamento do significado de Auschwitz e o tema da barbárie nas sociedades contemporâneas ramificam-se em inúmeros questionamentos, que também serão refletidos criticamente no transcurso de nossa tese.

O terceiro capítulo será dedicado à abordagem da questão do conhecimento a partir do primado do objeto, situando o sujeito na dialética negativa de Adorno. O primeiro ponto de nossa análise se atém à questão da relação entre o conhecimento e a dialética negativa, explicitando a posição adorniana, que se contrapõe às posturas idealistas e positivistas e elucida diversos aspectos da discussão proposta. O segundo ponto versa sobre o materialismo reinterpretado por Adorno, postulando o primado do objeto e a sua marcante sensibilidade no que concerne à dor e ao sofrimento. Esse ponto da reflexão será subdividido em outros quatro, procurando detalhar o desenvolvimento de diversos aspectos da concepção epistemológica do filósofo alemão. O primeiro elemento de reflexão tornará manifesto e aprofundará a expressividade do corpo no pensamento crítico, e como o elemento somático encontra guarida e valor no pensar adorniano. O segundo ponto reflexivo discutirá o *telos* da negação do sofrimento na sua relação com o primado do objeto, apresentando o modo

como Adorno reflete e estabelece critérios para pensar em possibilidades utópicas e novas formas de organização social. O ponto terceiro será dedicado à grande problemática epistêmica da primazia do sujeito e do primado do objeto a partir da reflexão encetada por Adorno na dialética negativa, evidenciando que o caminho para um conhecimento dialético passa necessariamente pelo primado do objeto. O quarto aspecto procurará esclarecer e explicitar o primado do objeto nas suas implicações com o conhecimento, mas ao mesmo tempo evidenciar as possibilidades emancipatórias do sujeito crítico na teoria adorniana. O terceiro capítulo apresentará ainda a questão da experiência como fundamental para o pensamento crítico e a teoria como práxis transformadora. Concluindo, discutiremos o sujeito crítico e a filosofia negativa como caminhos abertos para se pensar o futuro do sujeito nas sociedades contemporâneas.

O tema do sujeito contemporâneo já é postulado em uma tensão dialética que estabelece critérios interpretativos para mostrar que o homem e a mulher transitam em um universo de possibilidades tão mesquinho e regressivo como dinâmico e emancipatório, e reflete o modo como ambos enfrentam a questão do conhecimento e a tendência à barbárie. Também é comum encontrar indivíduos que conhecem, interpretam e pensam a subjetividade a partir da razão instrumental, afirmando a ciência, a técnica e a tecnologia como modelos únicos de conhecimento, com isso, são as noções preexistentes que pautam boa parte das relações sociais, reproduzindo e confirmando os modos de produção das sociedades capitalistas. Porém há sujeitos críticos, cuja postura autorreflexiva os conduz a interpretar e decifrar as condições objetivas e subjetivas presentes na sociedade desvendam ou procuram compreender dialeticamente a dissimulação e o engodo praticado com astúcia pela indústria cultural. Mercantilizados com a aparência encantadora de embalagem “cultural”, os produtos que são oferecidos se tornam, por assim dizer, uma tentação aos olhos dos ávidos consumidores. O que será preciso explicitar em tal processo de ofuscação é que todos os artefatos *encantados* não passam de uma artimanha de mercado, porque neles não existe mais nenhum traço definido ou mesmo vestígio do que um dia fora chamado cultura.

Quando as pessoas se deparam com as estatísticas da violência, com as situações trágicas e dramáticas da vida e com as formas da agressividade comuns ao meio social contemporâneo, elas se deparam com números, mas também com indivíduos que parecem ter perdido a própria humanidade. Ou será que tudo isso é

tão compreensível quanto o amor e a ternura e podem ser experimentados para a realização do ser humano? Quando se olha para o passado – e não é preciso ir muito longe para encontrar será possível perceber que a humanidade protagonizou momentos sombrios e bárbaros que poucos querem recordar porque lhes causa um mal-estar e é muito difícil de enfrentar. A barbárie vivida em Auschwitz, por exemplo, tornou-se um símbolo de todas as formas de massacre empreendidas contra a humanidade, e hoje representa, para horror de muitos, tanto o genocídio como as práticas violentas impensáveis que chegam ao mais grotesco e insólito da humanidade.

A abordagem das influências do social sobre a formação do sujeito e a constituição da subjetividade percebida como uma construção social são aspectos que não podem passar despercebidos – a partir de outra ótica se poderá compreender a subjetividade como o lugar onde o sujeito é constituído, e também a sua autonomia e sua possibilidade de liberdade. O sujeito contemporâneo apresenta posturas diversas e dependentes do modo como se situa e posiciona-se diante do conhecimento e da formação social vigente. De um lado poder-se-á encontrar uma postura passiva e conformada, e de outro uma perspectiva de interação criativa, autônoma e capaz de intervir propositivamente nos rumos da história. Devemos ainda dizer que por meio da pesquisa filosófica e da autorreflexão crítica deseja-se dar continuidade ao esclarecimento das possibilidades do ser humano enquanto sujeito crítico e interpretador do mundo contemporâneo, no sentido de sua emancipação, frente ao processo social administrado, exógeno e heterorregulado.

## 2 ANTECEDENTES E CONTRIBUIÇÕES SIGNIFICATIVAS

“Quando tu te exteriorizas, manténs a ti próprio!”  
Theodor Adorno

“O amor é uma determinação da subjetividade, contudo, os amantes são tão raros!”  
Kierkegaard, O conceito de Angústia

Os antecedentes que permitiram a compreensão do sujeito e a subjetividade no pensamento de Adorno poderão ser encontrados em diversos trabalhos de pensadores que influenciaram seu modo de fazer filosofia e interpretar o mundo. Foram escolhidas apenas três contribuições consideradas relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, tendo em perspectiva o tema escolhido.

O pensador e filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, o qual teve uma influência bastante significativa nos primeiros anos da trajetória acadêmica de Theodor Adorno e que com frequência continuou sendo citado e criticado por ele, teve influência direta no estilo e no modo como Adorno produziu sua filosofia. Kierkegaard é um pensador simultaneamente calmo e provocativo, por isso mesmo, muito original e particular (como ele gostava de se apresentar). No que tange ao sujeito e à subjetividade torna-se evidente a importância da interioridade em Kierkegaard, seja em seu pensamento ou pelo modo de experimentar a vida. A obra de Kierkegaard cativou intelectualmente Adorno que soube admirar e apreciar a sua personalidade singular.

A psicanálise e o pensamento de Sigmund Freud, assimilados como contribuição das ciências no diálogo com a filosofia contemporânea por meio de uma interpenetração criativa e produtiva são indispensáveis para o estudo das problemáticas subjetivas, ainda que relacionadas com o social. Deve-se ainda assinalar que a forma de pensar frankfurtiana tem como marca o contributo psicanalítico no âmbito das interpretações sociais e subjetivas. O tema do sujeito e da subjetividade transitam tanto na filosofia como na psicologia, mais especificamente no campo de abrangência da psicanálise, abrindo perspectiva para uma reflexão crítica imanente e interdisciplinar. Será importante também o contributo da psicanálise na análise dos processos e condições subjetivas, no que diz respeito à tendência à barbárie e dos eventos graves da contemporaneidade, bem como nos aspectos e fenômenos subjetivos que nos remetem a mecanismos inconscientes que dificultam e obstaculizam a interpretação e o esclarecimento no âmbito social e individual.



O terceiro inegável contributo e influência é o do pensador Max Horkheimer e da teoria crítica concebida por ele. Adorno foi partícipe do desenvolvimento da teoria interpretativa crítica e negativa de Horkheimer, que surpreendeu o pensamento e a filosofia no século XX pela radicalidade, capacidade de decifração e desmitificação das sociedades capitalistas tardias. Outro aspecto é o da relação de amizade e companheirismo entre ambos, desenvolvida durante os 40 anos de elaboração da supracitada teoria a produção filosófica de Horkheimer deixou marcas de grande significado na subjetividade de Adorno e no seu fazer filosófico.

## 2.1 O CONTRIBUTO DE KIERKEGAARD PARA A FILOSOFIA CRÍTICA

“Quando falta a interioridade, o espírito é reduzido à finitude!”  
Kierkegaard, O conceito de angústia.

De início, é preciso reconhecer que o pensamento de Kierkegaard foi muito caro e amplamente considerado por Theodor Adorno, e certamente teve influência, por assim dizer, no desenvolvimento do projeto filosófico da Escola de Frankfurt. Algumas atitudes e mesmo posturas próprias do autor dinamarquês, também seu modo de fazer filosofia, tiveram especial ressonância na filosofia contemporânea e mais especialmente na obra de filosofia de Adorno. As migalhas, os aforismos, os fragmentos filosóficos, a maneira de se colocar, contrária ao sistema, a questão do indivíduo diante do absoluto, a valorização do particular e do individual, entre outras tantas são intuições e aprendizagens que permanecem e alcançam novos e diferentes patamares, posteriormente, na teoria crítica da sociedade e, particularmente, na obra *Dialética negativa*.

Entendemos que também é importante mencionar a contribuição, e compreender as aproximações, do pensamento de Sören Kierkegaard na elaboração teórico-crítica de Adorno. A referência particular é ao Professor Doutor Álvaro Montenegro Valls, pesquisador reconhecido por sua produção filosófica e importante tradutor das obras kierkegaardianas – sua pesquisa descortinou um diálogo profícuo entre dois dos grandes luminares do pensamento ocidental, que foram e são Theodor Adorno e Sören Kierkegaard, e pode oferecer muitas indicações significativas quando se tematizam a subjetividade, a interioridade e o sujeito crítico nas sociedades contemporâneas.

O diálogo, as tensões e as aproximações entre ambos não têm apenas significância para quem pesquisa particularmente os dois autores, mas são pertinentes por trazerem à tona, com força, o particular e a singularidade na expressividade de suas diferenças, em tempos nos quais o princípio da identificação e o processo de massificação procuram anular as diferenças e igualar todos os indivíduos pela via do consumo. Kierkegaard demonstrou sensibilidade em relação ao particular e viveu isso de maneira muito singular, oferecendo um antecedente e um legado que serão fundamentais para a compreensão da profundidade e do alcance que a postura adorniana introduziu no pensamento crítico negativo.

Adorno lembra que o próprio Kierkegaard autoproclamou-se, modestamente e orgulhoso, um indivíduo particular:

Um pequeno pensador privatizante, um caçador de problemas especulativos, que habita como um pobre inquilino um quarto de sótão bem lá em cima, num enorme casarão sentado em seu pequeno tabique, preso a pensamentos que lhe parecem difíceis. (ADORNO, 2010, p. 113)<sup>1</sup>.

Ao definir-se como *pequeno pensador privatizante*, Kierkegaard também deixa margem para a compreensão de algo que lhe é importante: assumir o fragmento, o pequeno e o sofrimento como possibilidades de interpretação que parecem encontrar eco nas condições operativas daqueles que o precederam. Na obra *Dialética negativa* e em diversos escritos, Adorno faz considerações sobre o pensamento kierkegaardiano e também críticas em relação ao que o autor dinamarquês escreveu e interpretou, trazendo à tona seu contributo à filosofia. Sobretudo é importante lembrar a força que o particular e o subjetivo, o individual e o próprio do sujeito adquirem no pensar adorniano conceitos que podem ser considerados oriundos, em parte, dessa assimilação e influência.

Na obra *Pós-escritos às migalhas filosóficas*, Kierkegaard reflete sobre o pensador subjetivo, um sujeito que distingue os aspectos diversos da sua existência. Nesse sentido se faz presente, ainda que de forma tênue, o procedimento dialético, acentuando que a negatividade necessária à reflexividade. Vejamos como ele elabora a questão:

---

<sup>1</sup> O texto de Adorno, *Kierkegaard, construção do estético*, foi apresentado em sua livre-docência na Universidade de Frankfurt.

Mas o autêntico pensador subjetivo existente é sempre tão negativo quanto positivo e vice-versa: ele é sempre o mesmo ao longo de toda a sua existência, e não de uma vez por todas em uma quimérica mediação. Sua comunicação está de acordo com isso, de modo que, por ser extraordinariamente comunicativo, não venha ele, irrazoavelmente, a transformar a existência de um aprendiz em algo distinto do que é, basicamente, uma existência humana. Ele está ciente da negatividade do infinito na vida, ele sempre mantém aberta a ferida da negatividade, a qual, às vezes, é o fator de salvação (os outros deixam a ferida fechada e se tornam positivos – enganados); na comunicação ele expressa o mesmo. Ele não é, portanto, jamais um mestre, mas um aprendiz, e se é continuamente tão negativo quanto positivo, está sempre se esforçando. (KIERKEGAARD, 2013, p.88).

O pensador subjetivo para Kierkegaard é aquele que justamente descobre a negação como parte do processo reflexivo e crítico, pois a análise positiva passa a ser considerada um engano, uma incapacidade de interpretar e compreender a realidade. Na medida em que o sujeito se assume como pensador subjetivo, ele se põe na dinâmica do aprendiz, e não do mestre, do que está aberto ao conhecimento, e não na posição de quem sabe. Assumir a postura dialética que contempla, sobretudo, a negatividade, o não conceituado e o não idêntico será fundamental para Adorno na elaboração de sua dialética negativa. Outra característica significativa no pensar kierkegaardiano é o devir:

Aquele que é existente está continuamente em devir: o pensador subjetivo verdadeiramente existente repercute isso continuamente, pensando, em sua existência, e investe todo o seu pensamento no devir: dá-se aqui o mesmo que no caso de alguém ter estilo. Só tem realmente estilo aquele que nunca deixa algo pronto, mas agita as águas da linguagem a cada vez que começa, de modo que, para ele a expressão mais cotidiana brota com a originalidade do recém-nascido. (KIERKEGAARD, 2013, p. 89).

O devir contempla a perspectiva dinâmica da realidade em constante movimento e transformação, contrariedade e contradição. Pensar subjetivamente é pensar a partir do devir das coisas e acontecimentos. O exemplo apresentado por Kierkegaard para falar do permanente devir torna-se interessante para defini-lo: o pensador subjetivo não se deve adequar aos padrões estabelecidos, e sim procurar algo próprio, original e singular, manter-se subjetivamente independente, não importando os padrões comportamentais genéricos e impostos. Tal modo de pensar tem um potencial criativo e bastante produtivo no que concerne à constituição subjetiva, considerando-a numa perspectiva de autonomia e liberdade. Adorno, por exemplo, tornou-se um pensador subjetivo e interpretou de forma diversa, autônoma e propositadamente inadequada aos padrões dominantes de seu tempo,

estabelecendo por isso uma crítica imanente aos processos de produção e reprodução social na contemporaneidade.

Para compreender de modo mais objetivo e sistemático a noção de subjetividade e compreensão da importância dada ao sujeito em Adorno, será significativo considerar a sua trajetória acadêmica, e nela destaca-se a influência do pensamento de Kierkegaard, principalmente no que diz respeito a essas noções. A tese *per Licenciado Adorno: Kierkegaard, construção do estético*, deixou uma marca na sua produção filosófica. Nos capítulos “Constituição da interioridade” e “Explicação da interioridade”, o autor se atém a aspectos relevantes da vida em sua dimensão privada e interior. Quando aborda o *interieur*, a dimensão da interioridade humana a partir do pensamento de Kierkegaard, Adorno alude a categoria de *coisificação*, que ajuda a elucidar as condições às quais estão submetidos os sujeitos e suas subjetividades nas sociedades capitalistas tardias.

Para explicar historicamente a imagem do “interieur” seria necessária uma sociologia da interioridade, cuja ideia só é paradoxal na aparência. A interioridade se dá como restrição da existência humana a uma esfera privada que deve estar liberada do poder da coisificação. Mas, como esfera privada, ela mesma pertence à estrutura social, mesmo que de modo polêmico. (ADORNO, 2010, p. 113).

A referência à sociologia, para elucidar os aspectos da particular relação estabelecida entre o sujeito e sua mais íntima estrutura na interação significativa que estabelece com o social, se apresenta como fundamental para um delineamento histórico-crítico e autorreflexivo. O autor continua traçando a característica da interioridade como restritiva à existência, pois é colocada em uma esfera privada. Mas ele ao mesmo tempo postula sua maior e mais forte possibilidade ao declarar que o âmbito singular e privado se encontra livre da coisificação. Contrapondo-se ao processo de coisificação, a filosofia do sujeito e a da subjetividade dever-se-iam ater ao tema com acuidade e atenção particular, pois implicam uma inflexão em direção ao sujeito em sua esfera privada, na qual se encontra uma condição de não submissão aos padrões da indústria cultural e ao processo de coisificação. Aproveitar melhor essa potencialidade e esse espaço da interioridade, como possibilidade a partir do qual se possa investir numa perspectiva emancipadora e fortalecedora de sujeitos autônomos e livres, pode ser interessante e produtivo do ponto de vista reflexivo e crítico, mas sobretudo quando se pensa em processos de formação e emancipação.

O modo polêmico como a interioridade, apesar de estar numa esfera privada, mas simultaneamente referenciada por sua relação com a estrutura social, diz respeito ao contraditório que se anuncia a partir do lugar particular do sujeito que é ao mesmo tempo um sujeito social e igualmente um sujeito singular e diferenciado.

Elucidar a concepção de coisificação torna-se relevante, pois a subjetividade e o sujeito só poderão ser evidenciados na medida em que sejam superados ou contrapostos ao processo de coisificação, que é oriundo do processo social administrado. A questão da coisificação é pertinente à reflexão adorniana, sobretudo porque ele a postula como fenômeno social e parte da teoria crítica da sociedade desenvolvida pela escola frankfurtiana. Valls analisa essa concepção, justamente na obra *Kierkegaard, a construção do estético*, de Adorno, e apresenta uma interpretação de seu significado:

A concepção de coisificação, nessa obra de Adorno sobre Kierkegaard, enraíza-se, como todo o seu ponto de vista interpretativo, num contexto marxista. Diferentemente do que ocorria nos escritos iniciais do estudante Adorno, como discípulo do neokantiano Hans Cornelius, a coisificação é agora compreendida como um fenômeno social, pertencente mais à teoria da sociedade do que a gnosiologia. A coisificação tem aqui uma razão socioeconômica. A dominação da mercadoria transforma, tendencialmente, toda a realidade, enquanto os homens, que sem exceção vivem e trabalham dentro de uma certa forma de produção social, são coagidos a alienar-se. (VALLS, 2002, p. 85)<sup>2</sup>.

A compreensão da coisificação própria às sociedades capitalistas tardias, a partir da dominação da mercadoria ou da mercantilização, não só das relações de produção, mas também da cultura, evidencia a dramaticidade da existência humana no contexto social capitalista: a alienação se torna um *modus vivendi* nesse sistema. As transformações que a mercadoria opera na sociedade atingem a realidade como um todo, embora o seu contraditório também esteja presente, oferecendo brechas e possibilidades de se contrapor a essa determinação. A coisificação está vinculada ao processo produtivo – *tem a sua razão econômica* –, mas se estende para além das relações de produção e chega ao âmbito da cultura, ou seja, aproxima-se da esfera onde se dá prioritariamente a reprodução das relações produtivas na sociedade. Entra-se no âmbito da chamada superestrutura social. Ao desenvolver uma análise social avançada e consistente, Adorno avança em direção a uma teoria crítica da

---

<sup>2</sup> O Prof. Dr. Alvaro Valls leciona no curso de Pós-graduação em Filosofia da Unisinos, em São Leopoldo (RS). É também renomado tradutor das obras de Sören Kierkegaard.

sociedade, procurando interpretar o social para além de sua dimensão econômica, e mostra, sobretudo, como a cultura foi sendo subsumida e apropriada pela dinâmica mercadológica. Valls, na obra *Estudos de estética e filosofia da arte – numa perspectiva adorniana*, detalha o alcance da pesquisa do integrante da Escola de Frankfurt:

Adorno supõe, naturalmente, a análise econômica e se dedica àquilo que se costuma chamar de superestrutura, o mundo cultural construído sobre esta base econômica. Há, aliás, uma razão objetiva bastante forte para esta mudança de perspectiva: o capitalismo contemporâneo conquista sempre mais espaços na área da superestrutura, a mercadoria impõe sua forma não só na produção, mas na reprodução e no consumo, não só no trabalho, mas também no lazer, não só na fábrica, mas também nos lares, não só nos produtos chamados materiais, mas também nas realizações chamadas tradicionalmente espirituais. (VALLS, 2002, p. 99).

Destacando como o domínio da mercadoria se estende à superestrutura societária, o pensamento adorniano vai direcionar-se, com atenção prioritária, às formas de reprodução e consumo, sobretudo no que diz respeito a âmbitos não comumente considerados significativos, como o do lazer, o dos lares e das realizações espirituais. A mercadoria impõe sua forma à totalidade das relações (produção e reprodução) estabelecidas nas sociedades avançadas, também às relações intersubjetivas. O sujeito e a subjetividade contemporâneos estarão implicados de alguma forma à abordagem superestrutural, seja enquanto capazes de se contrapor ou manter sua autonomia diante do sistema e dos padrões estabelecidos, ou enquanto adequados à sociedade administrada nas formas de alienação e coisificação.

Parece relevante compreender como o processo de coisificação e o domínio da mercadoria interferem na formação do sujeito e na constituição de sua subjetividade, de tal modo que se possa saber enfrentar de maneira crítica e afrontar com inteligência as problemáticas oriundas dessa determinação social em vista de verificar, salvaguardar e promover suas reais possibilidades emancipatórias. Valls expõe o tema, em sua pesquisa sobre a constituição do pensamento adorniano, de maneira questionadora e intrigante:

Se queremos permanecer sujeitos ou vir a sê-lo, temos de compreender corretamente a “objetividade”. Se, pois, o capitalismo é uma efetividade, uma realidade forte, se sua lógica (talvez muito ilógica) se desenvolve historicamente, se ele consegue despertar forças que produzem poder alienante, isto é, neste caso, dominação do objeto sobre o sujeito, se essa força, esse poder, é real e concreto e penetra em toda a sociedade – até

mesmo nas regiões sublimes como a da música – então não cremos ter o direito de compreender a subjetividade fora de uma dialética histórica. Subjetividade ou autoconsciência fora da história real, fora das relações ou condições sociais, não é outra coisa senão fantasia. (VALLS, 2002, p. 130).

Esse é o dilema ao qual nós todos somos submetidos quando enfrentamos a complexidade do pensamento adorniano. A visão abrangente da sociedade objetiva mostrar as tendências dominantes do contexto analisado e interpretado, o que não significa que não existam lacunas e brechas, rachaduras e possibilidades para o processo de subjetivação e para a autonomia dos sujeitos. A dialética negativa apresenta um prisma a partir do qual se compreende tanto o abrangente, em sua perspectiva universal, quanto o seu contraponto negativo, que protestará, pois ele parte do particular e do não conceitual. De qualquer modo, é necessário admitir a força da estrutura capitalista e suas formas cada vez mais sutis e elevadas de reprodução social. A compreensão oriunda da dialética negativa permitirá elucidar e esclarecer os mecanismos e as formas com as quais o domínio e a coisificação atuam, abrindo perspectivas e possibilidades para os sujeitos resistirem e se contraporem à sociedade administrada. A sutileza das formas de dominação que a indústria cultural adquiriu ao penetrar os âmbitos mais sublimes das criações artísticas, religiosas e intelectuais, marcando a cultura com os traços mercantis e transformando-a em semicultura, deixa perplexa qualquer pessoa que tenha desenvolvido a autoconsciência. De outro lado, será fundamental que os sujeitos criadores e produtores dedicados à formação cultural (*Bildung*) e à cultura (*Kultur*) possam dar continuidade à criação e à formação cultural a partir de uma perspectiva de resistência e de afirmação de valores transformacionais e revolucionários, que são próprios da cultura, no sentido mais pleno da palavra.

Na obra *Dialética negativa*, Adorno menciona que a categoria da decisão ganha importância no âmbito social, mas, ao mesmo tempo, são solapadas suas possibilidades objetivas ao se considerar a distribuição social do poder. “Quanto menores se tornaram as chances objetivas oferecidas a ela pela distribuição social de poder, tanto mais exclusivamente ele passou a clamar pela categoria kierkegardiana da decisão” (ADORNO, 2009, p.49).

A categoria da decisão é por demais importante e significativa no pensamento do filósofo Kierkegaard: a decisão remete ao mais individual e particular de um eu, ao indivíduo, à sua singularidade. Portanto, é o sujeito, a partir de sua própria

subjetividade, quem precisa decidir, não se submetendo às pressões e condições sociais objetivas. Para isso, ele terá de manter sua capacidade autorreflexiva, crítica e dialética. A autenticidade do sujeito, do indivíduo expressa-se na coerência e no equilíbrio entre o seu modo de pensar e a vivência social dos valores, princípios e crenças. A dialética negativa esclarece que a categoria da decisão (Kierkegaard) do sujeito, que conhece e interpreta o mundo criticamente, é uma necessidade, um ponto de partida a partir do qual ele (o sujeito) passa a existir de forma inadequada ao processo identificador e totalizador da indústria cultural.

Ainda na dialética negativa, o pensador frankfurtiano, refletindo a respeito dos limites e alcances do existencialismo, diz: Se o existencialismo ensina mais do que uma tautologia, então ele se compromete com a subjetividade que é por si enquanto aquilo que é unicamente substancial. (ADORNO, 2009, p. 51).

O contributo do pensamento do filósofo dinamarquês à compreensão de subjetividade, em Theodor Adorno, é por demais produtivo do ponto de vista da filosofia e da reflexão crítica. Pode-se considerar inicialmente que a influência e o contributo de Kierkegaard ao pensamento de Adorno, no que se refere ao sujeito e à subjetividade, foram fundamentais para que o filósofo frankfurtiano estivesse atento, em sua pesquisa, ao particular, ao pequeno, ao sofrimento.

Do ponto de vista metodológico, poder-se-á aludi-lo à visão antissistema, contrário aos absolutos do idealismo, mas, ao mesmo tempo, à manutenção da perspectiva sistemática de um pensar reflexivo e consistente. No estilo e na forma literária, Adorno também herdou em parte um antipadrão diferencial: se em Kierkegaard foram as migalhas filosóficas, nele são os fragmentos, aforismas e ensaios que foram trazidos ao fazer filosófico um estilo e formato mais aberto, arejado e capaz de refletir o cotidiano da vida das pessoas.

Outra dimensão interessante do interpretadordinamarquês é a dimensão ética, que para ele claramente brota da interioridade não preocupada em ser percebida, mas livre para o agir fundado nas relações sociais e nas opções particulares do indivíduo, em seu percurso inovador e singular.

O ético é a interioridade, e quanto menor for o âmbito em que é visto, desde que seja visto de fato em sua infinitude, tanto melhor será visto; enquanto que aquele que pensa que precisa ter o cenário decorado com o histórico universal para com isso, como acha, vê-lo melhor, mostra com isso mesmo que é eticamente imaturo. (KIERKEGAARD, 2013, p. 148).



O ético segundo Kierkegaard é a interioridade, é no sujeito relacional, nas suas decisões, ações e atitudes que reside a eticidade, muito embora seja indispensável considerar o âmbito mais amplo de suas relações e também da sua formação cultural e social. A imaturidade ética se torna clara e evidente no desejo de sobressair-se, mostrar-se (preparar o cenário soberbamente) e vangloriar-se de suas realizações. Só aparência e engodo. O que se apresenta como relevante nesse discurso kierkegaardiano é sua preocupação filosófica com os aspectos éticos e sociais, mas sempre partindo de um registro subjetivo, de uma percepção que tem sua morada no olhar crítico que também é capaz de contemplar o histórico universal, no entanto, sem jamais esquecer o particular de onde é proveniente. Theodor Adorno mantém essa perspectiva ética e a torna imprescindível em suas interpretações, movendo-se sempre em favor daqueles que foram descartados e esquecidos pelo sistema. Sua crítica se volta àqueles que são privilegiados e superestimam um poder sem escrúpulos e sensibilidade.

O foco no individual, no sujeito e a reflexão sobre a interioridade e a subjetividade tornaram perceptível e desafiador o contributo do pensador dinamarquês ao pensamento de Adorno. O contributo ou legado não se reproduz simplesmente nem se fixa, mas, ao contrário, torna-se base para um desenvolvimento ainda maior e mais significativo. Em Adorno se fez de modo próprio, singular e criativo, capaz de articular o amplo e o mais particular, o subjetivo e o social, em perspectiva crítica contundente, e um modo de interpretar indispensável e inimaginável, decifrando as armadilhas do existente.

Certamente será importante continuarmos aprofundando e pesquisando essa questão e, sobretudo, apresentar os aspectos limítrofes que Adorno considerou do pensar kierkegaardiano, evidenciando suas críticas, lacunas e ausências. Assim, nossa pesquisa pode avançar considerando outras influências que colaboraram de maneira relevante para o desenvolvimento do pensamento adorniano.

## 2.2 O CONTRIBUTO DA PSICANÁLISE E A FORÇA DO PENSAMENTO DE FREUD

“Se fosse possível uma psicanálise da cultura prototípica dos nossos dias,

tal investigação revelaria que a enfermidade atual consiste na sua normalidade.”  
Theodor Adorno, *Mínima moralia*

Quando são abordadas as questões do sujeito e da subjetividade, necessário se faz considerar a contribuição da psicanálise, já que o sujeito em sua dimensão subjetiva vivencia e experimenta a partir de suas necessidades e desejos. Os sentimentos, o modo como interpreta internamente os acontecimentos, as reações e as pulsões relativas à experiência dizem respeito a esse universo complexo de possibilidades. A psicanálise como conhecimento específico se detém, com acuidade, interesse e rigor, em torno de questões subjetivas significativas e fundamentais. Adorno, em sua vasta obra, deu importância e a considerou indispensável para a compreensão e o esclarecimento dos mecanismos subjetivos, e também para a análise das tendências e manifestações no âmbito das relações internas, intersubjetivas e suas repercussões na esfera social. Inclusive, será relevante analisar e refletir, tendo a psicanálise como referência interpretativa, as imbricações e influências que se estabelecem entre o sujeito e a sociedade, as interferências do social sobre os sujeitos e as possibilidades reais de intervenção dos sujeitos no caminho de sua constituição subjetiva, tendo em vista a sua maioridade. Consideremos inicialmente algumas palavras de Freud, em sua obra, *O malestar na cultura*, enfocando as diversas influências que sofrem e como vivenciam suas necessidades os sujeitos:

Contudo, a complicada construção do nosso aparelho psíquico também permite toda uma série de influências diferentes. Visto que satisfação dos impulsos equivale à felicidade, torna-se causa de grave sofrimento quando o mundo exterior nos deixa na indigência, quando se recusa a saciar nossas necessidades. (FREUD, 2010, p. 67).

As pessoas não se constituem isoladamente. A identidade, o modo de ser e interpretar o mundo e os fatos são sempre originados por um processo complexo e gradativo, no qual inúmeras influências precisam ser consideradas. Os seres humanos desejam alcançar a felicidade, esperam ser contemplados em suas necessidades e desejos. As sociedades contemporâneas são cada vez mais complexas, problemáticas e desafiadoras. A abordagem feita a respeito das influências da indústria cultural, e o modo por meio do qual ela produz necessidades novas e invade o universo dos desejos subjetivos mediante a lógica do consumo e a padronização dos comportamentos, são exemplos significativos que não podem ser desconsiderados.

Os sofrimentos dos sujeitos, ao tentar obstinadamente satisfazer suas necessidades e desejos, partem do aspecto contraditório da vida social, que, tantas vezes, adia a realização das necessidades e impõe infundáveis interdições e mesmo frustrações. O mal-estar da civilização e da cultura se origina desse processo social, que, ao mesmo tempo, provoca e mobiliza sentimentos, desejos e carências, mas da mesma forma impõe impedimentos e restrições para sua realização.

Adorno considera que também o corpo participa dessa realidade, na qual o prazer e o desprazer se manifestam. A dor e a negatividade experimentadas pelo ser humano dizem respeito ao pensamento dialético e o mobilizam:

Na dimensão do prazer e do desprazer, algo corporal se investe deles. Toda dor e toda negatividade, motor do pensamento dialético, se mostram como a figura multiplamente mediatizada, e por vezes irreconhecível do elemento físico, assim como toda a felicidade visa ao preenchimento sensível e à conquista nesse preenchimento sua objetividade. (ADORNO, 2009, p.173).

O elemento físico interage, interfere e não está alheio, ao contrário, provoca e desperta o desejo de alcançar sempre mais a felicidade e a realização de suas necessidades. Ao mesmo tempo mostra-se o lugar a partir do qual o pensar, que acolhe o contraditório e o não conceituado, pode se manifestar. A corporalidade em todas as suas dimensões participa dos procedimentos cognitivos, já que mobiliza esforços e se concentra tendo em vista a aproximação significativa que tem a verdade como desafio a ser permanentemente conquistado pela dinâmica da realidade e dos objetos. Assim, a dor e a negatividade se tornam motor desse processo, pois é no corpo que são experimentadas, em forma de desespero, angústia, contrição e ausência. Tal ausência se apresenta como um buraco, um vazio sem sentido que permanece aberto e desejoso de ser preenchido ou completado. Por isso o corpo inteiro é mobilizado, e não será possível esquecer por que essas experiências deixam marcas indeléveis na história e na memória. Conhecimento e experiência se conjugam em um conhecer que toca profundamente a dimensão corpórea.

O contributo freudiano é assimilado no pensamento adorniano, sobretudo, ele se utiliza, como um conhecimento esclarecedor das patologias subjetivas e sociais nas análises institucionais e nos processos regressivos das sociedades contemporâneas. Além disso, será importante considerar como os estudos de Freud contribuíram para a reflexão da cultura e das artes no âmbito das produções intelectuais de sua época. Nesse sentido, particularmente podemos recordar o

conceito de sublimação, o qual ofereceu um amplo espectro interpretativo às mais sublimes obras realizadas pelos seres humanos.

A contribuição da psicologia profunda de Sigmund Freud foi indispensável para os estudos sobre a personalidade autoritária, desenvolvidos por Adorno durante seu exílio nos Estados Unidos da América. Naquele país, o filósofo frankfurtiano continuou sua elaboração científica e filosófica e realizou uma pesquisa que se tornou conhecida e também polêmica, e que fora publicada em forma de ensaio. Em *A personalidade autoritária*, ele analisa o potencial arbitrário de sociedades ditas *democráticas*, enunciando também um conjunto de indicações significativas para a reflexão sobre a realidade subjetiva e objetiva dos sujeitos contemporâneos:

Pesquisas feitas nos EUA revelaram que esta estrutura de personalidade não se relaciona tanto assim com critérios econômicos e políticos. Ela seria definida muito mais por traços como o pensar, conforme as dimensões de poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de reflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência. Personalidades com tendências autoritárias identificam-se com o poder enquanto tal, independentemente de seu conteúdo. No fundo, dispõem só de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada pelos mesmos. (ADORNO, 2000, p. 37).

Poder-se-ia dizer que personalidades autoritárias apresentam, em geral, um déficit no que se refere ao seu próprio eu? Diversos estudos apontam para essa condição. A pessoa cuja personalidade apresenta tal tipo de patologia encontrará compensação em sua identificação com o poder. As características indicadas pela pesquisa de Adorno a impotência, a paralisia e a incapacidade de reação, a ausência de reflexão, entre outras – revelam, curiosamente, indivíduos com debilidade e dificuldade em lidar com questões mais complexas. Esse *pensar conforme as dimensões de poder* alude a realidades subjetivas bastante problemáticas, as quais encontram no autoritarismo uma forma de minimizar e satisfazer as deficiências vividas no âmbito interno. A identificação com os grandes coletivos será outra maneira compensatória de minimizar sua fragilidade.

Inúmeras são as possibilidades de trabalhar alternativas que se opõem ao domínio e aos processos padronizadores e alienantes da indústria cultural. No ensaio *Teoria da semicultura*, Adorno aborda a força dos grupos e dos âmbitos nos quais a autorreflexão crítica se mantém como uma forma de resistência ao sistema. Já em *A personalidade autoritária* ele se refere ao trabalho e à ação empreendidos no âmbito

das microrrelações, pois ainda que pareçam insignificantes, elas podem perspectivar saídas do padrão dominante: “Cualquier acción, aunque limitada en el espacio y el tiempo, que sirva para contrarrestar o disminuir el ánimo destructivo, debe considerarse como un microcosmos de un programa global eficaz” (ADORNO, 2006, p. 198).

O pensador da Escola de Frankfurt, preocupado com a questão das possibilidades de retorno à barbárie, investiga as condições subjetivas que possibilitam ações como as que aconteceram em Auschwitz:

Por tanto, queda demostrado que no podemos conseguir la modificación de la estructura potencialmente fascista por medios exclusivamente psicológicos. La tarea es similar a la de eliminar la neurosis, la delincuencia o el nacionalismo. Todos son producto de la organización global de la sociedad y sólo pueden modificarse con el cambio de la sociedad. (ADORNO, 2006, p. 199).

Esclarecendo que não se pode pensar em modificações de estrutura de personalidade potencialmente fascista somente a partir dos meios disponíveis pela psicologia, pois ela compreende que comportamentos como esse e outros que se lhe assemelham, como a neurose, a delinquência e o nacionalismo, são resultado da própria organização social, assim, para resolver essa questão, será também necessário modificar as sociedades. O importante desse argumento é dar-se conta que os sujeitos estão imbricados em seu ambiente sociocultural e sofrem determinações não só do modo de produção no qual estão inseridos, mas também das formas de domínio ideológico promovidos pela indústria cultural. Pode-se inferir disso que as sociedades capitalistas, seu modelo de desenvolvimento, sua racionalidade instrumental e o seu modo de organizar e elaborar conhecimento geram as condições que possibilitam o desenvolvimento de personalidades autoritárias e fascistas? Questionamentos e reflexões que estabeleçam o nexo entre uma visão abrangente e as situações psíquicas particulares dos sujeitos mostram a necessidade de um conhecer e pensamento que simultaneamente trabalhem questões de ordem social e psíquica, contemplando áreas diferentes do conhecimento em uma mesma perspectiva crítica e de conjunto.

Continuando a reflexão sobre o potencial fascista, o pensador frankfurtiano aponta uma perspectiva interessante, antecipando-se ao problema que esse tipo de

personalidade acarreta no social, propondo que as pessoas desenvolvam capacidades fundamentais:

Para cambiar el potencial fascista o, al menos, para contenerlo, debe producirse un incremento en la capacidad de las personas para verse a sí mismas y para ser ellas mismas. Esto no puede alcanzarse con la manipulación, a pesar de lo bien fundados que los mecanismos de la manipulación puedan estar en la psicología moderna.(ADORNO, 2006, p. 199)<sup>3</sup>.

Incrementar nas pessoas a capacidade de elas se verem a si mesmas, fortalecendo sua subjetividade de tal maneira que possam ser elas mesmas, procurando libertar-se de suas determinações sociais, parece ser o caminho para a recuperação do sujeito, e também a possibilidade de antecipar e prevenir a emergência de personalidades fascistas.

Poder-se-ia realizar trabalhos de formação cultural que estimulassem as condições para essa nova postura nas pessoas, principalmente por meio da autorreflexão crítica, sobretudo em relação aos processos de manipulação ideológica e psíquica. Contrapor-se aos padrões já constituídos de manipulação é mais complexo do que se pode imaginar inicialmente, o que não significa que não se possa fazer o trabalho de formação crítica preventiva. Parece ser indispensável para esse fim articular ações com profissionais da área psicanalítica considerando nossa proposição e diversas outras iniciativas possíveis de abordagem da problemática explicitada.

Retornando ao sujeito e à sua trágica situação diante da formação social, a eliminação da diferença nos sistemas totalitários poderá também ser percebida nos espaços onde a teoria crítica encontra possibilidades de realização e se mantém atual:

Na era da sua decadência, a experiência que o indivíduo tem de si mesmo e do que lhe acontece contribui, mais uma vez, para um conhecimento que simplesmente lhe estava oculto, na altura em que, como categoria dominante, se exhibia de um modo positivo e sem fissuras. Frente à unanimidade totalitária, que proclama como fito a eliminação da diferença, é possível que até algo da força social libertadora se tenha concentrado na esfera do individual. Nela se demora a teoria crítica, mas não com má consciência. (ADORNO, 1970, p. 7).

---

<sup>3</sup> Obra publicada nos Estados Unidos por Adorno e diversos pesquisadores, a saber: T. W. ADORNO; ELSE FRENKEL-BRUNSWIK; DANIEL J. LEVINSON; R. NEVITT SANFORD (1969): *The authoritarian personality*. Nueva York: Norton and Company. En colaboración con Betty ARON, María Hertz LEVINSON y William MORROW. Colección «Studies in Prejudice», editada por Max Horkheimer y Samuel H. Flowerman. xxxiii, 990 páginas [e.o.: 1950, Nueva York: Harper and Row]. Traducción de Julio A. del Pino Artacho (Dpto. Sociología I, UNED).

A experiência que o indivíduo tem de si mesmo, mesmo quando carregada de negatividade e de sofrimento, é valorizada pelo pensar adorniano como fonte de conhecimento. Os aspectos contraditórios da existência não podem ser desprezados e anulados, todavia podem ser pontos que evidenciam a dialeticidade da própria vida e sinalizam a necessidade de mudanças.

A esfera da análise e da reflexão sobre o individual e o subjetivo apresenta no atual momento histórico como uma perspectiva a ser desenvolvida e valorizada para a elaboração de uma *teoria crítica da sociedade*. É nela que a diferença, mesmo quando desconsiderada, não poderá ser eliminada, pois o âmbito da subjetividade e do indivíduo persiste como *o protesto do particular diante do universal* – é na crítica imanente que ressurge o sujeito enquanto singular e diverso, e é também nela que a particularidade experimentada pelo sujeito se impõe àquilo que universalmente foi considerado válido. Por ser imanente, o que significa que ao menos parte de sua realidade é concreta e particular, ela será capaz de contemplar a criatividade e a tenacidade do sujeito, o qual teima em se emancipar e se libertar da alienação e da instrumentalização operada por uma razão cega que transforma em mercadoria e fonte de lucro.

A questão da autonomia do sujeito e sua busca de afirmação no conjunto social vigente é outro aspecto que será considerado na continuidade de nossa reflexão. A associação que é passível de ser feita entre a questão do sujeito e a da autonomia deve ser clarificada para que noções não consolidadas jamais sejam usadas como pressupostos.

A psicanálise contemporânea avançou muito nos estudos das instituições e de novas tendências da contemporaneidade ao empreender seus esforços e pesquisas em análises institucionais e outras perspectivas de abordagem do problema, que partem da contribuição indispensável de Sigmund Freud e parecem significativas para a época atual. Como já foi aventado, o contributo da psicologia profunda encontra em tal argumento a expressão de maior relevância e significado.

Em entrevista ao Instituto Humanitas da Unisinos (IHU), o Prof. Dr. Mario Fleig abordou com propriedade o tema da autonomia do sujeito nas sociedades contemporâneas. Sua fala oportunizou uma reflexão interessante no âmbito dos estudos sobre a subjetividade, discutindo as possibilidades de autonomia do sujeito e também enfocando a perspectiva de delírio da autonomia e a dissolução dos fundamentos morais.

Autonomia, correlato do conceito de liberdade, é uma das maiores conquistas da modernidade, com já afirmara Hegel. Nossa proposta não é colocar em questão essa conquista, seja pela suposição de que ela seria a causadora dos infortúnios da vida coletiva atual e nem mesmo sugerir um retorno ao modelo de organização social pré-moderno. Contudo, os desdobramentos da autonomia têm produzido efeitos sociais e subjetivos inquietantes, em formas que se apresentam em novos ideais, configurados em modos de vida em que não haveria limites para nada, em que poderia se gozar a qualquer preço etc. Enfim, a autonomia alcança o limiar do delírio quando o ideal se orienta pela abolição da dimensão do impossível, isto é, o ideal de vida perseguido pressupõe que tudo seja possível. Outro traço que caracteriza o que passou a ser denominado de pós-modernidade é, além da recusa de qualquer limite, a descrença generalizada em qualquer referência que seja transcendente ao contexto vivido. O delírio de autonomia poderia ser descrito como a dissolução dos fundamentos da moral à medida que a consistência da alteridade desaparece (o outro já não conta como uma das referências que orientariam a vontade na busca do que seria bom para o próprio sujeito em seu convívio com o semelhante), assim como a dimensão da autorecriminação. Esta problemática da expansão da descrença em ideais partilhados e no outro, além do apagamento da autorecriminação e o advento do ideal de gozar a qualquer preço, requereria uma retomada cuidadosa da história da fundamentação da moral à luz da elaboração da noção de liberdade na modernidade. (FLEIG,2007, p. 1).<sup>4</sup>

Autonomia e liberdade são conquistas que foram assimiladas nas sociedades atuais. Por outro lado, ambas estão delineadas, em geral, a partir do prisma liberal. Ainda assim, elas adquirem relevância social expressiva, porém são temas que exigem e necessitam de aprofundamento e reflexão. Como diz Fleig a autonomia é uma das maiores conquistas da modernidade e das civilizações atuais – sua fala não pretende colocar isso em questão, mas refletir sobre alguns desdobramentos que têm causado mal-estar nas sociedades contemporâneas, o que é muito significativo. Conforme analisa o psicanalista, será importante perceber que esse avanço indiscutível e necessário apresenta seu reverso e gera uma contradição, podendo adquirir expressões obsessivas e patológicas. Nesse sentido, é possível dizer que hoje se tornam visíveis as debilidades e problemáticas subjetivas oriundas da fragilização egoica, da debilitação subjetiva e do enfraquecimento das possibilidades de real autonomia, iniciativa e decisão, nas sociedades avançadas, por conta da força que a indústria cultural exerce sobre os indivíduos. Na reflexão do professor Fleig pode-se constatar que estão presentes as questões relacionadas ao excesso ou ao delírio da autonomia: a busca de uma vida sem limites e sem restrições, tendo em vista o desfrute do momento e do existente, sugando da vida todas as possibilidades

---

<sup>4</sup> O Prof. Dr. Mario Fleig – docente do Curso de Pós-graduação em Filosofia da Unisinos, de São Leopoldo, RS, é membro da Associação Lacaniana Internacional.



de fruição e prazer. Seu pensamento se apresenta como muito pertinente, já que em situações diversas podemos constatar a exerceção e a onipotência do sujeito, configurando um verdadeiro delírio da autonomia.

Outro aspecto que surge como produtivo em sua reflexão é o que ele chama de dissolução dos fundamentos da moral pela perda da consistência da alteridade. Se o outro, a alteridade, já não se apresenta como uma referência relevante, a perspectiva de autorreferencialidade do sujeito e sua autonomia delirante encontram espaços e poderes para se manifestar. A percepção que esse tipo de comportamento manifesta e é resultado da abolição da dimensão do impossível e da dissolução da moral, o que permite ao sujeito liberar-se completamente de todas as restrições sociais e exagerar em suas pretensões subjetivas, desconsiderando os parâmetros de convivência social e comunitária. Esse delírio desemboca em desenvolvimentos complicados no âmbito da subjetivação e em patologias subjetivas sérias que se reproduzem no cotidiano social. A desresponsabilização e o chamado mundo sem limites são outros aspectos que eclodem socialmente. As patologias mais frequentes no que tange ao sujeito, nos dias atuais, atingem diferentes aspectos da vida e da corporalidade:

Ao lado de um crescente mal-estar na subjetivação ocorre a implementação de um mundo sem-limites, que se reflete em novos modos de desresponsabilização. Seus efeitos aparecem, em sua incidência subjetiva, nas patologias do espaço (fobias, síndromes de pânico), nas patologias da imagem corporal (hiperatividade, transtornos na relação com o outro), nas patologias da oralidade (demanda desmedida de direitos, disparidade na alimentação), nas patologias do tempo (homogeneização do tempo, apagamento das marcas históricas, fim das narrativas, depressão), no incremento da paranoia (lógica do um: ou eu ou ele, sem mediação possível) e nas formas de instrumentalização de si mesmo e do semelhante (o sujeito está convencido de saber sobre qual é o objeto adequado para seu gozo). (FLEIG, 2007, p. 1).

O conjunto das patologias mencionadas parece sinalizar uma formação social doentia, complexa e situada em período de crise no qual esse mal-estar oriundo da subjetivação se torna algo permanente e preocupante. O que se pode argumentar é que o sujeito contemporâneo experimenta um grande número de tensões e situações que o desafiam constantemente.

Este primeiro ponto de nossa pesquisa não tem como objetivo encontrar as soluções para todas essas realidades e problemáticas, mas justamente traçar as grandes questões e explicitar as situações mais significativas e críticas que envolvem o sujeito e o processo de subjetivação. Pode-se perceber que o contributo da

investigação psicanalítica é de grande importância para interpretar o conjunto das questões subjetivas e objetivas nas sociedades contemporâneas. Nessa breve reflexão apenas foram mostrados alguns aspectos do contributo psicanalítico para a abordagem dos temas referentes ao sujeito e à subjetividade contemporâneas. Ao longo do texto que segue, porém, em diversas oportunidades, apresentaremos elementos de interpretação a partir do contributo psicanalítico no pensamento adorniano. Poder-se-á inferir, portanto, que a partir do já explicitado a relevância dessa contribuição será esmiuçada, dando margem à interpretação dos fenômenos observados na sociedade administrada, considerando questões subjetivas e mesmo aspectos elucidadores da psicanálise no campo da cultura, das artes e das produções intelectuais.

### 2.3 O EU FORTE DO FILÓSOFO MAX HORKHEIMER E A TEORIA CRÍTICA

Uma contribuição forte e significativa que pode ser considerada no desenvolvimento do pensamento crítico, negativo e imanente que acompanhou o desenvolvimento do pensador frankfurtiano Theodor Adorno é a presença de seu companheiro e amigo, também dedicado à produção de conhecimento, Max Horkheimer e a teoria crítica social. O ensaio *Teoria tradicional e teoria crítica*, elaborado por ele, foi um marco na história da filosofia dialética contemporânea e determinou os rumos das pesquisas desenvolvidas no Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) de Frankfurt, mais conhecido por Escola de Frankfurt. Adorno inicia sua participação no grupo de pesquisadores quando Horkheimer era diretor da instituição em 1931, procurando inicialmente aproximar o pensamento marxiano com a psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud. Alguns dos pensadores mais marcantes da escola, ao lado de Horkheimer e Adorno, podem ser lembrados: Friedrich Pollock, Walter Benjamin, Erich Fromm, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Franz Neumann, Jürgen Habermas e, atualmente, quem preside o instituto é Axel Honneth, do chamado *Johann Wolfgang Goethe-Universität, Frankfurt am Main* (Universidade Johann Wolfgang Goethe, de Frankfurt).

Podemos dizer que a teoria crítica se contrapõe à teoria tradicional, destacando que a produção do conhecimento, antes, estava atrelada à manutenção das sociedades capitalistas tardias. A teoria crítica postula outra forma de conceber o conhecimento, procurando acolher o não idêntico e valorizar o objeto para além de

suas atribuições conceituáveis. A partir da reflexão crítica sobre a formação da sociedade capitalista, a teoria não pôde continuar a afirmar-se como independente e ou ainda deixar de posicionar-se no que diz respeito às relações sociais vigentes.

O desvelamento das implicações entre a produção de conhecimento e a base material da sociedade tornou explícito o caráter ideológico e reprodutivo da cultura a serviço da permanência e da perpetuação do modelo social existente. Max Horkheimer apresenta essa concepção de um modo claro e específico:

À medida que o conceito da teoria é pensado como independente, como algo que sai da essência da capacidade cognitiva, ou como algo que possui uma fundamentação a-histórica, ele se transforma em uma categoria coisificada e, por isso, ideológica. (HORKHEIMER, 2013, p.2).

A questão da força que vai adquirir a teoria para o pensamento de Adorno já estava muito presente no modo de interpretar e produzir teoria em Horkheimer – uma teoria densa e dotada de forte capacidade de negação das estruturas sociais dominantes, com acento e preocupação na questão do indivíduo. A dimensão crítica de Horkheimer terá uma influência marcante no pensamento adorniano. A crítica séria e contundente a todas as formas de ontologização a-históricas mostra-se como necessidade para o pensar responsável associado a um contexto de obliteração e ofuscação do real. Esse traço cultural, interpretativo e formativo próprio da formação cultural (*Bildung*), bem desenvolvida nos sujeitos, era uma característica em Horkheimer e será uma constante também em Adorno – a capacidade de identificar os aspectos ideológicos e de desfazer enganos e disfarces, ainda que caracterizados como científicos, foram e continuam sendo atributos imprescindíveis de um pensamento que se propõe a analisar e interpretar o existente social, nas formas como ele se apresenta, tendo em vista de como ele pode vir a ser. Outro aspecto perceptível nessa primeira reflexão de Horkheimer é a coisificação, que no texto é referida como categoria coisificada. A teoria crítica da sociedade se apresenta como frontalmente contrária ao processo de coisificação, pois esse aspecto é o resultado de uma racionalidade que retira dos sujeitos sua capacidade de interpretar e refletir sobre o real e os faz meros objetos ou coisas no universo do mercado.

Horkheimer traz à tona tal compreensão, desmitificando a relação entre o cientista e a indústria da cultura:

Afinal a relação entre hipóteses e fatos [na ciência natural] não se realiza na cabeça dos cientistas, mas na indústria. O cientista e sua ciência estão atrelados ao aparelho social, suas realizações constituem um momento da autopreservação e da reprodução contínua do existente, independentemente daquilo que imaginam a respeito disso. (HORKHEIMER, 2013, p. 2).

O atrelamento do cientista ao aparato social, para Horkheimer, é evidente e permite a compreensão da engrenagem de autopreservação e reprodução do existente. A racionalidade e o conseqüente ajustamento dos cientistas ou pensadores ao modo de produção capitalista industrial tardio e a sua radical negação serão, para Adorno, uma condição de existência e de inadequação, um *modus vivendi* imprescindível.

O descortinamento das contradições no âmbito da produção científica e na elaboração do conhecimento, presente nas sociedades contemporâneas, será um ponto relevante da provocação operada por Horkheimer ao destrinçar os nós da teoria tradicional:

A representação tradicional de teoria é abstraída do funcionamento da sociedade, tal como este ocorre a um nível dado da divisão do trabalho. Ela corresponde à atividade científica tal como é executada ao lado de todas as demais atividades sociais, sem que a conexão entre as atividades individuais se tome imediatamente transparente. Nesta representação surge, portanto, não a função real da ciência nem o que a teoria significa para a existência humana, mas apenas o que significa na esfera isolada em que é feita sob as condições históricas. (HORKHEIMER, 2013, p. 3).

A teoria tradicional aparenta ser indiferente ao caminho da sociedade, o que por certo revela sua adequação e compartilhamento com as bases da estrutura social injusta e excludente que ela apresenta. A chamada *neutralidade* ou *isenção* dessa teoria já representa um posicionamento em favor de sua manutenção e do seu funcionamento reprodutivo. Outra questão importante que encontra particular interesse em nossa pesquisa, e que esteve bastante presente na vida e no pensamento de Max Horkheimer, é o foco no indivíduo ou no sujeito ainda que considerado, maiormente, como sujeito alienado e tolhido de sua condição propriamente de sujeito. É fundamental entender que a teoria crítica procura compreender a dinâmica em permanente modificação da realidade, analisando a sociedade na forma como se apresenta atualmente e visando a realidade como ela poderia ser. Isso quer dizer que as coisas, ou melhor dizendo, os objetos apresentam potencialidades ainda não concretizadas e que são importantes de considerar para se

compreender o momento do existente social, com vistas ao que se poderá ainda alcançar. Nesse sentido, a teoria crítica possui um potencial que é, além de crítico, utópico, não no sentido de sua irrealização, mas ao contrário, postulando a sua potencialidade a partir de uma práxis transformadora na qual a teoria é uma forma de intervenção na práxis por destrinçar ou desvendar os obstáculos que impedem as mudanças de acontecer.

A questão da aparência presente nas sociedades burguesas, no que se refere à autonomia, oferece a ilusão de uma situação de liberdade aos sujeitos:

A aparente autonomia nos processos de trabalho, cujo decorrer se pensa provir de uma essência interior ao seu objeto, corresponde à ilusão de liberdade dos sujeitos econômicos na sociedade burguesa. Mesmo nos cálculos mais complicados, eles são expoentes do mecanismo social invisível, embora creiam agir segundo suas decisões individuais. A totalidade do mundo perceptível, tal como existe para o membro da sociedade burguesa e tal como é interpretado em sua reciprocidade com ela, dentro da concepção tradicional do mundo, afigura-se como uma sinopse de faticidade; eis que esse mundo existe e deve ser aceito. (HORKHEIMER, 2013, p. 2).

Max Horkheimer analisa e interpreta o modo como os sujeitos iludem-se a respeito de sua liberdade nas sociedades burguesas liberais. Mesmo os chamados sujeitos econômicos se mostram altivos em sua pretensão de senhores, mas estão de tal modo envolvidos nos mecanismos sociais que são tão ou mais determinados que os outros. A aparência de uma reciprocidade entre indivíduo e sociedade evidencia a total sujeição dos indivíduos ao modelo social capitalista. A crítica de Horkheimer à totalidade é assumida como característica própria da Escola de Frankfurt e é um aspecto importante no pensamento de Theodor Adorno, que junto de Horkheimer desenvolve a teoria crítica das sociedades capitalistas tardias (MUELLER, 2009, p. 214).

Boaventura de Sousa Santos, sociólogo renomado de nossa época, em um artigo intitulado “Porque é tão difícil construir uma teoria crítica”, reconhece a grandeza da teoria crítica elaborada por Horkheimer e sua atualidade, a fundamentar uma teoria crítica para os dias atuais:

Essas interrogações e essa busca estiveram sempre na base da teoria crítica moderna. Max Horkheimer definiu-a melhor que ninguém. Segundo ele, a teoria crítica moderna é, antes de mais, uma teoria fundada epistemologicamente na necessidade de superar o dualismo burguês entre o cientista individual produtor autônomo de conhecimento e a totalidade da atividade social que o rodeia: “a razão não pode ser transparente para

consigo mesma enquanto os homens agirem como membros de um organismo irracional”(HORKHEIMER, 1972, p. 208). De acordo com Horkheimer, a irracionalidade da sociedade moderna reside em ela ser produto de uma vontade particular, o capitalismo, e não de uma vontade geral, “uma vontade unida e autoconsciente”(HORKHEIMER, 1972, p. 208), [...] a luta por objetivos emancipatórios é intrínseca à teoria crítica, daí resultando que “a primeira consequência da teoria que reclama pela transformação global da sociedade é a instensificação da luta à qual a teoria está ligada” (HORKHEIMER, 1972, p. 219).(SANTOS, 1999, p. 199).

As interrogações e buscas às quais Boaventura se refere são as interrogações provenientes das grandes desigualdades e situações limite da humanidade atual, e também daquelas questões referentes ao desenvolvimento e progresso predatório que se confirmou pelo domínio sem medidas em relação à natureza. São interrogações e buscas de alternativas que nascem do desconforto atual das sociedades contemporâneas e que sempre estiveram presentes na teoria crítica, porque ela pensa, interpreta e realiza a negação do construto social atual na perspectiva de poder libertar as potencialidades de sua transformação.

A compreensão e superação do dualismo burguês, que via o cientista fora de sua relação social e de um modo isolado dos vínculos concretos que ele tinha com a reprodução desse modelo social, foi importante para situar a produção do conhecimento científico no âmbito das relações sociais de produção. A compreensão do social como totalidade é outro aspecto que deve ser sublinhado na interpretação horkheimeriana.

Theodor Adorno foi companheiro e aprendiz de Horkheimer e vice e versa, na Universidade de Frankfurt, onde alçou seus primeiros voos filosóficos e teve a oportunidade de se tornar um grande intérprete das mudanças do século XX. É inegável a parceria que ambos estabeleceram na elaboração da obra *Dialética do esclarecimento*, que marcou definitivamente a filosofia contemporânea ao decifrar criticamente o capitalismo tardio. O próprio Adorno declarou a respeito de Horkheimer que aprendeu muito com ele, tanto em relação ao conhecimento como muito além dessa dimensão, no testemunho de vida pessoal e na experiência cotidiana com a personalidade forte do filósofo e sociólogo nascido em Stuttgart.

A luta por objetivos emancipatórios é intrínseca à teoria crítica e, por isso mesmo, configura-se como uma forma de intervenção praxica, possibilitando aos sujeitos a compreensão e o destrinçamento crítico dos mecanismos e artimanhas de domínio ao se tornar uma forma efetiva de participação na negação desse modelo

social coisificante e também da possibilidade de se pensar outro modo de organização das relações sociais e culturais.

Quando se fala em influência do pensamento e do sujeito forte que foi Max Horkheimer, aventa-se a presença amiga e desafiadora do companheiro no fazer filosofia que foi Max Horkheimer para Theodor W. Adorno. Mueller, em *Filosofia à sombra de Auschwitz*, apresenta o argumento sobre as positivities no pensamento de Adorno, apontando algumas personalidades marcantes que o influenciaram. Horkheimer situa-se como a primeira:

Talvez a forma mais concreta de positividade em Adorno seja a de sua visualização, mesmo que em insinuações fugazes, na vida das pessoas que ele admirava. Não são tão poucas as suas alusões nesse sentido, e é surpreendente como esse aspecto do seu pensamento tem sido pouco explorado [...] a primeira dessas pessoas é Max Horkheimer, amigo e parceiro de Adorno por mais de quarenta anos. A afinidade entre eles é tão grande que, quando Adorno fala de Horkheimer, aparecem claramente traços de sua pessoa, que acaba se amalgamando com o outro de tal forma que, em certo momento, já não se sabe mais bem de quem fala ou sobre quem se fala. (MUELLER, 2009, p. 213-214).<sup>5</sup>

A forma concreta de positividade no pensar crítico de Adorno é pertinente e coerente à reflexão que ele fez a respeito do sujeito e da subjetividade, pois ilustra claramente e torna visível a experiência personalizada e sua convivência com pessoas que tiveram significado marcante também no desenvolvimento de suas pesquisas. Apesar de cada indivíduo ter uma dimensão de mistério e interioridade, é propriamente na interioridade que se pode vislumbrar concretamente reflexões desenvolvidas a respeito do sujeito crítico e da subjetividade. A trajetória acadêmica de Horkheimer e, mais do que isso, sua vida, seu testemunho relacional como intérprete do real tornaram-se para Adorno um sinal de subjetivação autocrítica e autorreflexiva:

Nele Adorno via encarnado alguns de seus mais caros ideais. Por exemplo o ideal de subjetividade plena, de uma individuação madura: “pessoa com um eu forte”, como Adorno o definiu uma vez. Em Horkheimer ele via realizada a superação entre interioridade e exterioridade [...]: “quando tu te exteriorizas, manténs a ti próprio”. (MUELLER, 2009, p. 214).

---

<sup>5</sup> Enio R. Mueller é Doutor em Teologia pela Faculdade Escola Superior de Teologia – EST, de São Leopoldo (RS), e doutor em Filosofia pela PUC-RS, com Pós-Doutorado nas universidades de Munique e Erlangen, e pesquisador do CNPq.

A admiração, a amizade e o companheirismo na produção filosófica, e o enfrentamento de situações difíceis e bem concretas como a Segunda Guerra aproximaram Adorno e Horkheimer como sujeitos críticos em contextos desafiadores. A admiração do primeiro em relação ao segundo se deu, sobretudo, na dimensão forte do eu, na subjetividade bem formada, no vigor de sua originalidade, perceptível inclusive nas relações que Horkheimer estabeleceu com outros, mantendo as mesmas características.

Nossa reflexão, ainda que breve, a respeito do contributo significativo de Max Horkheimer para o pensamento de Adorno procurou dimensionar a subjetividade, desenvolvida numa perspectiva crítica e por isso mesma consciente de suas fragilidades e determinações, mostrando a relevância de um eu forte, de uma personalidade madura dedicada ao aprimoramento do conhecimento não adequado à formação social vigente. A capacidade de negação e a confrontação com os padrões estabelecidos socialmente, além da coragem de fazer uso público da razão em defesa de outra configuração da ordem social, só poderão advir de sujeitos críticos que sejam movidos por uma postura ética e pela paixão pela vida. Quanto à teoria crítica, é indispensável dizer mais uma vez que Theodor Adorno foi partícipe ativo do seu desenvolvimento, tornando-se autor dos mais profícuos dedicado ao tema, que teve grande significação na interpretação do mundo contemporâneo. Adorno deixou um legado filosófico dos mais relevantes para a filosofia do Século XX. A dimensão relacional de compartilhamento de saberes e a amizade com Horkheimer mostram que a o conhecimento não se constitui alheio às experiências marcantes e às vivências cotidianas das pessoas. O corpo, os sentimentos, as dores e os sofrimentos experimentados e compartilhados mobilizam forças e se tornam potência para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Até aqui recuperamos três contribuições que marcaram o pensamento adorniano, e que talvez justifiquem a relevância que tais aspectos vão adquirir na obra do pensador frankfurtiano. As três contribuições são diferentes e complementares, pois tratam da influência que três grandes personalidades exerceram no pensamento contemporâneo. O filósofo Sören Kierkegaard legou à posteridade interessantes e significativos modos de fazer filosofia; Sigmund Freud e a psicanálise oferecem um novo enfoque e uma nova e fundamental perspectiva para a compreensão e a interpretação do sujeito; e Max Horkheimer, o pensador e sujeito crítico, que fora amigo e companheiro por mais de 40 anos e teve uma participação efetiva no



desenvolvimento do pesquisador que foi o frankfurtiano Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno.

O próximo capítulo de nossa tese irá abordar a questão do sujeito contemporâneo, interpretando-o de maneira dialética, crítica e imanente, portanto evidenciando diferentes enfoques e posicionamentos da filosofia, suas contradições, tensões, limites e possibilidades no mundo administrado. Nosso foco de análise e reflexão estará nas problemáticas e nos fatores impeditivos para a emergência do sujeito crítico na contemporaneidade.

### 3 INTERPRETANDO O SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

“Na era da opressão social universal, é somente nos traços do indivíduo massacrado e violado que sobrevive a imagem da liberdade contra a sociedade.”  
Theodor Adorno, *Dialética negativa*.

O sujeito na contemporaneidade vivencia inúmeras conflitividades e contradições, já que em sua luta por um espaço próprio de autonomia e emancipação ele percebe que sua liberdade e sua busca são limitadas, e assim toma consciência das determinações sociais e se deixa conduzir, assumindo padrões impostos pela mercantilização da cultura.

Tal tensão permanece e se prolonga, mas os indivíduos da época atual, em geral, desejam ser considerados sujeitos (embora muitas vezes na perspectiva liberal) e, de algum modo, protagonistas, encontrando um caminho de desenvolvimento com maior autonomia, ampliando sua capacidade intelectual, criativa, interpretativa – alguém reconhecido pelos demais sujeitos por ter uma missão a realizar neste mundo.

A reflexão sobre o primado do objeto na filosofia do conhecimento, desenvolvida por Adorno, contribuirá para a realização da crítica do sujeito, enquanto um ente concebido pelo idealismo transcendental, e também para propor uma compreensão do sujeito crítico como uma perspectiva real de saída da minoridade. Pode parecer difícil estabelecer nexos entre o sujeito contemporâneo e o primado do objeto, porém, inicialmente, o tema se apresenta como uma questão da epistemologia ou da teoria do conhecimento, mas que significa bem mais do que isso, uma verdadeira mudança de perspectiva no modo de entender o sujeito e interpretar o mundo administrado.

As pessoas que vivem no mundo contemporâneo estão diante de paradigmas diferentes, de múltiplas possibilidades, mas o dilema de ter que escolher e optar, interpretar e tomar decisões, em geral, é vivido de maneira muito passiva e conformista. Na verdade, isso não ocorre por acaso, mas por que os processos sociais estão determinados por uma lógica mercantil, consumista, reprodutora e nãoautonomizadora. As escolhas e as opções, as interpretações e tomadas de decisão são adequadas ao modo dominante de pensar e aos padrões coletivamente aprovados. No mundo administrado, quais são as condições de possibilidade de uma decisão e escolha livres? Existem espaços de decisão e de liberdade na indústria cultural?

O sujeito que deseja assumir sua história em outra perspectiva certamente que não administrada se sentirá inadequado, não ajustado, porque não estará integrado ao sistema. Forjar um caminho alternativo, um pensar paradoxalmente contrário e dialético, com outras possibilidades interpretativas, exige uma atitude robusta, firme e serena que encontra fundamento na consciência crítica autorreflexiva.

A pluralidade que se nos apresenta permite que a falta de referências significativas, próprias ao atual momento da história, gere confusão e incapacidade de discernimento. Poder-se-ia perguntar: O que está acontecendo com os indivíduos desta época contemporânea que desejam ser sujeitos e, ao mesmo tempo, se tornaram tão adaptados ao existente social? Como o conhecimento pode ser considerado ao mesmo tempo fator de reforço e reprodução social e de possibilidades críticas e transformacionais? Haverá possibilidades reais para a emancipação dos sujeitos no contexto da indústria cultural? O primado do objeto é uma oposição radical à primazia do sujeito na tradição filosófica idealista, e quais seriam as relações possíveis de se estabelecer entre essas duas posições no conhecimento? Quais seriam as origens das tendências crescentes à violência e à barbárie? A negatividade da filosofia adorniana é verdadeiro pessimismo ou outra forma de postular a esperança e as possibilidades de mudança no todo social existente? Estas e outras questões estarão presentes em nossa investigação, pois sinalizam a tentativa de interpretação do universo contemporâneo.

A subjetividade diz respeito ao modo como o sujeito, inserido no contexto da contemporaneidade, conhece e compreende, sente e vivencia, interpreta e toma decisões frente aos acontecimentos e situações que lhe confrontam diariamente. A crítica arguta e aguda realizada por Theodor Adorno à questão da subjetividade corrobora para uma percepção mais nítida dessa realidade tão substancial e para a reflexão filosófica atual, tornando mais visíveis as contradições e ambivalências sofridas pelo sujeito em sua trajetória de constituição subjetiva.

Compreender o que Theodor Adorno pensou sobre o sujeito, o subjetivo e a subjetividade poderá nos abrir um caminho interessante e significativo para a abordagem dessas temáticas, mas não de maneira superficial, e sim de forma crítica, sistemática e consistente. Para empreender tamanho desafio, será preciso considerar sua complexidade e a própria realidade que se deseja compreender. O sujeito contemporâneo e a constituição de sua subjetividade se apresentam como realidades complexas que precisam ser decifradas, reflexiva e criticamente. É um desafio aberto,

uma possibilidade de interpretação, porém sem querer que issonos imponha, necessariamente, uma postura pretensiosa. Será importante continuar o caminho da reflexão já iniciado por diversos pesquisadores e pesquisadoras, de diversas áreas do conhecimento, a respeito do sujeito e da subjetividade. Contribuir significativamente com essa discussão teórica se torna também uma oportunidade filosófica e epistemológica interessantes.

Para percorrer essa trajetória, será importante traçar uma direção, uma perspectiva que abra possibilidades de elaboração que nos permitam assumir um horizonte interpretativo, capaz de elucidar e oferecer interrogações suficientemente significativas e provocadoras para que a pesquisa possa se desenvolver, ainda que gradativamente, possibilitando tematizar alguns aspectos essenciais e pertinentes. Abrir alguns pontos de reflexão e debatar questões tão pertinentes e significativas para o mundo atual já nos parece uma conquista.

### 3.1 INFLEXÃO EM DIREÇÃO AO SUJEITO

“Torna-se necessário o que a esse respeito  
uma vez denominei inflexão em direção ao sujeito.”  
Theodor Adorno, Educação após Auschwitz.

Inúmeros posicionamentos, processos e atitudes, na sociedade administrada globalizada, induzem as pessoas a desejar viver, sentir e projetar suas vidas de maneira repetitiva, segundo os padrões e modelos impostos pela indústria cultural, por meio da mercantilização da cultura. Existe um processo danificador, na constituição e no desenvolvimento subjetivo de identificação coletiva, que se torna impeditivo à autonomia e à emancipação. O sujeito, muitas vezes, permanece na sombra, reprimido, pois não foi iniciado na leitura crítica dos acontecimentos e na elaboração do passado. O sujeito que não tem memória histórica tornou-se presa fácil da semicultura. A crítica de Theodor Adorno acerca do sujeito, suas problemáticas e impedimentos oferece um modo significativo de interpretação, pois, ao realizar a inflexão em direção ao sujeito, torna-o um ponto nuclear de sua reflexão e debate. Perceber o sujeito de forma abrangente, no amplo e complexo contexto dos processos sociais que o determinam, torna-se uma necessidade para que a reflexão avance no sentido de compreender essa questão. Quando se aborda o sujeito, apresentam-se as questões do indivíduo, da singularidade e as diversas relações que ele estabelece,

ou seja, um mundo de significações e argumentos se abre. A reflexão crítica imanente tem como foco o particular, o objeto a ser decifrado, mas parte de uma compreensão ampla e abrangente que situa o sujeito em um conjunto mais amplo sem o qual não será possível interpretá-lo dialeticamente. Será importante situar o objeto de nosso estudo em um conjunto de constelações nas quais ele possa ser percebido, um processo aberto que nos conduzirá ao conhecimento, sem pretensões absolutas da verdade, porém desejoso dela.

Será interessante considerar o contributo freudiano na reflexão sobre o sujeito e também a respeito da constituição da subjetividade. Um dos textos frequentemente citados por Adorno é *Psicologia das massas e análise do eu*, no qual Freud considera os aspectos históricos sociais como constituintes e expressivos da constituição subjetiva. Os pesquisadores Garcia e Silva, da UNISC, que refletem sobre as obras sociais e culturais de Freud, traçam elementos que podem ser ilustrativos desse processo:

Freud, em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu* (1920-21), faz-nos entender que todos os processos histórico-sociais, grupais acontecem no interior do sujeito e que na vida anímica aparece sempre, efetivamente, “o outro”. Decorre daí uma construção do sujeito que é em parte consciente e de outra parte inconsciente, reprimida e distanciada desse eu consciente. A perspectiva da invenção freudiana, na verdade, nos lança um desafio, isto é, abre uma via para trabalharmos os impasses na contemporaneidade com respeito à economia e à dinâmica das singularidades psíquicas produzidas num contexto histórico, social e grupal. Tal como assinala Pinheiro e Herzog (2003), Freud, ao oferecer com seu arcabouço teórico, elementos para pensar outros modos de subjetivação – o que é possível a partir de suas considerações sobre a constituição de um narcisismo descentrado pelo inconsciente e reformulado, abre-se caminho para pensarmos uma forma de estruturação muito mais dinâmica e complexa. (GARCIA; SILVA, 2011, p. 191).

A compreensão de que os processos de constituição da subjetividade estão presentes no interior do sujeito corroboram para o entendimento fundamental do ser humano como ser social e histórico, e que, portanto, não se pode constitui-lo subjetivamente sem considerar o seu entorno, as suas determinações históricas, ambientais e socioculturais. Aliado a essa perspectiva histórico-social parece significativo o raciocínio sobre aquilo que está além da apreensão superficial, ou seja, os elementos que dizem respeito ao modo como foram experimentadas as realidades ao longo da história, o que nos faz refletir sobre os aspectos inconscientes e conscientes de um processo de constituição da subjetividade. As dimensões daquilo

que seja consciente ou inconsciente nesse processo parecem ser sempre algo a ser refletido e descoberto, mas podem possibilitar um significado interessante à reflexão dos diversos modos de subjetivação.

A abordagem das questões sociais mais amplas, quando se leva em conta a inflexão em direção ao sujeito, possibilita um enfoque diferenciado porque mesmo que se analise criticamente a realidade social, o sujeito ou a individualidade serão focalizados em suas formas de interação e articulação e também no âmbito macrossocial. Os argumentos e reflexões sobre as influências macrossociais, que determinam de algum modo o sujeito contemporâneo em seu processo de constituição e na elaboração de sua subjetividade, encontram inúmeros dilemas, situações específicas e problemáticas a serem enfrentadas filosoficamente. A filosofia adorniana trata desse universo com uma atenção especial e postula como modo de atender essa demanda a inflexão em direção ao sujeito.

Um dos aspectos que nos dias atuais adquire maior relevância em termos sociais é a influência que adquiriram nas últimas décadas os meios de comunicação de massa. Não será mais possível desconsiderar o poder de sua influência na semiformação dos indivíduos de hoje. Aqui se fala em semiformação porque, de fato, trata-se disso, de um desenvolvimento formativo que não é completado porque permanece no superficial e reproduz uma racionalidade afirmativa incapaz de realizar a autorreflexão crítica, por isso se ajusta muito bem à configuração social vigente. Desenvolve-se uma alienação nos sujeitos que se dizem *cultos e conhecedores*, mas que na verdade se tornaram meros consumidores da semicultura, produto da mercantilização da cultura nas sociedades contemporâneas. A semicultura ou a semiformação, ao invés de fazer avançar a consciência dos sujeitos, torna-se fator impeditivo de seu pensar reflexivo e crítico. O ensaio *Teoria da semicultura (Theoria der Halbbildung)* é muito ilustrativo e clarificador nessa perspectiva:

[...] nos casos em que a cultura foi entendida como conformar-se à vida real, ela destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros. Isso se fez necessário para reforçar a unidade sempre precária da socialização e para colocar fim àquelas explosões desorganizadoras que, conforme é óbvio, se produzem às vezes justamente onde já está estabelecida uma tradição de cultura espiritual autônoma. E a ideia filosófica de formação que a ela corresponderia se dispôs a formar de maneira protetora a existência. Havia um duplo propósito: obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação inter pares e resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrepita ordem criada pelo homem. A filosofia de Schiller, dos kantianos e de seus críticos foi a expressão mais prenhe da tensão entre esses dois

momentos, enquanto que na teoria hegeliana da formação — e na do Goethe tardio — triunfou, dentro do mesmo humanismo, sob o nome de desprendimento, o *desideratum* da acomodação. Mas se esta tensão se defaz instala-se uma hegemonia unilateral e seu âmbito proíbe elevar-se, por decisão individual acima do dado, do positivo, e pela pressão que exerce sobre os homens, perpetua neles a deformidade que se pensava ter-se dominado, a agressão. Tal é, conforme Freud o vê, a razão do mal-estar que a cultura carrega em si. A sociedade inteiramente adaptada é o que na história do espírito demonstra esse conceito: mera história natural darwinista, que premia a *survival of the fittest*. Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas — sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação — cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalecendo a ideologia e promovendo uma formação regressiva. (ADORNO, 1996, p. 3).<sup>6</sup>

A análise e a reflexão críticas desenvolvidas por Adorno sobre a cultura e seus desenvolvimentos nas sociedades capitalistas tardias decifram de uma maneira totalmente diferente os processos formativos e culturais. A cultura entendida como conformação ao real, destacando unilateralmente a adaptação e escondendo o aspecto criativo e de autonomização que estavam presentes na tradição da formação cultural, é bastante clarificadora e desmitificadora. O duplo propósito de domesticar o animal homem e resguardar o que vem de sua natureza é outro aspecto produtivo elencado em sua pertinente consideração crítica, que alerta, como consequência desse desenvolvimento semicultural, para a realidade da agressão. A mera história natural darwinista se mostra uma figura provocativa para a reflexão crítica na sua premiação ao *survival of the fittest* (“sobrevivência do mais apto”).

---

<sup>6</sup> *Theoria der halbbildung*(1959) In: ders.: Gesammelte Schriften Band 8. Soziologische Schriften I, S. 93 – 121. Umgekehrt hat Kultur, wo sie als Gestaltung des realen Lebens sich verstand, einseitig das Moment der Anpassung hervorgehoben, die Menschen dazu verhalten, sich aneinander abzuschleifen. Dessen bedurfte es, um den fortdauernd prekären Zusammenhang der Vergesellschaftung zu stärken und jene Ausbrüche ins Chaotische einzudämmen, die offenbar gerade dort periodisch sich ereignen, wo eine Tradition autonomer Geisteskultur etabliert ist. Die philosophische Bildungsidee auf ihrer Höhe wollte natürliches Dasein bewahrend formen. Sie hatte beides gemeint, Bändigung der animalischen Menschen durch ihre Anpassung aneinander und Rettung des Natürlichen ins Widerstand gegen den Druck der hinfälligen, von Menschen gemachten Ordnung. Die Philosophie Schillers, des Kantianers und Kantkritikers, war der prägnanteste Ausdruck der Spannung beider Momente, während in Hegels Bildungslehre, unterm Namen Entäußerung, ebenso wie beim späten Goethe das Desiderat der Anpassung inmitten des Humanismus selber triumphiert. Ist jene Spannung einmal zergangen, so wird Anpassung allherrschend, ihr Maß das je Vorfindliche. Sie verbietet, aus individueller Bestimmung übers Vorfindliche, Positive sich zu erheben. Vermöge des Drucks, den sie auf die Menschen ausübt, perpetuiert sie in diesen das Ungestalte, das sie geformt zu haben wähnt, die Aggression. Das ist, nach Freuds Einsicht, der Grund des Unbehagens in der Kultur. Die ganz angepaßte Gesellschaft ist, woran ihr Begriff geistesgeschichtlich mahnt: bloße darwinistische Naturgeschichte. Sie prämiert das *survival of the fittest*. — Erstarrt das Kraftfeld, das Bildung hieß, zu fixierten Kategorien, sei es Geist oder Natur, Souveränität oder Anpassung, so gerät jede einzelne dieser isolierten Kategorien in Widerspruch zu dem von ihr Gemeinten und gibt sich her zur Ideologie, befördert die Rückbildung.

É esse aspecto que Adorno considera como formação regressiva e impeditiva aos processos de subjetivação, a perspectiva emancipadora que designa a semiformação ou semicultura, produto da dinâmica de mercantilização da cultura promovida pela indústria cultural. A questão da formação cultural ou a predominância do seu reverso, a semiformação nas sociedades capitalistas contemporâneas, justificam a forte crítica de Theodor Adorno: “[...] quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas”, ou seja, desvinculadas do processo social e tratadas isoladamente, ele só pode fortalecer a ideologia e promover uma semiformação ou formação regressiva, já que o significado de refletir criticamente essa condição e de quebrar o ciclo reprodutivo da mercadoria fora perdido.

A influência dos meios de comunicação de massa, nesse sentido, contribuiu de modo significativo para que o padrão de pensamento e o modo de sentir e desejar se reproduzam indefinidamente. O pesquisador espanhol José Zamora reflete como ocorre o engodo que simula para conquistar e dominar o sujeito:

Apesar de a produção cultural estar dominada pelo princípio da padronização. O ardil comercial consiste em apresentar os produtos da indústria cultural como o contrário, como algo modelado artisticamente de maneira individual e completamente único. Os rituais da cultura de massa simulam a individualidade que eles mesmos ajudam a sufocar, como paradigmaticamente demonstram os anúncios publicitários dirigidos a todos sob a aparência de exclusividade: aquele já distante *Especially for you*, ou o mais próximo do especialista em ti. (ZAMORA, 2008, p. 89).

A simulação da individualidade é um jogo, uma forma convincente e esperta da indústria cultural, que atrai, promete e não realiza. O indivíduo é submetido desde o seu desejo, é envolvido em seus sentimentos e modo de pensar. Em tempos nos quais a sensibilidade subjetiva e o desejo de ser contemplado, de ter algo exclusivo para si e a prerrogativa de satisfazer suas necessidades, o indivíduo torna-se presa fácil do engodo mercadológico e da sutileza da dominação. Os anúncios publicitários apresentam os produtos da indústria cultural de maneira encantadora, como idealizações, possibilidades de ganhos diretamente fabricados para o indivíduo. No contexto da indústria cultural, as pessoas estão ávidas por serem tratadas e consideradas personalizadas, com a atenção exclusiva. A falsidade se revela na produção massiva e padronizada. O interesse por detrás desse simulacro é a capitalização da indústria cultural.



Os meios de comunicação de massa, para realizar o processo de simulação, adequam-se aos padrões da indústria da cultura, utilizando as mais avançadas tecnologias e abusando do universo imagético e sonoro. Adorno estava atento à sua época e viu, na televisão, uma possibilidade incrível de domínio sobre os indivíduos, sobretudo no que concerne aos desejos e necessidades. A televisão continua, ainda hoje, a exercer um papel significativo na perspectiva de lidar com os desejos e necessidades. Nos últimos anos, as redes sociais e a internet ganharam um espaço extraordinário no cotidiano da vida das pessoas, e se percebe, cada vez mais, a força e o poder das mídias na determinação do modo de sentir, pensar e desejar:

Adorno estava convencido de que a televisão assumiu de modo inconsciente o papel de uma espécie de instrumento regulador dos desejos e necessidades instintivas dentro da psique das pessoas. Esta tese surpreende de imediato, adquire plausibilidade quando nos certificamos de que cada vez mais se produzem imagens televisivas que de maneira muito direta e imediata são calculadas em relação às dimensões vivenciais intrapsíquicas e às pulsões instintivas não satisfatórias dos telespectadores. (ZAMORA, 2008, p.99-100).

Nesse contexto de massificação, reificação e reprodução social por meios sutis, inteligentes e muito perspicazes, põe-se como indispensável a inflexão em direção ao sujeito, que diz respeito ao reforço da autoconsciência, ao desenvolvimento da capacidade autorreflexiva, à inadequação aos padrões de consumo dominantes, implicando um processo exigente e gradativo de fortalecimento do sujeito e da subjetividade que possibilita, a partir da dialética negativa, um novo modo de interpretar e ler o mundo e a história, abrindo espaços para a autonomia e a emancipação.

A nova cultura burguesa tem seu fundamento na ideia de subjetividade, que representa o correlato cultural da categoria social do indivíduo. No entanto o sujeito, realidade derivada, deve sua existência aos mesmos poderes que estão levando a cabo diligentemente sua dissolução. A autodeterminação que proclamava a maioria do sujeito no iluminismo diante de qualquer autoridade esteve, desde o começo, ligada ao intercâmbio e à propriedade, que agora no capitalismo avançado estrangulam quase toda capacidade de autodeterminação [...] os *experts* acumulam sobre si toda a competência para tomar decisões. Dos indivíduos espera-se que se comportem tal como exige o sentido comum empregado na administração e por ela. Quer dizer, o indivíduo só existe de maneira mediada enquanto parte de uma instituição ou organização, que define o âmbito e as metas de sua ação, e enquanto receptor de decisões de uma administração que programa seu comportamento de maneira imperativa e exata. (ADORNO, 2000, p. 123).

O paradoxal é justamente esse processo, que alude e cria a ilusão da autonomia e emancipação dos sujeitos, mas ao mesmo tempo sufoca todas as suas possibilidades concretas de realização. O mal-estar da sociedade está vinculado a essa permanente desilusão, a essa perda contínua de perspectiva a que são submetidas as pessoas todos os dias. É importante também considerar que cada vez mais esse processo se qualifica, se faz mais sutil e com aparência inocente. O indivíduo adequado, ao invés de criar cultura, de elaborar conhecimento, de projetar sua vida, acaba se acomodando no medíocre, no ajuste do bom comportamento, na integração acrítica ao sistema, na adaptação passiva. Viver assim se tornou normal: é assim a vida!

Theodor Adorno escreveu sobre a necessidade de uma inflexão em direção ao sujeito. O que significa essa inflexão para ele e como também se poderá interpretar hoje essa necessidade no momento atual da filosofia? A inflexão em direção ao sujeito se mostra indispensável e abre a possibilidade da reflexão crítica para compreender o universo contemporâneo e elucidar aspectos no processo de elaboração do passado:

Na medida em que se queira combater o antissemitismo nos sujeitos, não se deveria esperar muito de atitudes envolvendo fatos que são rejeitados por eles ou então neutralizados como sendo simples exceções. Em vez disto, a argumentação deveria se voltar para os sujeitos que são os interlocutores. Seria preciso tornar conscientes neles os mecanismos que provocam neles próprios o preconceito racial. A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando sua autoconsciência e para esta via, também o seu eu. (ADORNO, 2000, p. 48).

Como podemos perceber, na inflexão em direção ao sujeito está implicada a elaboração do passado, como processo de esclarecimento fundamental para que as condições objetivas e subjetivas implicadas sejam explicitadas, oferecendo a visualização dos mecanismos subjetivos que levam as pessoas a assumir comportamentos discriminatórios e preconceituosos.

O esclarecimento se torna algo da maior importância para o enfrentamento de situações delicadas e limítrofes, e oferece a argumentação consistente e necessária para os sujeitos implicados. O esclarecimento se apresenta como um processo maduro e sincero por meio do qual são disponibilizadas todas as possibilidades de interpretação, e também os argumentos necessários para que os sujeitos possam tomar consciência das razões pelas quais assumem posicionamentos questionáveis

do ponto de vista da convivência social, e que causam não apenas o mal-estar nas relações interpessoais, mas expressam formas delirantes de agressividade e barbárie. Sem a elaboração do passado, os antecedentes, os processos, os mecanismos e as condições subjetivas e objetivas não podem ser esclarecidos, com isso, torna-se impossível uma interpretação séria e promissora.

Adorno aborda mais uma vez a inflexão em direção ao sujeito como forma de resistência e contraposição à barbárie. Ele valoriza, sobretudo, a psicologia profunda e seu contributo para o deciframento das condições objetivas, subjetivas e para o esclarecimento geral do indivíduo nas sociedades atuais:

Como hoje em dia é extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos, que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isto, refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas desse tipo. Não acredito que adianta muito apelar a valores eternos, acerca dos quais justamente os responsáveis por tais atos reagiram com menosprezo; também não acredito que o esclarecimento acerca das qualidades positivas das minorias reprimidas seja de muita valia. É preciso buscar as raízes nos perseguidores, e não nas vítimas assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca de tais mecanismos. (ADORNO, 2000, p. 121).<sup>7</sup>

Parece importante considerar o diagnóstico da complexidade e das dificuldades no que concerne às possibilidades de mudanças no âmbito social e econômico, o que não significa a desistência de continuar a fazer todos os esforços para que as transformações sociais possam se efetivar. De qualquer modo, a pesquisa adorniana, ao deslocar sua atenção à superestrutura societária, ao focar sua reflexão no âmbito da cultura e ao estabelecer a inflexão em direção ao sujeito, deseja abrir espaços e possibilidades para que os processos emancipatórios possam se dar de maneira consistente e efetiva, mas sempre a partir dos sujeitos.

Aqui também é importante assinalar a abordagem de Adorno das condições objetivas e subjetivas às quais ele com frequência se refere. Quando afirma que será necessário buscar as raízes da barbárie por meio do conhecimento e pela revelação dos mecanismos subjetivos que permitiram o horror da brutalidade e desumanização,

---

<sup>7</sup> O ensaio se denomina *Educação após Auschwitz*, é o texto no qual Adorno reflete sobre o imperativo primeiro da educação enquanto formação cultural, que pode impedir que Auschwitz se repita.

ele indica que a inflexão em direção ao sujeito é muito necessária e poderá contribuir para a prevenção e para uma formação cultural que se antecipe às tendências regressivas da sociedade e promovam um processo sólido e emancipador a partir dos sujeitos implicados. Outro aspecto que se pode salientar é a importância do estudo e da análise dos sujeitos perseguidores, e aqui se deve contar com a contribuição indispensável da psicanálise como recurso para investigar e encontrar as razões que permitem comportamentos tão desproporcionais à nossa humanidade.

O esclarecimento geral acerca dos mecanismos subjetivos das sociedades contemporâneas será imprescindível para os avanços em termos de humanização e desbarbarização social. Segundo o pensador frankfurtiano, toda a educação e formação cultural devem estar voltadas ao impedimento da repetição do que significou Auschwitz: a regressão, a barbárie e o holocausto.

A inflexão em direção ao sujeito é tão indispensável, sobretudo nos dias atuais, nos quais se constata processos de massificação e dessubjetivação significativos induzidos pela interferência dos *mass media*, na produção de uma semicultura ou processo de semiformação, no qual as pessoas se dessensibilizam e se tornam mais vulneráveis em termos subjetivos. A inflexão em direção ao sujeito pode ainda significar uma mudança de enfoque que, no contexto atual, tornou-se uma necessidade. A abordagem direta estabelece um processo de personalização e de recuperação do que justamente o sistema deseja esquecer e anular: o sujeito. Assim, a inflexão em direção ao sujeito permitirá o fortalecimento do singular, da diferença, do não conceituado e desconsiderado. Resgatar o sujeito no meio da massa é humanizar, oferecer a ele o legado de nossa verdadeira cultura, da história revolucionária e da autonomia que põe a subjetividade em pé.

### 3.2 SUJEITO, LINGUAGEM E LAÇOS SOCIAIS

“O fim do religioso como modelo do social  
e o fim da supremacia masculina que se conjugaram  
no fim do patriarcado e que nos levaram a uma mudança  
sem precedentes da organização do laço social.”  
Jean Pierre Lebrum.

Para avançar no esclarecimento e na reflexão a respeito da importância da inflexão em direção ao sujeito, parece significativo abordar a relação entre as noções de sujeito e subjetividade, sobretudo no que diz respeito à linguagem, considerando a formulação assumida pelos frankfurtianos. O legado de tal interpretação é visivelmente freudiano, pois a concepção antropológica que valorizou o ser humano enquanto um ser falante e deu importância fundamental à linguagem foi inicialmente a de Sigmund Freud.

Os pesquisadores da UNISC, Silva e Garcia, oferecem uma interessante consideração acerca dessa relação e articulação ao mesmo tempo em que abordam a questão da linguagem como constituinte do modo freudiano de conceber o ser humano:

ao falarmos de subjetividade, estamos confrontados com tudo que diz respeito ao sujeito. Mas temos que estar atentos para não correremos o risco de cair no subjetivismo, ou seja, temos uma tendência a reduzir toda a existência ao sujeito soberano, a sua existência (DUBOIS, 1973), e aportarmos sem titubear no individualismo. Como atrelar o sujeito ao seu exterior constitutivo? A função da fala, da linguagem, caminho percorrido por Freud, nos parece ainda profícuo. É por intermédio do simbólico que o sujeito tem acesso a si, a uma subjetividade reflexiva, ao eu e ao outro. A discursividade é própria de um homem cujo ser é sempre já exterior. Como assinala Auroux: “Na perspectiva freudiana, o homem é um sujeito tomado e constituído na e pela linguagem” (1998, p. 261). E se há uma materialidade do inconsciente, ela está dada dentro da linguagem. É a linguagem, portanto, que faz essa torção dentro-fora no sujeito, interior-exterior constitutivo. (GARCIA; SILVA, 2011, p. 191).

O subjetivismo e, sobretudo, o individualismo reduzem a interpretação do sujeito a um objeto isolado, desconsiderando a constelação de tantos outros objetos e relações por meio dos quais ele se situa social e culturalmente, fazendo-se cego ou indiferente às determinações da formação societária. É um risco que está presente na razão científica e mesmo filosófica quando absolutizam um aspecto do saber como se ele fosse absoluto e sem vinculações pertinentes.

A função da fala, da linguagem é considerada aqui como necessária ao processo social de constituição da subjetividade. Sujeito e subjetividade aparecem bem articulados e entrelaçados intrinsecamente na linguagem. O como se dá a torção dentro-fora e a relação interior-exterior, enquanto constitutivas do sujeito, se nos apresentam de maneira intrigante e com uma significância complexa. A concepção antropológica do ser humano enquanto ser falante, marca e legado freudiano para as

áreas humanas do conhecimento, trouxe consequências indispensáveis para a pesquisa epistemológica das diversas áreas do conhecimento científico e filosófico.

A discursividade como constituidora da subjetividade, que de um lado explicita claramente a relação do sujeito com o social e seu entorno repleto de interações significativas e, em alguns casos, até com forte determinação, do outro oferece a percepção de um modo inteiramente próprio de interpretar as vivências, permitindo assimilar a relevância da linguagem no desenvolvimento da subjetividade.

Para completar tal perspectiva de compreensão do sujeito, da subjetividade e da linguagem, se poderá ainda dar atenção ao posicionamento de Lacan, sobretudo quando ele esclarece os paradoxos da subjetividade:

Como diz Lacan (2002), a estrutura é um conjunto, e não uma totalidade; possui uma relação aberta e, ao mesmo tempo, fechada que a toma como algo que lhe é referência e reciprocidade e que remete à linguagem para efeito significante. Ou seja, o subjetivo não está do lado daquele que fala e, portanto calcado em suas ilusões, mas no real, pois a linguagem não está a serviço do sujeito, mas o constitui sem ele o saber e que subjetivamente vai inscrevê-lo, significando-o para o outro. Aqui o Complexo de Édipo não é mais tomado como a normatização de uma forma de sujeito, mas nos impulsiona a pensar no funcionamento do significante e que lugar ele ocupa. (GARCIA; SILVA, 2011, p. 196).

A afirmação de que o subjetivo não está ao lado daquele que fala, principalmente no que diz respeito às suas ilusões, está calcada no real e na linguagem – é essa realidade que nos põe no social, nas relações intersubjetivas, por isso nos inscreve, significando para o outro a alteridade que se nos apresenta. Este recorte distintivo da subjetividade, que difere do que muitas vezes se pensa a respeito da linguagem, é uma forma de inscrição no âmbito das relações do sujeito com o outro, ou seja, apresenta uma dimensão social relevante e necessária a ser considerada.

Será interessante também valorizar as mudanças das relações estabelecidas pelos sujeitos no campo do social e das instituições. Jean Pierre Lebrum, na obra *Clínica das instituições*, aborda essa questão de uma maneira inteligente e esclarecedora:

[...] a passagem de uma sociedade organizada, segundo o modelo religioso, para uma sociedade que se libertou deste. Contudo, essa evolução não deve ser confundida com o fim da religião. É o fim do laço social organizado – como o fora ao longo dos séculos – conforme o modelo religioso...são estas mudanças profundas – o fim do religioso como modelo do social e o fim da supremacia masculina – que se conjugaram no fim do patriarcado e que nos

levaram a uma mudança sem precedentes da organização do laço social. (LEBRUN, 2009,p.127).

Perceber, refletir e acompanhar criticamente a passagem ou mutação do laço social se torna uma necessidade para compreender as mudanças no campo das relações intersubjetivas, e mesmo para considerar com maior acuidade e profundidade a questão do sujeito e da subjetividade contemporânea. São bastante perceptíveis no cotidiano atual as mudanças citadas: o modelo religioso, que deixa de ser a referência fundamental a partir da qual se estabelecem os laços nas sociedades atuais, e o fim da supremacia masculina. Uma sociedade laica seria uma sociedade que procuraria uma maior universalidade e equidade nas relações, não fazendo mais diferença o credo, a etnia ou as origens econômicas e sociais de cada ser humano. O que se percebe concretamente são contradições em relação às questões fundamentais, pois ainda que as sociedades tenham avançado significativamente em alguns aspectos e concepções, e isso é preciso reconhecer, a base material, social e cultural continuam a ser dirigidas pela lógica mercantil – transformações pouco substanciais, pode-se dizer, no âmbito das estruturas e das determinações sociais. Ainda quanto às mudanças referentes ao religioso, pode-se compreender melhor o que se costumou chamar de ateísmo prático, ou seja, que uma grande parcela da população organiza sua vida não mais considerando como referência o religioso. O religioso foi reduzido ao âmbito privado das opções individuais.

O segundo aspecto mostra uma das modificações mais visíveis das sociedades capitalistas avançadas: a emergência da mulher, do feminino e o avanço das perspectivas de reciprocidade nas relações de gênero. Nesse aspecto, é necessário valorizar todas as lutas travadas com tanta dramaticidade e ousadia ao longo deste século para avançar nos direitos e na dignidade. Aliás, são notáveis os avanços, mas também se mostram diversas contradições que podem ser analisadas e refletidas. O que os avanços em relação à valorização do feminino apresentam de mudança quando se pensa em transformações mais substanciais nas sociedades contemporâneas? Como as mulheres e a emergência do feminino nas sociedades atuais podem contribuir significativamente para se pensar outro modo de organização e convivência social? No âmbito dos direitos e na maior igualdade sexual, tais avanços se traduzem do mesmo modo quando se pensa em qualificação da subjetividade crítica e interpretadora numa perspectiva de mudanças mais estruturais nas sociedades? É importante notar que diversas organizações e movimentos no âmbito

das lutas femininas e das mulheres, sobretudo os que estão à frente ou na vanguarda, postulam mudanças mais profundas para as sociedades, todavia se inserem dentro de uma totalidade regida pelo mercado, a qual cerceia os espaços e possibilidades concretas de mudanças.

Outros pontos do processo de transformação cultural não encontram precedentes, e podem e devem ser explicitados. Por exemplo, o modelo patriarcal tornou-se obsoleto, assim, uma nova forma de organização dos laços sociais está em curso:

É esse modelo que a modernidade consumada tornou obsoleto. Esta heteronomia se vê hoje substituída por uma autonomia. Doravante é a partir de nós mesmos que queremos nos organizar, sem que seja o exterior, o Outro, que venha ditar nossa conduta. Esse fim da heteronomia não é entretanto sinônimo de anomia, pois é um outro regime da vida coletiva que se estabeleceu [...] Essa mudança ainda não foi concluída, ainda está em curso. Esta mutação tem como consequências que cada um detém doravante o direito à palavra, que cada um tem a possibilidade de um trajeto singular, o que só podemos em primeiro tempo celebrar. (LEBRUN, 2009, p. 127-129).

Ao abordar tais questões, cruciais para a compreensão das sociedades de nossa época, Lebrun traz presente as novas concepções no que diz respeito à autoridade, as formas de organização das instituições e os novos papéis ou funções dos sujeitos na contemporaneidade. É importante ao mesmo tempo reconhecer que esses processos acontecem de maneiras diversas e também simultaneamente em diferentes lugares, o que mostra uma necessidade de ampliação de nosso horizonte interpretativo. Considerar a influência e as consequências que as modificações trazem para a compreensão do sujeito, do processo de constituição da subjetividade e para as relações sociais se torna um imperativo.

A questão da autonomia mais uma vez desponta como importante. As pessoas não aceitam mais a tutela permanente, a heteronomia nos moldes do passado ou pelo menos procuram horizontes de maior possibilidade de autonomização. Ao mesmo tempo se está refletindo que tantas vezes a autonomia inserida no formato social capitalista, em geral, está muito mais vinculada ao consumo, a iniciativas que não dizem respeito à autonomia em um sentido pleno e emancipado. De qualquer modo, a procura de maior autonomia mostra-se como uma tensão muito presente nas sociedades contemporâneas e se revela como uma tensão a partir da qual são reivindicadas inúmeras necessidades e direitos. Outro aspecto significativo



é a relação que se estabelece com a alteridade. O outro enquanto complementar e colaborador, enquanto sujeito que interage significativamente é aceitável, mas o Outro enquanto *autoridade*, nos termos tradicionais, é majoritariamente desautorizado, não aceito, cada vez encontrando menos espaço social. De um lado se deve realmente celebrar, como diz Lebrum, embora ele mesmo advirta que esse espaço e a busca de maior autonomia também apresentam sua complexidade e problemática. Como já foi explicitado anteriormente, o perigo seria cair no delírio da autonomia, ou seja, quando não se compreende a autonomia subjetiva na relação e interação permanente com a alteridade, mas somente a partir do que se tem chamado autorreferencialidade.

A inflexão em direção ao sujeito favorece a reflexão na qual não se perde de vista o âmbito do individual e do particular, sobretudo no que concerne às experiências dos sujeitos nesse universo marcado pela mercantilização da cultura. Será oportuno avançar também em direção a esse princípio nas grandes questões relacionais: nas relações intersubjetivas, nas relações com a base material da sociedade e com a natureza.

Quando se trata do sujeito analisado da perspectiva do conhecimento, como é o caso de nossa pesquisa, será importante considerar a relação entre sujeito e objeto. Uma relação clássica da teoria do conhecimento, mas sempre controversa e polêmica. Na sequência abordaremos esse tema.

### 3.3 SUJEITO E OBJETO – UMA RELAÇÃO DIALÉTICA CONTROVERSA

“Daí a resistência de sujeito e objeto a se deixarem definir.  
Sobre o sujeito e o objeto.”  
Theodor Adorno

A relação entre sujeito e objeto no conhecimento tem sido discutida há muito tempo na teoria do conhecimento e nas diversas concepções filosóficas. Ao longo da história do pensamento, encontramos inúmeras posições epistemológicas e argumentos que procuraram esclarecer e decifrar essa relação controversa. A dialética negativa enquanto posição epistemológica diz respeito a um modo de interpretar e elaborar o conhecimento, que se diferencia da lógica formal e se contrapõe à racionalidade instrumental. A dialética negativa desenvolvida por Adorno

confronta a concepção de um sujeito transcendental na apreensão do objeto e propõe o primado do objeto.

Adorno, em *Atualidade da filosofia*, já havia esclarecido, durante uma aula realizada em 1931, que a pretensão de definição e a apropriação da totalidade do objeto não passam de uma farsa do idealismo, e que essa pretensão é totalmente equivocada e sem sentido quando se pensa em filosofia na contemporaneidade:

Quem hoje em dia escolhe o trabalho filosófico como profissão, deve, de início, abandonar a ilusão de que partiam antigamente os projetos filosóficos: que é possível, pela capacidade do pensamento, se apoderar da totalidade do real. Nenhuma razão legitimadora poderia se encontrar novamente em uma realidade cuja ordem e conformação sufocam qualquer pretensão da razão; apenas polemicamente uma realidade se apresenta como total a quem procura conhecê-la, e apenas em vestígios e ruínas mantém a esperança de que um dia venha a se tornar uma realidade correta e justa. A filosofia, que hoje se apresenta como tal, não serve para nada, a não ser para ocultar a realidade e perpetuar sua situação atual. (ADORNO, 1991, p. 1).

Essa afirmação de Adorno causou e continua a causar demasiado alvoroço e polêmica entre aqueles que estudam e produzem o conhecimento filosófico: para o pensamento, é impossível apoderar-se dos objetos em sua totalidade. Tal posicionamento na epistemologia descortina um modo de raciocinar aberto e atual. A filosofia crítica, por sua dialética negativa e atenta ao não conceitual, ao não idêntico, procura ir além do estabelecido conceitualmente e, com isso, deseja seguir o processo autorreflexivo crítico, interpretando, decifrando e aprofundando o real em suas mais diversas formas e expressões. Essa forma de fazer filosofia objetiva entrar na dinâmica contraditória da realidade e manter aberta a possibilidade de interpretar o mundo, assumindo seu permanente devir, as suas constantes e contraditórias transformações. A proposta de uma filosofia que realiza uma crítica imanente e consistente do real se opõe, em sua raiz, a toda forma de fazer filosofia que se conforma e adequa passivamente aos vigentes padrões mercantilizados da cultura. O pensamento afirmativo não serve para mais nada, a não ser impedir o esclarecimento, reproduzir e reforçar o sistema, que justamente se aproveita da *filosofia* para confirmar seus interesses e encontrar as justificações de que necessita.

Quando se fala em sujeito contemporâneo, procura-se considerar a dimensão de desenvolvimento da autonomia e da liberdade, e também as problemáticas e os entraves desse processo. Adorno, ao analisar o conceito de esclarecimento e emancipação desenvolvido por Immanuel Kant, diz que no contexto avançado do

capitalismo a minoridade e a não emancipação dos sujeitos não são responsabilidade deles mesmos ou da própria humanidade. Nesta nova etapa da história, a minoridade é propositadamente pensada e calculada pela indústria cultural:

Entretantes o materialismo promoveu a satisfação de seu próprio aviltamento para aqueles que queriam a sua não realização. A minoridade que se mostrou como causa disso não é tal como pensava Kant, culpa da própria humanidade. Nesse interím, ao menos, ela passou a ser reproduzida de maneira totalmente planejada pelos detentores de poder. (ADORNO, 2009, p.174).

Pensar que essa minoridade fosse responsabilidade do próprio indivíduo ou da humanidade seria ingenuidade diante de um aparato social constituído que se torna, dia a dia, mais ardiloso e sutil em seus processos de domínio e controle social. De qualquer modo, a questão da minoridade conforme a pauta de Kant é reinterpretada por Adorno e configura-se uma questão fundamental a ser aprofundada e refletida na contemporaneidade. O problema da emancipação dos sujeitos tornou-se mais complexo, e existem, de fato, impeditivos maiores para que esse processo possa se efetivar. A racionalidade estratégica e instrumental que domina o conhecimento nas sociedades mercantis contribui para que a maioria das pessoas continue na posição minoritária, o que é bastante perceptível aos olhos da crítica e da interpretação a partir da dialética negativa, mas, ao mesmo tempo, parece invisível àqueles que se encontram atrelados à situação.

O pensamento crítico de Adorno oferece a inquietação e o contínuo processo reflexivo exatamente porque, ao se deter prioritariamente no âmbito da cultura, procura por meio da inflexão em direção ao sujeito decifrar, a partir da crítica imanente, as condições objetivas e subjetivas inerentes ao processo social. Seu pensamento assimila diversos contributos significativos (kantiano, marxiano, freudiano, kierkegaardiano, nietzschiano) que fazem a diferença no seu modo de interpretar criticamente o universo das questões contemporâneas, sem renunciar à originalidade e à sua posição no conhecimento reflexivo. Além disso, é importante considerar seu lastro de conhecimento científico, cultural e filosófico, e o modo através do qual seu pensar circula, com zelo e a mais refinada acuidade, pelas diversas áreas da cultura e suas criações intelectuais, artísticas e religiosas.

Para tratar, com diligência, da questão do sujeito do conhecimento, uma das questões que advém ao debate proposto poderia ser: Como abordar a relação do

sujeito e do objeto de modo produtivo e equacionar bem a tensão infindável e paradigmática entre o objetivo e o subjetivo, mantendo com isso as possibilidades de o sujeito pensar de maneira crítica uma perspectiva de transformação do existente?

Adorno, no ensaio *Sobre o sujeito e o objeto*, tratou essa questão com precisão dialética, expondo com perspicácia a equivocidade de ambos os termos e a ambiguidade como formas de um interpretar crítico e imanente:

Em se tratando de considerações sobre sujeito e objeto, a dificuldade consiste em indicar o que se deve propriamente falar. É notório que os termos são e quívocos. Assim, sujeito pode referir-se tanto ao indivíduo particular [*einzelne Individuum*] quanto a determinações gerais; de acordo com os termos dos Prolegômenos kantianos, à consciência em geral. A ambiguidade não pode ser eliminada simplesmente mediante uma classificação terminológica. Pois ambas as significações necessitam-se reciprocamente; mal podemos apreender uma sem a outra. Não é possível excluir mentalmente o momento da individualidade humana [*Einzel menschlichkeit*] – chamada a e g o i d a d e p o r Schelling – de qualquer conceito de sujeito; senão fosse indicada de algum maneira, sujeito perderia todo o sentido. Inversamente, o indivíduo humano singular – tão logo se refletido de algum maneira sobre ele numa forma conceitual universal quanto indivíduo, em não se tem em mente só esse aí qualquer de um homem particular [*besonderen Menschen*] – transforme-se já num universal, à semelhança do que fica explicitado no conceito idealista de sujeito; até mesmo a expressão homem particular necessita do conceito genérico; senão fosse assim, careceria de sentido. (ADORNO, 1977, p. 1).

O objetivo do filósofo frankfurtiano é desvendar e pôr em evidência a falácia dos pressupostos do idealismo e da dinâmica meramente identificadora na filosofia, a qual se adequa facilmente aos padrões existentes. Desse modo, a tensão permanente e dialética entre sujeito e objeto é fundamental para uma compreensão aberta e não restrita do pensar filosófico. Ademais, será importante consentir que a ambiguidade e a equivocidade dos termos não sejam prejudiciais ao pensar, ao contrário, que sejam a sua possibilidade de ir além de uma racionalidade instrumental, postulando a autonomia do sujeito, que conhece e, ao mesmo tempo, reconhece que sua compreensão dos objetos será sempre um processo aberto e dinâmico, não se fixando em definições estabelecidas. O momento da individualidade diz respeito ao particular, e isso remete ao heterogêneo permanentemente. A universalidade desse processo se dá por meio da formação do conceito, que provisoriamente se constitui como ponto de partida da reflexão, e não como definição. O estilo ensaístico, articulado por meio de fragmentos, aforismos e modelos próprios do pensar adorniano, alude a uma posição sempre em vias de construção e elaboração, sendo contrária a determinações

e definições fixadas. O sujeito e o objeto, vistos a partir dessa tensão dialética, tornam-se difíceis de ser capturados e definidos, como Adorno diz em seu ensaio:

É que, de certa maneira, os conceitos de sujeito e de objeto – ou melhor, aquilo a que se referem – têm prioridade sobre qualquer definição. Definir é o mesmo que capturar – objetividade, mediante o conceito fixado, algo objetivo, não importa o que isto seja em si. Daí a resistência de sujeito e objeto a se deixarem definir. Para determiná-los, requer-se refletir precisamente sobre a coisa mesma, a qual é recortada pela definição com vistas a facilitar seu manejo conceitual. Por isso, convém tomar, em princípio, as palavras sujeito e objeto como as fornece a linguagem polida pela filosofia, como sedimento da história; claro que não para persistir em semelhante convencionalismo, senão para avançar a análise crítica. Poder-se-ia partir da ideia, supostamente ingênua, mas, na realidade, já mediada, de que um sujeito, seja qual for sua natureza, um sujeito cognoscente, defronta-se com um objeto, seja qual for a sua natureza, objeto do conhecimento. A reflexão denominada *intentio obliqua* na terminologia filosófica consiste então em voltar a referir esse conceito multívoco de objeto ao não menos multívoco de sujeito. (ADORNO, 1977, p.1).

O exemplo apresentado no texto é elucidativo e esclarecedor na medida em que apresenta um processo aberto de reflexão sobre o sujeito e o objeto do conhecimento, no qual os conceitos não se fixam nem se tornam unívocos, ao contrário, conseguem manter-se na sua plural forma de compreensão, o que não reduz nem impede de serem multívocos e não completamente definidos. Ao assinalar que sujeito e objeto resistem e se recusam a ser capturados, Adorno intenta evidenciar uma nova forma de estabelecer o processo conceitual. Os conceitos, nessa acepção, serão apenas provisórios, pontos de partida da reflexão ou, por assim dizer, facilitadores do refletir crítico, que deseja sempre ir adiante, analisando, revisando e modificando sua compreensão.

O importante será avançar na análise crítica, e não se prender a aspectos meramente formais que tantas vezes atrapalham ou desviam a interpretação de sua *intentio obliqua*, ou seja, a reflexão que se libertou do aspecto formal e da perspectiva da primazia do sujeito.

Nossa reflexão dirigir-se-á a partir daqui à análise das determinações e demarcações operadas pela indústria cultural no âmbito subjetivo e social, demonstrando as dificuldades do sujeito enquanto interpretador se constituir em um universo de alienações, contradições e inversões valorativas.

### 3.4 SUJEITO E A INDÚSTRIA CULTURAL

“O esclarecimento se converte, a serviço do presente, na total mistificação das massas.”  
Horkheimer e Adorno, *Dialética do esclarecimento*.

Para analisar os processos subjetivos nesta época na qual se situa a humanidade, será necessário considerar as mudanças culturais, sociais e econômicas presentes. Nada melhor que tematizar a indústria cultural, expressão categorial elaborada e desenvolvida na Escola de Frankfurt que reúne uma compreensão sistemática e crítica baseada em elementos econômicos, sociais e culturais, como o próprio nome indica. O texto de Horkheimer e Adorno dedicado ao tema começa analisando a cultura contemporânea e discordando de alguns sociólogos que abordavam a situação cultural como um verdadeiro caos. Eles vão dizer algo de surpreendente em sua análise: “Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo, e todos os são em conjunto” (HORKHEIMER; ADORNO, 2011, p.128). Compreendendo a existência de um processo que tem marcado o conjunto das sociedades avançadas, e que dá um ar de semelhança ao todo da cultura, incluindo os aspectos econômicos e sociais, esse processo é a indústria cultural. E para abordar a unidade estabelecida pela indústria cultural, os autores recorrem a uma visão de conjunto na qual se pode perceber as grandes tendências e, por meio dela, compreender os aspectos que constituem uma identidade, ainda que falsa.

Rodrigo Duarte<sup>8</sup>, pesquisador da *Teoria crítica* esclarece o processo de desenvolvimento da indústria cultural abordando questões importantes:

Um dos expedientes utilizados pelo então incipiente ramo da economia para atingir essa conciliação foi tentar perscrutar os anseios latentes das massas e oferecer produtos que atendessem a essa demanda não explícita de modo a garantir tanto o seu lucro daquele dia quanto o dos dias vindouros, i.e., na medida em que a ideologia do capitalismo tardio não fosse tocada. Pelo contrário, ela deveria ser reforçada no nível das necessidades libidinais dos indivíduos componentes dessas massas (não foi à toa que a chamada “Escola de Frankfurt” foi uma das primeiras vertentes filosóficas a aproximar Marx de Freud) sem que isso lhes fosse evidente: elas “escolhiam” o que interessava antes de tudo ao sistema econômico e ideológico, achando que a escolha era espontaneamente sua. Duarte, p.78.

---

<sup>8</sup> O professor Rodrigo Duarte é Doutor pela Universität Gesamthochschule Kassel (Alemanha), professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisador do CNPq e presidente da Associação Brasileira de Estética.

A indústria cultural foi se estruturando no início do século XX a partir deste processo de perscrutar os anseios latentes das massas que se concentravam cada vez mais nas grandes metrópoles emergentes. As pesquisas em torno das demandas dos consumidores foram se especializando ao longo dos anos. Com o objetivo da obtenção do lucro mostra-se claramente os interesses econômicos que permeiam a oferta de produtos “adequados” aos consumidores. A clara utilização e intervenção dos conhecimentos psicanalíticos para melhor atingir as massas envolvendo-as por meio das necessidades libidinais, evidencia também a importância que a Escola de Frankfurt deu a esta aproximação entre o pensamento de Marx e de Freud. Um dos aspectos que revelam a astúcia da indústria cultural foi justamente esta da falsa “escolha” dos sujeitos, que na verdade escolhe o que interessa ao sistema econômico, embora pareça uma escolha pessoal do consumidor.

O processo de mercantilização da cultura atinge todos os setores das sociedades, o que origina um modo de ser e viver no qual as pessoas serão sempre mais consumidores e conformes ao sistema, em detrimento de uma consciência autorreflexiva crítica e as suas possibilidades de realização autônoma e emancipada.

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 2011, p. 128).

O exemplo do cinema e do rádio evidencia que a dimensão econômica e financeira é assumida publicamente sem o menor problema, já que a cultura passa a ser muito mais um artigo de consumo do que uma inspiração enaltecida do espírito humano. Esse diagnóstico ao mesmo tempo sombrio e verdadeiro torna clara a perda da força da arte, para não dizer que a precipita à morte. A questão do universal e do particular trazida à tona desperta o pensamento para a questão na qual o conhecimento está implicado diretamente. O conhecimento deixa de oferecer uma perspectiva de emancipação e assume contornos bastante destrutivos, e até mesmo

bárbaros, pois se ajusta muito mais aos interesses econômicos do que cumpre sua missão de esclarecimento e autonomização dos sujeitos contemporâneos. A crítica é voraz ao dizer que a legitimação econômica e ideológica visa apenas o lucro que à indústria interessa e comercializa.

Todas as transformações pelas quais as sociedades capitalistas tardias e avançadas estão passando só poderão ser compreendidas se for considerada a imbricação que elas têm com a indústria cultural. A perplexidade das pessoas, a dificuldade de compreender o que está acontecendo nas sociedades atuais, tornou-se patente. Alguns procuram argumentar, outros oferecem sua opinião sem muita reflexão – as explicações e argumentações circundantes são curiosas e ao mesmo tempo despertam aspectos inusitados:

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria importa métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. (HORKHEIMER; ADORNO, 2011, p. 128).

Um dos pontos que mais se destacam na abordagem das questões vinculadas à indústria cultural é a padronização aliada às necessidades dos consumidores. A boa recepção dos produtos é algo já esperado, pois antes da produção massiva dos produtos, eles já são veiculados como promessas de uma felicidade, e existe todo um aparato técnico e científico que dá suporte à sua elaboração e produção. O sucesso é garantido, pois as próprias necessidades são criadas e estimuladas com antecipação, e com os recursos mais ardis e inteligentes. Ao explicitar o que está por detrás de todo processo cultural contemporâneo, Adorno e Horkheimer assumem uma leitura crítica de exposição dos interesses que estão em jogo – a técnica se instrumentalizou de tal maneira que se tornou ela a própria racionalidade e a linguagem da dominação, segundo os pensadores frankfurtianos.

Antonio Álvaro Soares Zuin, pesquisador da teoria crítica, esclarece os obsessivos modos por meio dos quais os usuários, de um modo particular os



adolescentes, utilizam a internet e os aplicativos mais diferenciados, incluindo os *e-mails*, e como eles se situam na atualidade:

Não é obra do acaso a compulsão de verificarmos, num intervalo de tempo cada vez menor, se somos observados por novas mensagens que abastecem a caixa de *e-mails*, ou então a avidez dos adolescentes (e, em muitos casos, a dos adultos) por computadores, pois passam madrugadas inteiras “conectados” a outros adolescentes. A presença de tais práticas obsessivas remete o pensamento para a compreensão das características do processo psicossocial no qual o vício do choque audiovisual se arvora. (ZUIN, 2006, p. 79).<sup>9</sup>

Considerando as observações de Zuin, percebe-se que a força da indústria cultural se reproduz e se reorganiza conforme os passos tecnológicos das sociedades avançadas, ou seja, assumem uma velocidade espantosa e uma capacidade incrível de subsumir novos espaços e linguagens. Os adolescentes, e mesmo uma boa parte dos adultos, assumem rapidamente os novos modelos como formas de se sentirem integrados, atualizados e acompanhando o progresso da sociedade. As chamadas práticas obsessivas e os vícios, tão bem abordadas na última citação, no que concerne ao uso das novas tecnologias e seus aplicativos, tornam-se o cotidiano de tantos usuários, àvidos por estar sempre conectados e não perder a última informação. Quais seriam os efeitos desse processo problemático sobre a subjetividade? Na terceira parte do texto, aprofundaremos a abordagem desses mecanismos, as suas interferências, e a danificação efetuada por eles, no processo de constituição subjetiva.

Outro problema bastante comum nas relações entre os sujeitos e a indústria cultural está vinculado a programas violentos com formatos bem produzidos e que ganham espaço considerável na mídia. Poder-se-ia perguntar por que as pessoas se prendem e são levadas a assistir, cada vez mais, esse tipo de espetáculo do horror e de desumanização. Zuin recorre a Freud para esclarecer e oferecer alguns indicativos interessantes que possam explicar tais fenômenos midiáticos:

Para o psicanalista, isso explicaria o fato de muitas pessoas sentirem prazer no contato com situações que engendrassem afetos aparentemente desprazerosos, tais como angústia, medo ou horror, desde que houvesse algum tipo de circunstância secundária que atenuasse um pouco a gravidade da sensação desprazerosa (FREUD, 2004, p. 105). Mas o que dizer de uma

---

<sup>9</sup> O Prof. Dr. Antonio Álvaro Soares Zuin é Pós-Doutor pela Universidade de Leipzig (Alemanha) e professor-adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR.

sociedade que se curva, em sinal de reverência, diante da fascinação do grotesco e, por que não dizer, do horror?(ZUIN, 2006, p. 80).

O prazer que algumas pessoas sentem ao assistir programas televisivos ou filmes que lidam com situações limite, desafiando-as ao extremo de suas possibilidades físicas e causando sensações de angústia, medo e horror, só é possível porque existem atenuantes que estão disponíveis, e porque há mecanismos subjetivos que estão, por assim dizer, viciados, necessitando desses eventos para sublimar, sadomasoquistamente até, seus impulsos reprimidos ou contidos. O mais grave está na resposta possível a essa pergunta feita por Zuin: vive-se numa sociedade que se curva, em sinal de reverência, diante da fascinação ao grotesco e, porque não dizer, ao horror. Infelizmente é necessário reconhecer que essa realidade está diante dos olhos de todos que queiram ver. O espetáculo da violência e da barbárie captura a atenção dos telespectadores de uma forma impensável em outras épocas. De fato, essa manifestação pode ser entendida como um vício, um problema, uma compensação inestinguível, e sempre com necessidades maiores e mais tenebrosas sob o aspecto da desumanização autorizada e curtida ao extremo. Zuin esclarece como o horror é tratado nas sociedades contemporâneas:

Contudo, na sociedade da indústria cultural contemporânea, o trato com o horror é outro. Talvez não seja equivocada a argumentação de que horror atualmente tanto seduz porque os choques, por meio dos quais ele se manifesta, excitam exatamente os componentes sadomasoquistas da pulsão sexual, ou melhor, os componentes sadomasoquistas das circunstâncias iniciais da pulsão sexual, as denominadas pulsões parciais, de tal maneira que duas dessas pulsões parciais se entrelaçam e se completam: as pulsões do prazer de olhar e exibir e a de crueldade. No transcorrer do processo psicossocial do indivíduo, ambas as pulsões podem ser estimuladas em excesso, principalmente durante a infância. Pode então ser gerada uma situação na qual o pré-prazer, associado a estas pulsões, seja de tal modo excitado que se desenvolva uma fixação obstaculizadora da trajetória “normal” da pulsão sexual. Mas, atualmente, a afirmação da força do pré-prazer fundamenta-se na promessa de que os “novos” produtos da indústria cultural seriam mais sedutores e excitantes que a realização do próprio sexo, reforçando assim a dinâmica psicossocial viciadora da sociedade capitalista transnacional.(ZUIN, 2006, p. 80).

A excitação dos componentes sadomasoquistas, vinculados à pulsão sexual, é explorada de maneira sagaz, e com o uso dos mais sofisticados aparatos tecnológicos, de modo a prender a atenção e envolver as pessoas desde as suas subjetividades, no processo psicossocial dos indivíduos, obstaculizando o pleno desenvolvimento de suas capacidades por meio de uma dessensibilização

programada. A exploração das pulsões, do olhar e exhibir e da crueldade está difundida em tantos e diversos formatos midiáticos, no cotidiano contemporâneo. A indústria cultural, utilizando-se da força do pré-prazer, mobiliza os consumidores com suas contínuas promessas de realização e encantamento, atingindo, desse modo, as subjetividades, no seu modo de sentir, ver e desejar, e isso obstaculiza o processo autorreflexivo crítico, servindo muito bem à conformação e à adequação acrítica do conjunto social administrado.

E são os fetiches, como sucedâneos das experiências humanas, que se vingam de seus criadores por meio de uma dinâmica que vicia e que produz um estado semelhante ao da síndrome de abstinência. A poderosa metralhadora audiovisual, para usar uma expressão de Christoph Türcke, dispara seus projéteis nas mais variadas situações do cotidiano e, tal como se fosse uma injeção audiovisual, excita o aparelho perceptivo, ao mesmo tempo em que impulsiona o indivíduo a fruir o choque audiovisual compulsiva e sadomasoquicamente, até chegar ao ponto de ele se transformar em vício. (ZUIN, 2006, p. 82).

O vício gera dependência, submissão, incapacidade de pensar criticamente e se torna um impeditivo para os processos emancipatórios nas sociedades atuais. O modo como isso se dá é o protótipo da razão instrumental, pois a ciência, o conhecimento e o pensar estão a serviço da manutenção do *status quo* e da reprodução social e semicultural. Grande parte da produção cinematográfica, e diversos programas televisivos, só tem o objetivo de vender a própria sociedade estabelecida, utilizando de recursos e disfarces para dominar os indivíduos a partir de suas subjetividades. A poderosa metralhadora audiovisual vicia os espectadores na fruição dos choques que atingem o aparelho perceptivo, dominando-os de tal maneira a desejarem, compulsivamente, sempre mais choques semelhantes e ainda mais espetaculares. E assim fica estabelecido um círculo vicioso, que se reproduz e se reforça intermitentemente no consumo das mercadorias oferecidas pela indústria cultural.

A luta de Adorno e dos pensadores frankfurtianos contra a sobrevivência do fascismo é notória e compreensível, já que eles experimentaram, em suas próprias existências, o terror de um regime totalitário fascista. A reflexão adorniana aborda, para além das disposições subjetivas, como a ordem econômica é diretamente ligada a processos que impedem a emancipação dos sujeitos:

A sobrevivência do fascismo e o insucesso da tão falada elaboração do passado, hoje desvirtuada em sua caricatura como esquecimento vazio e frio, devem-se à persistência dos pressupostos sociais objetivos que geram o fascismo. Este não pode ser produzido meramente a partir de disposições subjetivas. A ordem econômica e, segundo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de nãoemancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam de seu próprio eu. (ADORNO, 2000, p. 43).

A afirmação que a ordem atual da estrutura social – e sua organização – *continua obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes*, permite que se possa compreender o alcance e o entrelaçamento do sistema social atual na consolidação de sua perene manutenção e o lastro de sua determinação sobre os pretensos *sujeitos*. A aniquilação do eu se explicita claramente e se torna uma opção forçada daqueles que quicá desejariam emancipar-se ou viver em alguma medida a liberdade prometeica. A questão da sobrevivência precária é a experiência fundamental que os indivíduos fazem, deixando-se levar a uma condição que sempre mais lhes parece roubada. Adaptar-se e conformar-se se tornou a ordem do dia e passou a ser uma “condição” à ta vida perdida que grita negando este mundo, tornando-se fechada, e que tantas vezes continua a sepultar as esperanças de tantas vidas que suspiram por um outro ar, um outro modo de existir e organizar a sociedade.

O fascismo não pode ser eliminado apenas considerando as disposições subjetivas que permitiram que ele se realizasse. O preocupante, como diz Adorno, é a persistência dos pressupostos sociais objetivos que geram o fascismo, que permite à barbárie retornar ou que, por meio de processos semelhantes aos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, possam acontecer novamente. Se as causas não forem eliminadas, e as condições sociais objetivas as favorecerem, não há dúvidas que isso possa se repetir. Quando aqui se mencionam as condições objetivas ou os pressupostos objetivos, estamos nos referindo ao modo de produção material da sociedade, ou seja, à estrutura e às formas de organização econômica da sociedade. Infelizmente se deve constatar que, na maioria dos casos, as pessoas continuam dependendo de situações às quais não têm meios para intervir ou modificar, e por isso se sujeitam a uma vida não emancipada. Abdicam de sua autonomia porque estão, de alguma maneira, atreladas ao sistema. Essa realidade é contrastante e impeditiva

para se pensar a emancipação. Torna-se um agravante na dependência e na conformação dos indivíduos ao sistema.

Ao abordar a questão da subjetividade, Adorno considera a subjetividade autônoma, que remete à ideia de democracia, participação e desenvolvimento singular, capaz de questionar, e não de conformar-se ao existente. A partir dessa concepção, o sujeito e a subjetividade compreendidos lutarão por seu espaço, abrirão caminhos de postular seu pensamento e intervir nos processos sociais, ainda que esses processos sejam dominados por relações de aprisionamento e abdicação do próprio eu.

Analisando a força da indústria cultural em relação aos sujeitos e suas influências sobre a constituição da subjetividade contemporânea, pode-se dizer que essa ação é forte e determinante no âmbito das relações sociais e da própria produção da subjetividade. A indústria da cultura por estar totalmente inserida na lógica do mercado se torna um processo impeditivo ou dificultador à emergência de sujeitos emancipados, livres e autônomos, como queriam e refletiram Kant e os pensadores idealistas modernos. Enfrentar a indústria cultural parece ser um desafio imenso, capaz de deixar perplexos todos aqueles que pensam criticamente o modelo de organização social coisificante e desumano vigente.

A criação de ambientes e espaços onde se possa realizar a autorreflexão crítica e vivenciar experiências, ainda que em âmbito microssocial, que promovam a autodeterminação, por intermédio da formação cultural como resistência à danificação subjetiva, seria uma alternativa possível para continuar apostando no sujeito e na crítica negativa.

O domínio da razão instrumental e da indústria cultural abre espaços e cria condições para a agressão, a barbárie e a dessubjetivação. A seguir, refletiremos acerca dos aspectos mais sombrios da humanidade, que obstaculizam a constituição de uma subjetividade forte e capaz de enfrentar criticamente os padrões impostos pela formação social existente.

### 3.5 BARBÁRIE: NAS SOMBRAS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

“A barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência.”  
Theodor Adorno, *Tabus a respeito do magistério*.

O aspecto sombrio do sujeito contemporâneo e da subjetividade humana será abordado neste capítulo, com o objetivo de esclarecer e oferecer uma interpretação da dimensão agressiva, do potencial destruidor e das tendências à barbárie presentes nas sociedades contemporâneas. Além disso, pretendemos apresentar indicações e possibilidades para os sujeitos e para a própria sociedade enfrentarem o problema, contribuindo significativamente para a sua desbarbarização e emancipação.

Constatar uma tendência social de crescimento e ampliação da violência, de preconceitos e de expressões da agressividade não parece ser difícil nos dias atuais. O conjunto destas manifestações abre maiores possibilidades ou evidencia uma real tendência à barbárie presente na época em que vivemos. Como nas sociedades do capitalismo tardio os meios de comunicação de massa ganharam cada vez mais força, influência e alcance, as pessoas convivem com diversos fatos e acontecimentos que evidenciam essa tendência. Para se analisar a amplitude de fenômenos complexos como esse, deve-se considerar os processos de produção da notícia, o sensacionalismo e os atrativos desse tipo de comunicação, e os interesses que se veiculam por meio dele, considerando outros fatores que, por certo, poderão nos ajudar a compreender tal realidade.

Parece certo que não nos sentimos bem em nossa cultura atual, mas é muito difícil saber se os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes. E em que medida e que parte as condições culturais tinham nisso. Sempre teremos a tendência de apreender a miséria objetivamente, isto é, de nos deslocarmos para as condições de outras épocas com nossas pretensões em suscetibilidades, para então verificar que ocasiões para sentimentos de felicidade e infelicidade nelas encontraríamos. (FREUD, 2010, p. 86).

As pesquisas científicas de Freud se estenderam, na parte final de sua produção intelectual, à área da cultura, e algumas de suas obras, entre elas talvez a mais significativa, *O mal-estar na civilização*, diagnosticaram a insatisfação vivida nas sociedades contemporâneas, considerando uma dialética dos avanços alcançados pela ciência e pelos diversos setores da técnica e pela tecnologia. Esse mal-estar mostra que a realização ou felicidade dos sujeitos não estão necessariamente vinculadas ao fato de viverem em sociedades avançadas, mas dizem respeito a questões relativas à vivência subjetiva desses processos. Na obra supracitada, Freud se pergunta por que essa sensação desagradável está presente? Quais seriam as razões desse mal-estar social e cultural? Seus estudos dão indicativo de que as

contradições, ambivalências e regressões do ser humano se manifestam também no âmbito social e cultural.

Adorno retoma o contributo freudiano, sobretudo dos textos tardios e sociais de Freud, para abordar a questão:

Já mencionei a tese de Freud acerca do “mal-estar da cultura”. Ela é ainda mais abrangente do que ele mesmo supunha: sobretudo porque, entretantes, a pressão civilizatória observada por ele multiplicou-se em uma escala insuportável. Por essa via as tendências à explosão que ele atentara atingiram uma violência que ele dificilmente poderia imaginar. (ADORNO, 2000, p. 122).

Com a complexificação das sociedades atuais, poder-se-ia dizer que a pressão civilizatória teve aumento significativo nessa direção. O que para nossa tese é interessante assinalar é como esses dados, a situação de aumento das tensões ou mesmo nas suas formas de se apresentar, influenciam a constituição e a formação da subjetividade e de que maneira podem intervir no modo de viver, sentir e escolher dos sujeitos contemporâneos.

Para continuar abordando a questão parece ser importante estabelecer uma noção possível para o que chamamos e consideramos barbárie. Bruno Pucci, pesquisador do pensamento frankfurtiano, procura em diversos escritos adornianos a compreensão dessa categoria:

No texto em análise, [Adorno] faz uma distinção clara entre manifestações de barbárie e de violência. “Entendo por barbárie — diz ele — algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo particularmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem [...] experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, por um impulso de destruição”. Há no texto outras expressões que caracterizam seu entendimento do que seja a barbárie: “momentos repressivos e regressivos no conceito de educação”; “práticas de atos que denunciam a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada das pessoas”. No ensaio “Tabus a respeito do professor”, Adorno utiliza-se das expressões: “o preconceito delirante, a repressão, o genocídio e a tortura” para caracterizar a barbárie. (PUCCI, 2007, p.4).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Com o título “Educação contra a intolerância” e com modificações, o texto foi publicado na coletânea *Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância*, Editora da Universidade de Passo Fundo, 2006, organizada por Altair Alberto Fávero, Claudio Almir Dalbosco e Telmo Marcon.

A reflexão adorniana sobre a barbárie traz diversos elementos que interagem entre si e evidenciam a contradição entre o processo avançado da civilização e os indivíduos em total descompasso com as relações civilizadas. O atraso disforme das pessoas, não apenas considerado em termos de uma falta nos processos de formação, mas sobretudo revelado numa agressividade primitiva marcada pelo ódio primitivo ou impulso de destruição. Essa agressividade se exalta no estado de exceção que é a guerra, tendo encontrado expressões inimagináveis nos campos de concentração do nazifascismo. A brutalidade e a frieza jamais pensadas se tornaram apavorantes e destruíram a imagem de um sujeito da história, capaz de realizar maravilhas e usar o conhecimento para edificar uma convivência social pacífica.

A morte ou aniquilação do sujeito e das promessas de liberdade, fraternidade e igualdade humana se tornaram um pesadelo para os projetos e utopias sociais. As expressões *momentos repressivos* e *regressivos* trazem presentes em seu diagnóstico elementos da linguagem psicanalítica, que considera questões envolvendo o inconsciente e o retorno subjetivo a fases não integradas ao desenvolvimento. Aludem também a processos sociais totalitários nos quais a relação com a alteridade perde a total consideração e o respeito, chegando ao limite da coisificação.

O preconceito delirante reduz o outro a um nada, desconsiderando sua própria humanidade, rebaixando sua dignidade a uma condição impensável. O genocídio, a matança e a destruição de grupos étnicos e sociais, a violência nas suas expressões mais vis, a intolerância e a incapacidade de colocar-se no lugar do outro, a discriminação infundada, a implacável destruição de perspectivas, a essência mutilada das pessoas, e tantas outras expressões, podem dizer algo limitado do que significa e do que significou a barbárie para aqueles que vivenciaram e vivenciam uma realidade de completa e total desumanização.

A barbárie é compreendida como total dessubjetivação porque nela a condição de sujeito é totalmente aniquilada, como diz Adorno, deixando o ser humano despido de toda a sua dignidade. O processo de coisificação chega ao ápice e a desumanização, ao extremo. A discriminação delirante dos agentes brutais implica numa perda total de sensibilidade e na frieza diante dos corpos tratados como meros objetos, submetidos à sua vontade e delírio.

Nossa reflexão se volta, a partir de agora, para um símbolo da barbárie na história da humanidade, pelo menos no que concerne à experiência vivenciada e



refletida criticamente por Theodor Adorno e pela Escola de Frankfurt. Os extremos e os contraditórios puderam ser experimentados: da desumanização e total destituição da dignidade humana e da racionalidade quando instrumentalizada e a serviço do genocídio.

### 3.6 AUSCHWITZ: DESSUBJETIVAÇÃO E BARBÁRIE

“A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação!”  
Theodor Adorno, Educação após Auschwitz.

Auschwitz se tornou um símbolo da barbárie, a metáfora da sombra foi utilizada por Adorno para designar a catástrofe humana e a mais aguda experiência de uso instrumental da razão a serviço da morte. O genocídio que aconteceu no campo de concentração de Auschwitz, Polônia e nos demais campos de concentração espalhados pela Europa durante a Segunda Guerra Mundial só pode ser compreendido mediante uma reflexão criteriosa, crítica, consistente e pertinaz, que é própria da filosofia. A perplexidade da humanidade ao descobrir o que lá aconteceu no final da guerra, e o pavor dos sobreviventes, é algo indescritível, inaudito, sem precedentes e que não pode se repetir. As atrocidades e horrores realizados com os seres humanos evidenciam a extrema frieza e a desumanização dos algozes, a instrumentalidade da razão quando posta a serviço da destruição e da morte e a insignificância da vida – a negação da dignidade humana aos que foram barbarizados.

Enio Mueller, em sua tese de doutoramento, fala da sombra projetada por Auschwitz e como o pensamento adorniano reflete sobre a realidade desses terríveis acontecimentos:

De Auschwitz projeta-se uma sombra. Perceber sua extensão e o que significa viver debaixo dela é compreender o pensamento de Adorno em suas noções mais fundamentais. O próprio Adorno usa a metáfora da sombra de modo elucidativo numa pequena frase em meio a um de seus textos sobre educação. Ali ele se refere de passagem à barbárie, “a terrível sombra sobre a nossa existência”. O retorno da mais moderna civilização à barbárie é um dos seus temas centrais, de forma explícita no pós-guerra. A sombra projetada por Auschwitz vai abrir, para Adorno, o sentido, ou melhor, o não-sentido da história, consoante a sua proposição de que o passado se deixa elucidar retroativamente. (MUELLER, 2009, p. 8).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Enio R. Mueller é Doutor em Teologia pela Faculdade Escola Superior de Teologia – EST, de São Leopoldo (RS), doutor em Filosofia pela PUC-RS, Pós-Doutorado nas universidades de Munique e Erlangen e pesquisador do CNPq.

Quando o filósofo frankfurtiano se refere à terrível sombra projetada sobre a nossa existência, ele aborda o mal-estar, a inquietação, as consequências mórbidas e trágicas, o peso que restou à humanidade e a consciência do potencial de agressividade, violência e destrutividade do ser humano. Outro aspecto que será importante destacar da reflexão de Adorno é a regressividade do processocivilizatório à barbárie, como um dos temas centrais de sua filosofia no período pós-guerra. Poder-se-ia considerar nesse sentido apropriada experiência de exílio vivenciada por Adorno, o acompanhamento dos acontecimentos e a necessidade de esclarecer as razões e os motivos que conduziram a humanidade a tal experiência. O chamado não sentido da história provindo desse genocídio tem suas raízes e razões precedentes que podem colaborar para a elucidação de suas motivações. Seria preciso entrar na história e colher nos diversos tempos alguns sinais que foram se estruturando para que a compreensão do significado e o alcance de Auschwitz para as gerações fossem mensurados. Os processos regressivos acompanham contraditoriamente a história, evidenciando a ambiguidade e a ambivalência do próprio ser humano e suas manifestações nas sociedades.

A compreensão dos processos complexos e permeados de uma série de determinantes que originaram e criaram as condições para que Auschwitz fosse possível exige uma postura e um posicionamento de relevância teórica capazes de interpretar com solidez e radicalidade os momentos cruciais da história. Adorno, em sua perspicácia interpretativa, oferece um arcabouço teórico capaz de realizar essa empreitada. Mueller põe às claras a *Deutung* adorniana, na tentativa de decifrar e elucidar tal evento:

Diacronia e sincronia, contudo, não são perspectivas separadas. A *Deutung*, a interpretação e explanação de pequenos detalhes do cotidiano que carregam em si marcas de uma sociedade danificada, sempre inclui o esclarecimento da gênese desta danificação. Para Adorno, este processo não se dá de forma linear, mas pelo trazer para perto conceitos relacionados, permitindo-lhes na lógica do discurso uma imitação do papel representado na realidade pelos objetos destes conceitos. Em movimentos simultaneamente diacrônicos e sincrônicos, os conceitos são articulados em constelações, na medida do possível girando equidistantes do núcleo vivo/mortal da filosofia. Este, cheio e vazio ao mesmo tempo, para Adorno veio a se cristalizar na palavra Auschwitz. (MUELLER, 2009, p. 14).

Parece fundamental destacar a questão da *Deutung* enquanto interpretação. O interpretar é o por assim dizer a missão fundamental da filosofia e da teoria social.

A explanação de detalhes que parecem a princípio sem significado, mas que no conjunto e na constelação de outras determinantes oferecem a possibilidade de compreensão de situações complexas e consideradas difíceis sem uma análise e reflexão mais consistente e sistemática. O modo de pensar a partir de constelações é bastante significativo e permite a compreensão de diversos fatores e linhas de interpretação, que se coadunam e conjugam em uma visão abrangente e universal, mas ao mesmo tempo sem desvincular-se do particular e das experiências atrozés vivenciadas por aqueles que lá estiveram confinados.

Por isso se pode dizer que Auschwitz é e foi mais que uma página obscura da história – suas marcas e consequências ainda hoje podem ser percebidas e vivenciadas:

Auschwitz é mais que acontecimento histórico, entendendo-se aí “histórico” no sentido bem amplo que descrevemos. Auschwitz encapsula o que Adorno, na tradição hegeliana, chama de *geistige erfahrung*. É a experiência espiritual de uma época, de uma geração, que ao ser refletida se descobre a experiência espiritual da humanidade na história. (MUELLER, 2009, p. 14).

Como experiência espiritual de uma época ou de uma ou mais gerações, Auschwitz tornou-se também símbolo do horror, da catástrofe humana e do mais vil uso da razão e do conhecimento. A reflexão dessa realidade e o desvelamento de suas mais abomináveis realizações, por mais dolorosa que possa parecer, como também diz Adorno em *Como elaborar o passado*, é a única forma de sair do beco sem saída da história, pois é somente por meio do enfrentamento sincero e realista da história, esmiuçado por meio da autorreflexão crítica, averiguando as condições subjetivas e objetivas do acontecimento, que se poderá elaborar esse passado e colaborar para a projeção de um futuro no qual situações como essa não possam se repetir.

Adorno viveu o processo da Segunda Guerra Mundial como algo dramático que o retirou de seu lugar de elaboração e profissão, deslocando-o para o exílio, mais ainda, pois sofreu visceralmente os horrores e as consequências de ver seu país, seu lugar na cultura, transformar-se em um espaço de barbárie e totalitarismo. Experiência que lhe marcou tão profundamente que ele conseguiu enxergar nesses eventos um símbolo de significação excepcional para a civilização ocidental, deixando marcas

indelévels na história e nas condições subjetivas do homem e da mulher contemporâneos:

Adorno foi um dos primeiros a acusar a significação excepcional que possui Auschwitz para a história da civilização ocidental, significação que aponta para sua atualidade mais flagrante. Com lucidez e clarividência impressionantes, compreendeu ele que Auschwitz emerge como paradigma por excelência de nossa modernidade esclarecida, o do campo de segregação. (CHIARELLO, 2007, p. 1).

A atualidade de seu argumento e de sua capacidade de refletir questões que poucos tiveram coragem de enfrentar teoricamente, pelo menos naquele tempo, o tornou reconhecido, amado e odiado por seus posicionamentos claros e radicalidade crítica. Sua lúcida reflexão evidenciou que Auschwitz não se deu por acaso no processo histórico, mas justamente por ser uma consequência de um processo racional vinculado a uma lógica mercantilista que transformou as relações sociais e de produção significativamente.

Chiarello mostra que também o filósofo italiano Agamben, pensador contemporâneo, aborda a questão da centralidade de Auschwitz na história do século XX como determinante e fundamental para a compreensão das discriminações e segregações de ontem e de hoje. Ele descreve como foi percebida dramaticamente a situação das pessoas que estiveram submetidas à barbárie e como esse processo continua, de outras formas, também se manifestando hoje:

Esses habitantes espectrais dos campos de concentração alemães da Segunda Grande Guerra, essas figuras apagadas no corpo e na alma a flutuar entre a vida e a morte, que tão pequena atenção receberam até hoje por parte da historiografia dos campos, constituem, para Agamben, bem mais que uma categoria de personagens singulares de nossa lúgubre história recente. Pois eles constituem o paradigma por excelência desta vida nua a habitar os campos, de ontem e de hoje, em que um poder biopolítico se exerce. (CHIARELLO, 2007, p.1).

A descrição dos corpos, dos indivíduos e dos sujeitos enquanto *habitantes espectrais dos campos de concentração, como figuradas apagadas no corpo e na alma*, parece um filme de terror, muito embora seja a descrição de uma realidade vivida e experimentada há pouco na história da humanidade.

A historiografia dos campos tantas vezes desprezou ou não deu a importância devida aos corpos dos que restaram e sobreviveram do massacre e da barbárie perpetrados. Esses corpos tornaram-se, segundo Agamben, um paradigma de compreensão da vida nua. A descrição impressionante, que inclui outras realidades

demarcadas pela barbárie nos dias atuais, evidencia que o diagnóstico de Adorno continua encontrando eco na atualidade e no interpretar o tempo de hoje.

Uma das questões importantes do pensamento de Adorno, quando ele trata das situações de barbárie, é a da frieza – uma frieza burguesa, própria da dinâmica coisificadora das sociedades industriais tardias que estão sob o domínio da lógica mercadológica. A frieza poder-se-ia caracterizar como a perda completa da empatia, do esfriamento das dimensões relacionais, da indiferença e da obliteração da sensibilidade humana. O embrutecimento do ser humano é a forma extrema desta frieza ou dureza que trata a alteridade como se fosse um objeto qualquer. O embrutecimento é o processo de perda da sensibilidade em relação ao outro, de arrefecimento da condição de se colocar no lugar do outro, por meio do qual a frieza e a dureza se fazem cada vez mais fortes, desumanizando e descaracterizando o sujeito que enfim se torna um “monstro” destrutivo e indiferente.

Quanto à frieza e ao embrutecimento que tornaram possível tais eventos, inexplicáveis à primeira vista, talvez sejam as palavras de Freud as mais precisas para elucidá-los e nos dão clarividência para refletir sobre:

Por mais que recuemos horrorizados frente a certas situações – a do escravo das galés na Antiguidade, a do camponês na Guerra dos Trinta Anos, a da vítima da Santa Inquisição ou a do judeu que esperava o “progrum” – é impossível nos colocarmos em seus lugares, perceber as modificações que o embotamento original, o entorpecimento gradual, a eliminação das expectativas e as formas mais grosseiras ou mais refinadas de narcotização provocaram na receptividade às sensações de prazer e desprazer. (FREUD, 2010, p. 86).

Algumas situações extremas já experimentadas pela humanidade ao longo de sua trajetória, que evidenciam um processo regressivo a padrões sem precedentes, deixam todos perplexos pelo horror a que se pode chegar. Os fatos elencados por Freud estabelecem contato com acontecimentos de diferentes épocas, e é bom não os esquecer: *a do escravo das galés na Antiguidade, a do camponês na Guerra dos Trinta Anos, a da vítima da Santa Inquisição ou a do judeu que esperava o “progrum”*. Em todos eles a experiência da barbárie se instaura. Como afirma Freud, parece ser impossível colocar-se em seus lugares, ainda que em tantos seres humanos haja o senso de solidariedade e compaixão, tal foram as formas e métodos refinados de brutalidade utilizados – processo bárbaros aos quais as pessoas foram submetidas que não podem ser descritos, mas se tornam verdadeiro clamor, um apelo

permanente para que coisas semelhantes não sejam repetidas. Será preciso compreender quais foram as condições sociais que permitiram tais situações ao longo da história.

Para o ilustre pensador vienense, a extensão do domínio da natureza chegou ao ponto de um domínio exterminador da própria natureza humana, ainda segundo seu diagnóstico, deriva daí boa parte da origem do mal-estar na civilização:

Os seres humanos conseguiram levar tão longe a dominação das forças da natureza que seria fácil, com o auxílio delas, exterminarem-se mutuamente até o último homem. Eles sabem disso; daí uma boa parte de sua inquietação atual, de sua infelicidade, de sua disposição angustiada. (FREUD, 2010, p. 184).

O avanço do conhecimento científico-técnico, sobretudo na perspectiva da racionalidade instrumental sob o signo do domínio, proporcionou, como já percebia Sigmund Freud, uma ampliação sem medida da capacidade de dominação da natureza, o que lhe possibilita, ao mesmo tempo, a ampliação de sua capacidade destrutiva, a tal ponto de tornar o medo, a angústia e a infelicidade partes do cotidiano da humanidade, além de significar uma possível autodestruição, uma catástrofe sem tamanho que pode fazer desaparecer a própria vida do planeta.

O processo de desenvolvimento e o progresso tecnológico avançaram de tal maneira, mas não na mesma proporção se fez no campo das humanidades, da formação cultural dos sujeitos. Adorno faz o diagnóstico de um grande descompasso desses processos. Refletindo a partir de Freud, em *Educação após Auschwitz*, ele afirma que o progresso civilizatório é carregado de uma dialética permanente:

Dentre os conhecimentos proporcionados por Freud, efetivamente relacionados inclusive à cultura e à sociologia, um dos mais perspicazes parece-me ser aquele de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório. (ADORNO, 2000, p. 119).

A afirmação emblemática de Sigmund Freud – “O progresso civilizatório origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório” – é algo esclarecedora e, ao mesmo tempo, intrigante, tendo originado muitas interpretações. Porém o que Adorno refletiu a respeito dela pode ajudar a esclarecer o tema a que se refere. Primeiro ele considera o contraditório como significativo e capaz de esclarecer, um elemento essencial à dialética negativa, identificado na racionalidade instrumental, que torna a dinâmica destrutiva cada vez mais forte, já que coisifica e uniformiza os processos sob a lógica mercantil no mundo administrado. Em segundo lugar se deveria

considerar sua perspicácia em perceber a dinâmica subjetiva em suas ambivalências e manifestações no âmbito do desenvolvimento social e cultural. O anticivilizatório perpassa o progresso das sociedades contemporâneas de uma forma intrigante e por vezes difícil de interpretar. Adorno interpretou este contraditório historicamente o que ofereceu uma visão interessante e esclarecedora. Ele fez a crítica a Freud, mas reconheceu sua percepção atenta e decifradora de elementos críticos da realidade social, que se podem compreender quando se aplicam os conhecimentos psicanalíticos às questões socioculturais.

As formas de contraposição ao princípio de Auschwitz passam pela constituição de processos autorreflexivos, sejam realizados em grupos, associações, organizações não governamentais, seminários e colóquios filosóficos ou espaços de educação escolar. A transformação das condições sociais objetivas para que isso aconteça são bastante reduzidas, mas poder-se-á investir no âmbito micro como forma alternativa e possível para promover a autorreflexão crítica, por meio de leituras, análise de filmes, dinâmicas de recreação e reflexão. Será a capacidade de organizar e promover a autorreflexão crítica, de múltiplas maneiras, que poderá repor a autonomia dos sujeitos nas sociedades capitalistas avançadas.

O poder da autonomia é indispensável para conter o processo de barbarização. Para Adorno: “O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (ADORNO, 2000, p. 125).

Para que o processo de desbarbarização das sociedades atuais possa se efetivar, será necessário restabelecer as condições de possibilidade da autonomia do sujeito e sua emancipação. O poder que procede da autonomia se faz necessário para a autorreflexão crítica, para a autodeterminação, a resistência e a não participação em processos desumanizadores. Para recuperar esse poder, para restabelecer as condições objetivas e subjetivas que permitam a emergência da autonomia dos sujeitos, será necessário desenvolver um processo de formação cultural (*Bildung*) no qual seja possível a realização da experiência formativa, oferecendo uma forte constituição da subjetividade capaz de intervir nos processos sociais e coletivos.

Para contrapor-se, de forma séria e consistente, aos processos que conduzem à possibilidade da barbárie, será importante enfrentar o narcisismo coletivo, que o pensador frankfurtiano decifrou nos eventos do nazismo, mas que, de outras formas, continuam a atuar, nos dias de hoje, por meio da indústria cultural:

No referente ao lado subjetivo, ao lado psíquico das pessoas, o nazismo insuflou desmesuradamente o narcisismo coletivo, ou, para falar simplesmente: o orgulho nacional. Os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim continuavam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontravam uma satisfação substitutiva na identificação com o todo. (ADORNO, 2000, p. 39-40).

O problema do narcisismo coletivo expõe, no que se refere ao lado subjetivo e psíquico, as possibilidades de manipulação e o envolvimento dos sujeitos em processos contraditórios e, inclusive, em situações de extrema desumanização. Ele exhibe intensamente alguns aspectos do processo de massificação aos quais as massas se identificam cegamente – por exemplo, com a atuação de líderes carismáticos –, tornando-se facilmente dominadas do ponto de vista da subjetividade. Constata-se uma grande debilidade subjetiva das massas em processos de identificação com o todo. A busca de satisfação imediata permite que seus sentimentos e desejos sejam explorados em exagero.

Poder-se-ia dizer que nossa reflexão, como em tantos momentos do pensar adorniano, explicita a assimilação do contributo psicanalítico, expressado na linguagem e no modo de analisar os fenômenos sociais e individuais: os impulsos narcisistas, a satisfação substitutiva e a identificação com o todo. Talvez neste aporte simultaneamente social e psicanalítico se encontre a originalidade de um pensar que contempla tanto o subjetivo como as implicações e determinações sociais que necessitam de um olhar abrangente e sociológico.

Ao analisar o significado da Segunda Guerra Mundial, mas também outros acontecimentos que na história contemporânea deram expressão à barbárie, o filósofo Timm de Sousa apresenta elementos reflexivos muito relevantes que colaboram para o esclarecimento de realidades sociais complexas. Ele procura em sua argumentação desvelar uma face não assumida do mundo, e mostra de uma forma elucidadora a condição na qual se encontram o ser e o não ser, fazendo um paralelo significativo entre a *Shoah* e a bomba atômica:

Mas é na Segunda Guerra Mundial que o mundo tão longamente gestado revelará sua verdadeira face. Culminância lógica dos totalitarismos, a guerra é também a culminância lógica do Ocidente. O que é o Nazismo: a menos hipócrita das doutrinas, ao afirmar que o Ser é o Mesmo, o Bom, a Totalidade, enquanto o que a isto não pertence, o Não ser, o Outro, o Diferente, é ou deve ser Nada. É apenas no Nazismo – no momento da violência institucionalizada e da aniquilação perfeitamente planejada, racional,



iluminada, do Diferente – que a Totalidade ocidental pode finalmente encontrar seus verdadeiros impulsos constitutivos, aqueles que em Heráclito, se davam no combate e na guerra e em Parmênides, definiam de uma vez para sempre que o ser é e o não ser não é. Na Shoah como na Bomba Atômica, o ser foi e o não ser não foi: pertencem ambos, grande extermínio e bomba exterminadora, ao mesmo lado, embora uma certa história que privilegia as contingências geopolíticas tente ensinar o contrário. A grande razão que culmina na mítica realização, simultaneamente absolutamente abstrata e absolutamente concreta, “monumento máximo de cultura que se mostra monumento máximo da barbárie”: dois lados de uma mesma moeda totalizante, dois momentos do metabolismo de um mesmo e único modelo trófico hegemônico de um determinado espírito e de uma forma de compreender o mundo e o universo como “gigantescos campos de caça”.(SOUZA, 2010, p. 43-44).<sup>12</sup>

Uma face macabra, perversa e assustadora, inacreditável, terrível e impiedosa. É pavoroso ver (nos vídeos produzidos à época) o rosto e o corpo mutilado dos sobreviventes, seja na libertação dos prisioneiros dos campos de concentração nazistas ou dos que resistiram aos ataques à Hiroshima e Nagasaki. A desumanização, o fio de vida que restou, procurando ser amparado, a redução do sujeito a objeto de escárnio e desprezo jamais experimentados – poderíamos identificar nas imagens o símbolo da morte da humanidade e de sua total destruição, figura de uma razão louca, perversa até as últimas consequências, violadora de todos os direitos e da total dignidade. Não poderia ser mais implacável, aterrorizadora e bárbara essa face, e tão real que não se pode permitir jamais o seu retorno! Monumento máximo da cultura porque obra do ser humano e de sua *racionalidade* posta a serviço da morte e da destruição, mas na verdade da semicultura, porque negação do real e verdadeiro significado da *Bildung*, emancipação dos sujeitos que fazem uso público da razão em vista do bem social. Por isso monumento máximo da barbárie, da instrumentalização da razão a serviço do domínio e da subjugação da natureza.

Dois momentos do metabolismo de um mesmo e único modelo trófico hegemônico de determinado espírito, de uma forma de compreender o mundo e o universo como “gigantescos campos de caça”. A perplexidade talvez seja a melhor palavra para designar o que se sente, o que se pensa, o que se experimenta quando se está diante de uma reflexão a respeito de eventos e de tragédias como essas. A saída de uma situação de tamanho impacto reflexivo só será possível pelo processo de decifração crítica, que se dá por meio do que Adorno compreendeu como

---

<sup>12</sup> O livro *Adorno e Kafka, paradoxos do singular* é uma obra reflexiva e filosófica que realiza com magistral força a aproximação entre o pensamento de Adorno e a obra de Kafka.

constelação sem a qual não se avança de maneira significativa na interpretação dos acontecimentos e tampouco se pode vislumbrar algum horizonte de possibilidade.

A humilhação vivenciada nos campos de concentração não tem parâmetro para que se possa comparar. As formas de violência moral, simbólica e de toda ordem massacravam e exterminavam os concentrados muito antes de a morte chegar. A reflexão oferecida por Adorno aborda a indiferença e a frieza vivida nos campos de concentração, mas também nas sociedades atuais, que geram indivíduos ensimesmados, egoístas e autorreferentes, tornando factível a continuidade do horror e da barbárie em termos mais sutis, mas não menos destrutivos:

O que os sádicos diziam às suas vítimas nos campos de concentração, “Amanhã você vai sair como fumaça por essa chaminé e ser mover em espirais em direção ao céu”, designa a indiferença da vida de todo indivíduo, uma indiferença para a qual se dirige a história: já em sua liberdade formal, o indivíduo é tão cambiável e substituível quanto sob os pontapés dos exterminadores. No entanto, na medida em que o indivíduo, no mundo cuja lei é a vantagem individual universal, não possui outra coisa senão esse si próprio que se tornou indiferente, a realização da tendência já há muito familiar é ao mesmo tempo o que há de mais terrível; não há nada que conduza para fora daí, assim como não há nada que conduza para fora das cercas de arame farpado eletrificadas dos campos de concentração. O sofrimento perenizante tem tanto direito à expressão quanto o martirizado tem de berrar; por isso, é bem provável que tenha sido falso afirmar que depois de Auschwitz não é mais possível escrever nenhum poema. Todavia, não é falsa a questão menos cultural de saber se ainda é possível viver depois de Auschwitz, se aquele que por acaso escapou quando deveria ter sido assassinado tem plenamente o direito à vida. Sua sobrevivência necessita já daquela frieza que é o princípio fundamental da subjetividade burguesa e sem a qual Auschwitz não teria sido possível: culpa drástica daquele que foi poupado. Em revanche, ele é visitado por sonhos tal como o de não estar mais absolutamente vivo, mas de ter sido envenenado com gás em 1944, e de depois disso não conduzir coerentemente toda a sua existência senão a partir da pura imaginação, emanação do louco desejo de alguém há vinte anos assassinado. (ADORNO, 2009, p.300).

A questão da indiferença referida simultaneamente aos campos de concentração e também ao modo como a lógica de mercado trata as pessoas na história cotidiana, reproduzindo tal situação nas sociedades contemporâneas, parece muito perspicaz e decifra comparativamente realidades tão distintas, mas que podem ser aproximadas. Inicialmente se tem a impressão de que a análise se dá apenas dos fatos ocorridos em Auschwitz, todavia, analogamente, Adorno vai refletindo sobre o mundo administrado como o lugar onde a indiferença e o individualismo se tornam uma tendência destrutiva nas individualidades e nos sujeitos. Como ele diz, *no mundo onde a lei é a vantagem individual universal*, que se tornou o ambiente no qual as pessoas

vivem, isso é o mais terrível porque não se vislumbram saídas, como os prisioneiros dos campos não encontravam formas de fugir. A situação trágica e sombria da humanidade, presa em um formato social opressor, grita por uma possibilidade diferente.

É contra a indiferença e o individualismo, a frieza e a dessensibilização que conduzem o ser humano ao processo de embrutecimento que a formação cultural (*Bildung*) deverá investir seus esforços, gerando possibilidades de enfrentamento crítico da barbárie. Adorno acredita em um processo de desbarbarização que possa retomar a autorreflexão crítica e o esclarecimento geral em contraposição à coisificação e à desumanização.

O sofrimento e a dor são temas recorrentes na dialética negativa e desejam mobilizar o pensamento pela indignação ética e pela força da expressão. As falas dos sádicos mandantes ou soldados a serviço do terceiro Reich contêm uma agressividade bárbara que seriam melhor não ser pronunciadas. A indiferença e a frieza representam e se tornam experiências que evidenciam a mais sombria face da humanidade e suas contradições se tornam explícitas.

O que parece importante destacar é que essas características não se restringem apenas ao mais terrível campo de concentração da história humana, mas estão presentes nas sociedades “democráticas” e se manifestam em muitas formas de agressividade, desconsideração e violência física, simbólica ou moral que estão marcando cada vez mais o cotidiano das pessoas. As inúmeras formas de discriminação impiedosas que subsistem nas sociedades atuais se constituem expressão da racionalidade e de estrutura social que coisifica e transforma as coisas em meras e descartáveis mercadorias para o consumo de descarte.

A análise dos mecanismos subjetivos que colaboram para o desenvolvimento deste processo discriminatório será fundamental para o esclarecimento tanto do que aconteceu como daqueles que em menor escala continuam a se projetar nas relações e nas sociedades contemporâneas. Como diz o pesquisador Rodrigo Duarte quando analisa os elementos do antisemitismo do ponto de vista da projeção: “Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial...no fascismo este comportamento é adotado pela política...o sistema alucinatório torna-se a norma racional no mundo” (DUARTE, 2004, p. 60). A reflexão acerca da projeção é muito importante de ser considerada neste contexto no qual as pessoas se sentem ameaçadas e encontram seus “inimigos” até

entre os mais próximos. Esta dinâmica quando se difunde nas sociedades atuais apresenta um potencial destrutivo e cria as condições para a barbárie se manifestar.

Tal desumanização e pavor vividos pelas vítimas têm precedentes na história? Os algozes de ontem são semelhantes aos algozes da contemporaneidade? Seriam eles também vítimas? Poder-se-ia justificar tal maldade e terror. Até onde vai a determinação do indivíduo e a responsabilidade social. A reflexão de Adorno analisa também este aspecto:

A antinomia entre a determinação do indivíduo e a responsabilidade social que lhe é contraditória não é nenhuma utilização falsa dos conceitos, mas é real: a figura moral da irreconciliação entre o universal e o particular. Mesmo Hitler e seus monstros são, de acordo com todas as intelecções psicológicas, escravos de sua primeira infância, produtos de uma mutilação, e, não obstante, não é possível absolver os poucos que foram pegos, se é que o crime hediondo não deve se repetir ao infinito, um crime que se justifica no inconsciente das massas pelo fato de que nenhum raio caiu do céu – essa é uma contradição que não se conseguiria aplinar por meio de construções auxiliares como a necessidade utilitária que se opõe à necessidade racional.(ADORNO, 2009, p.168).

Não pode haver nenhuma justificativa para aceitar esses processos encetados pelo nazifascismo e as mais diversas formas de totalitarismo de direita ou de esquerda. O que essas realidades mostram é que tanto a racionalidade dominante como os processos sociais atuais estão demarcados pela lógica do domínio e da exploração da natureza e do próprio ser humano. Por isso essas realidades podem até ser compreendidas e descritas em suas brutalidades, mas jamais poderão descrever e designar o que as pessoas que foram vítimas experimentaram em termos de negação de sua própria dignidade e singularidades. Os conceitos não são, nesse sentido, capazes de descrever ou definir o horror e a total falta de sensatez. A reflexão possível e limitada é ainda uma injustiça perante tamanha catástrofe e tragédia que falam do fim da humanidade e de um total desespero.

A compreensão da perversidade desses acontecimentos e sua complexidade podem encontrar alguma decifração parcial, mas ainda assim estará sempre muito aquém de poder explicitar e explicar o sucedido. O processo de dessubjetivação, ou seja, da própria consciência de responsabilidade e determinação do que se realiza são elementos básicos do processo de constituição subjetiva que em situações de excessão como a guerra se tornam patentes e visíveis. A sujeição absoluta de pessoas e sua identificação cega com o coletivo as dessensibilizam e embrutecem,

formando-as numa frieza e desconsideração que não podem encontrar justificativas possíveis.

O professor Mario Fleig, em sua obra *O desejo perverso*, analisa os traços da personalidade perversa com base na psicanálise a partir do contributo freudiano e lacaniano, também evidenciando como a perversidade está difusa nos princípios difundidos pelas sociedades modernas de uma forma velada e mais presente do que a maioria costuma imaginar:

Sofrer e fazer o mal, como testemunham os celebres perversos criminosos, requer a certeza da impunidade, que por sua vez revela a busca da total dessubjetivação. A dessubjetivação, o anonimato, a instrumentalização, a reificação, etc. São nomes equivalentes para o desaparecimento, e parece haver uma linha de continuidade. (FLEIG, 2007, p. 104).

Algumas caracterizações encontradas no processo dessubjetivação, e que dizem respeito à formação perversa, estão bastante propagadas no universo social contemporâneo, como os aspectos relacionados ao desaparecimento, ao anonimato e à instrumentalização. O eclipse do sujeito que se identifica plenamente com o outro no sentido sádico-masoquista, e que por isso ressalta a dimensão da dor e do sofrimento, é uma problemática que se socializa e se multiplica pela própria dinâmica social coisificadora, tornando o outro um objeto de uso e descarte também nas microrrelações e nas grandes negociações do capital.

Fleig continua arguindo e mostrando como esse funcionamento se reproduz nas sociedades modernas:

a perversão encontra no funcionamento social da modernidade suas condições de expansão e ao mesmo tempo ela se torna o modelo prevalente de relação com o outro, consolidando a manutenção da contradição própria da recusa da castração, por meio da conjunção disjuntiva. (FLEIG, 2007, p. 104-105).<sup>13</sup>

O interesse do argumento para a reflexão presente se dá, sobretudo, no aspecto que cria um encadeamento desse processo perverso com a questão da lógica presente nas sociedades atuais. O mais preocupante e que demanda sempre aprofundamento dos especialistas parece dizer respeito às condições nas quais a

---

<sup>13</sup> Na obra, o filósofo e psicanalista Mario Fleig analisa o modo como a dinâmica perversa atravessa o mundo moderno e incita a coisificação do outro. O Prof. Mario Fleig é Professor Jubilado da Unisinos.

perversidade encontra suas possibilidades para se expandir nas sociedades contemporâneas, como ficou demonstrado nas pesquisas psicossociais. Uma das pesquisas de Adorno e diversos pesquisadores sobre a *personalidade autoritária*, desenvolvida nos Estados Unidos da América pode oferecer elementos reflexivos sobre estes aspectos.

Se a perversão ou sua lógica de *uso do outro* se torna o modelo predominantena relação com o outro, isso é um grande problema nas sociedades atuais. O modo perverso e coisificante que atravessa as relações intersubjetivas e que, com a natureza seguem o modelo da racionalidade instrumental, deixam marcas de exploração, agressividade e violência. O chamado crescimento das condições que abrem possibilidade à barbárie explicitam a dinâmica perversa presente no âmbito da sociabilidade.

A morte resultante da barbárie e da perversidade, que se socializa também na semicultura e no mundo opaco e cinza que se cristalizou nas sociedades contemporâneas, é ainda um clamor, um sinal de contestação, e não pode ser considerada como igual e sempre igual, sobretudo porque aqueles que foram e continuam sendo vítimas da barbárie nazista ou de outras tantas barbáries dos nossos tempos, experimentaram e experimentam a crueldade humana sem poder se defender. A palavra não pronunciada, o não dito, o que é oprimido e o que não pode ser conceituado nesta hora sombria da humanidade negam vertiginosamente essa realidade injusta e sem perspectiva a que os indivíduos chegam quando não são mais capazes de pensar e sequer perceber o que lhe proporciona dor e sofrimento.

As palavras de Adorno sobre a morte dos aprisionados em campos de concentração, na obra *Dialética negativa*, são chocantes e devem minimamente provocar um sentimento de indignação ética:

A afirmação de que a morte é sempre a mesma é tão abstrata quanto não-verdadeira; a forma com a qual a consciência se acomoda à morte varia juntamente com as condições concretas em que alguém morre, e isso até o interior da *physis*. A morte nos campos de concentração tem um novo horror: desde Auschwitz, o que a morte faz com aqueles que são socialmente condenados pode ser biologicamente antecipado junto aos entes queridos de uma idade avançada; não apenas seu corpo, mas também seu eu, tudo aquilo por meio do que eles se determinam como humanos, esboroa-se sem doença e sem uma intervenção violenta. O resto de confiança em sua duração transcendente desaparece por assim dizer no curso da vida terrena: o que poderia ainda existir nele que não tivesse morrido? A crédula consolação segundo a qual o cerne dos homens continuaria existindo mesmo em uma tal desintegração ou na demência possui, indiferente em relação a essa experiência, algo de tolo e cínico. Ela prolonga essa impertinente sabedoria

de botequim: não permanecemos sempre senão o que somos, ao infinito. Quem volta as costas para o que nega a sua realização possível zomba da necessidade metafísica. (ADORNO, 2009, p. 307).

A morte se apresenta como um pavor antecipado, *temer a morte significa temer algo pior do que a morte*. Se algo pior que a morte é temível, é porque não se sabe a que situação de humilhação o ser humano será submetido, ainda que seja essa perda de confiança na vida que deveria continuar, mas sob a égide do medo que se transforma em terror. Esperar a morte chegar é pior que a morte enquanto experiência de finitude. É a espera que mata pouco a pouco, o assombramento de aguardar no patíbulo para ser eliminado. É a morte lenta, plena de angústias, desespero e terror, que destrói o que ainda resta de humano nessa existência já inteiramente aniquilada. Nesse sentido, tem razão Adorno ao dizer que é tolo ou cínico quem numa falsa perspectiva de crença imagina uma substância que permanece isolada dessa mutilação.

Adorno, porém, não se refere apenas aos aprisionados em campos de concentração. Sua reflexão se estende e alcança todos os condenados socialmente, ou seja, está se referindo também às diversas formas de condenação e injustiças que estiveram e estão presentes na história de hoje, ainda que se considere as sociedades atuais mais avançadas. O diagnóstico do descompasso entre o progresso na base material da sociedade capitalista, em sua relação com a base espiritual e cultural das sociedades contemporâneas, é bastante visível e nessa medida tem efeitos muito negativos sobre os processos formativos e as consciências das pessoas.

Retornando aos indivíduos vítimas da barbárie, ainda se pode considerar que a ânsia por continuar a viver e a expressar sua diminuta dignidade, e que poderia ser considerada uma expressão da subjetividade humana ainda que sob a pressão mais atroz, foram demonstradas nos desenhos dos rostos encontrados em algumas partes dos alojamentos dos prisioneiros. Algumas artes de colagem feitas por crianças nos campos de concentração expressam como um grito e clamor o desejo de uma vida na qual as pessoas não mais odiassem umas às outras, conforme foi possível observar em uma exposição organizada para divulgar os materiais e objetos encontrados dos campos de concentração, em ocasião dos 70 anos da libertação dos segregados em Auschwitz. Como diz Adorno, tudo o que se possa dizer não poderá expressar a verdade do que se passou nesse brutal acontecimento.

Um imperativo nasce da indignação e da constatação da barbárie. E a dialética negativa de Adorno postula um novo imperativo categórico para a humanidade a partir de Auschwitz, que é fundamental para a humanidade refletir com profundidade acerca das condições que conduziram à barbárie e poder desenvolver programas preventivos que impeçam a repetição dessa catástrofe:

Em seu Estado de não liberdade, Hitler impôs aos homens um novo imperativo categórico: instaurai o vosso pensamento e a vossa ação de tal modo que Auschwitz não se repita, de tal modo que nada desse gênero aconteça. Esse imperativo é tão refratário à sua fundamentação quanto outrora o dado do imperativo kantiano. Tratá-lo discursivamente seria um sacrilégio: é possível sentir nele corporalmente o momento de seu surgimento junto à moralidade. Corporalmente porque ele é o horror que surgiu praticamente ante a dor física insuportável à qual os indivíduos são expostos mesmo depois que a individualidade, enquanto forma de reflexão espiritual, se prepara para desaparecer. A moral só sobrevive em um motivo materialista sem disfarces. O curso da história conduz necessariamente ao materialismo aquilo que tradicionalmente foi o seu oposto imediato, a metafísica. Aquilo que um dia o espírito se gabava de determinar ou de construir como o seu igual move-se em direção ao que não é igual ao espírito; em direção ao que escapa ao seu domínio e em que essa dominação se manifesta, porém, como mal absoluto. (ADORNO, 2009, p. 302).

Será preciso unir o pensamento e as ações para que a Auschwitz não se repita! Adorno não fala apenas a partir da moralidade, mas sobretudo a partir do sofrimento e da dor sofridos no corpo daqueles que viveram e experimentaram a barbárie e a tragédia humana da aniquilação em tais condições, da redução de sua dignidade a nada. Sua reflexão diz que a individualidade enquanto forma de reflexão espiritual está por desaparecer, em oposição clara ao idealismo que não se aproxima nem de perto da experiência dramática que transformou seres humanos em número apenas, entregando-os à sorte para padecer em uma máquina mortal. Outra vez Adorno apresenta oposição explícita à metafísica e à concepção idealista do conhecimento. O sujeito como foi concebido no idealismo é questionado em suas pretensões de determinação, autonomia e garantias de um mundo bem sistêmico que veio desembocar nessa catástrofe da história humana.

O final deste capítulo refere-se à experiência de quem sucumbiu em sua constituição como sujeito. A morte não postulada nos termos da fé, mas pelo pensador frankfurtiano não é ainda o fim. Pode ter um significado que ultrapassa esse momento derradeiro do desespero como veremos. O sujeito, na sua concepção idealista



burguesa, deverá passar por esse padecimento para encontrar um novo modo de interpretar o mundo e tornar-se então um sujeito crítico.

Ao finalizar este capítulo, tendo em vista um novo imperativo categórico e ético, passaremos a refletir sobre o primado do objeto, sua relação com o sujeito na teoria do conhecimento e as implicações que essa nova impositação do objeto ganha no pensamento frankfurtiano, mais especificamente no desenvolvimento da epistemologia adorniana. E justamente essa outra compreensão do processo de elaboração do conhecimento será fundamental para situar o sujeito contemporâneo no universo das contradições sociais, concedendo a ele uma nova consciência de si mesmo e de suas possibilidades no mundo. Situado e consciente de suas determinações poderá desenvolver uma nova práxis rumo à sua emancipação, instituindo as mudanças necessárias para se buscar a utopia de um mundo distinto com outros critérios subjetivos e objetivos. Essa é a meta a ser alcançada.

#### 4 O PRIMADO DO OBJETO: SUJEITO, CONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO

“Reside na determinação de uma dialética negativa que ela não se aquiete em si, como se ela fosse total: essa é a sua forma de esperança.”  
Theodor Adorno, *Dialética negativa*.

O início da *Dialética do esclarecimento* apresenta algo extraordinariamente perturbador e inesperado ao abordar a transformação da ciência moderna em uma perspectiva catastrófica de domínio e obscuridade, invertendo completamente o sentido do conhecimento. A elaboração crítica de Horkheimer e Adorno nessa obra é algo surpreendentíssimo para quem se dedica à filosofia e procura um conhecimento estruturado e consistente. A sonoridade da língua germânica oferece uma força expressiva ao que os autores foram capazes de realizar. É preciso ler e deixar-se envolver ao contemplar as palavras e os seus significados, permitindo que a crítica seja esclarecedora.

O Conceito de Esclarecimento – No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (HORKHEIMER; ADORNO, 2011, p. 9).<sup>14</sup>

A interpretação adorniana a respeito da instrumentalização da razão e da submissão do conhecimento aos interesses sociais dominantes nas sociedades capitalistas avançadas causa espanto por se opor a uma visão não dialética que sempre preconizou apenas os aspectos de progresso e desenvolvimento oriundos dos avanços científicos, não enfrentando adequadamente os contraditórios desse desenvolvimento. A ciência moderna nasce com o objetivo de domínio e exploração da natureza e, por conseguinte, esse processo instrumentaliza o conhecimento elaborado, colocando-o a serviço do capital em detrimento da garantia da vida e do bem-estar de toda a humanidade. Tal compreensão gerou um avanço espantoso nos campos técnico-científicos, além de motivar progressos imensos em diferentes áreas da tecnologia, mas apresenta uma concepção e um modelo de desenvolvimento

---

<sup>14</sup>. Begriff der Aufklärung - Seit je Aufklärung im umfassendsten Sinn fortschreitenden Denkens das Ziel verfolgt. Von den Menschen die Furcht zu nehmen und sie als Herren einzusetzen. Aber die vollends aufgeklärte Erde strahlt im Zeichen triumphalen Unheils. Das Programm der Aufklärung war die Entzauberung der Welt. Sie wollte die Mythen auflösen und Einbildung durch.

predatório na sua raiz. Os custos do progresso e do desenvolvimento são contabilizados, e o próprio planeta já aponta sintomas de colapso e destruição. A dinâmica dialética e destrutiva oriunda dessa prerrogativa já há muito foi diagnosticada por Sigmund Freud, em *O mal-estar da cultura*, quando ele afirma que o progresso civilizatório é concomitante a um progresso anticivilizatório. Para o criador da psicanálise, *a força de morte atua contraditoriamente e ao mesmo tempo em que se realizam os avanços, oriunda da ambivalência constitutiva dos seres humanos*. A dialética desse processo regressivo necessita ser considerada para quem pensa o conhecimento em um sentido de formação cultural, como caminho de emancipação e desenvolvimento de sujeitos críticos e interpretadores do real.

A leitura adorniana do processo de instrumentalização da razão permite que se possa entender que o esclarecimento, o conhecimento científico e técnico tornou-se o seu contrário, um novo mito, uma nova forma de obliteração e ofuscação das possibilidades de avanço da humanidade. Ao invés de realizar sua missão de esclarecer, emancipar e gerar processos de mudança qualitativos, a ciência moderna e o conhecimento se transformaram em formas ideológicas, contribuindo unilateralmente para a reprodução das sociedades capitalistas tardias e avançadas.

Perius adverte, em sua obra *Dialética negativa e esclarecimento*, que a instrumentalização da razão atua em sintonia com o modo de produção capitalista, tornando-se o *modus operandi* da autodestruição do conhecimento como esclarecimento:

No sentido amplo do conceito de *Aufklärung*, esta racionalidade formal ou razão subjetiva se manifesta de forma exemplar na ciência moderna. O ideal de um mundo desencantado, de uma natureza destituída de todas suas qualidades, onde tudo seria mensurável, é a realização da mesma racionalidade formal que converte o trabalho em mercadoria. No entanto, é importante observar que este processo de "autodestruição do esclarecimento" não resulta apenas da instrumentalização desmemoriada da ciência, pois se fosse assim o pensamento sobre questões sociais poderia, pelo menos, tomar como ponto de partida as tendências opostas à ciência oficial. Porém, até mesmo estas tendências opostas, divergentes, que poderiam carregar em si um elemento emancipatório, são "presas do processo de produção." (PERIUS, 2006, p. 60).<sup>15</sup>

O entendimento da ciência moderna como uma força capaz de conhecer um mundo desencantado, uma natureza destituída de suas qualidades, onde tudo é

---

<sup>15</sup> Oneide Perius é Prof. Dr. da Universidade Federal do Tocantins e pesquisador da obra de Theodor Adorno.

mensurável e convertido em mercadoria, revela-se limitado e justificador de uma realidade construída a partir dos interesses sociais dominantes, não possibilitando a emergência de sujeitos que possam pensar a si mesmos e sejam capazes de realizar, com base na autorreflexão crítica, uma práxis emancipadora. Este *esclarecimento* é a própria autodestruição do real esclarecimento proposto por Adorno. Evidentemente, como está dito, a instrumentalização da razão está imbricada diretamente com o modo de produção, e juntos constituem o referido processo de autodestruição do esclarecimento, oferecendo por meio da indústria cultural apenas a semicultura, ou seja, produtos culturais mercantilizados e voltados à confirmação da sociedade administrada.

Perius aborda a formalização do sujeito enquanto instância fundamental e fundante da própria filosofia e também diz como Adorno reinterpreta essa forma de compreensão. A noção de sujeito elaborada a partir da compreensão do eu transcendental é insuficiente para responder à possibilidade de um pensar que se mantenha crítico e possibilite a experiência formativa emancipadora:

Em primeiro lugar, devemos compreender que a história da razão conduziu a uma progressiva “formalização” do sujeito, enquanto instância fundamental e fundante da própria filosofia. Tal noção de sujeito, eu transcendental, pura instância lógica, só pode ser compreendida como sendo um avanço na filosofia se forem encobertas as mediações que a tornam possível. Ou seja, um eu transcendental não pode fazer experiências. Tal é o paradoxo que, na Dialética Negativa, leva Adorno a criticar o eu transcendental de Kant. O eu empírico é condição necessária para o eu transcendental. É preciso resgatar a mediação entre ambos. (PERIUS, 2006, p. 90).

A crítica adorniana à noção do sujeito como eu transcendental é fundamentada a partir da dialética negativa, a qual postula um novo modo de compreender a relação entre o sujeito e o objeto. Para Adorno, o eu empírico é uma condição para o eu transcendental, já que a noção do sujeito enquanto eu transcendental torna impossível que o sujeito vivencie experiências. O primado do objeto e o resgate da relação entre sujeito e objeto em uma perspectiva dialética controversa e permanente se fazem necessários na dialética negativa. O sujeito não domina o objeto completamente no ato cognoscente, mas sofre a determinação do objeto e do mundo que o circunda, pois, além do objeto estar situado num contexto dinâmico e contraditório, o próprio sujeito se encontra num conjunto de determinações sociais, psíquicas e culturais.

Segundo o pensador frankfurtiano, a ciência moderna tornou-se melancólica e perdeu o crédito intelectual quando foi reduzida a um método. Na dedicatória de *Mínima moralia*, Adorno menciona a descrença no processo científico e nas transformações que acompanharam a sua involução:

A melancólica ciência, da qual alguns fragmentos ofereço ao meu amigo, refere-se a um domínio que, desde tempos imemoriais, se considerou peculiar à filosofia, mas que a partir da transformação desta em método caiu no desrespeito intelectual, na arbitrariedade sentenciosa e, por fim, no esquecimento: a doutrina da vida recta. O que outrora para os filósofos se chamou vida converteu-se na esfera do privado e, em seguida, apenas do consumo, a qual, como apêndice do processo material da produção, se arrasta com este sem autonomia e sem substância própria. Quem quiser experimentar a verdade sobre a vida imediata deve indagar a sua forma alienada, os poderes objetivos que determinam, até ao mais recôndito, a existência individual. (ADORNO, 1992, p. 4).<sup>16</sup>

A situação da ciência e do conhecimento, considerados a partir da crítica à racionalidade instrumental, pode ser considerada como a descreveu Adorno em sua dedicatória da obra organizada por meio de fragmentos. Melancólica ciência é a expressão que o autor usa para situar a ciência no contexto da indústria cultural e da racionalidade instrumental. O seu questionamento diz respeito à integração total da ciência aos processos mercantis e de consumo e à redução de suas possibilidades enquanto conhecimento para promover a emergência de sujeitos autônomos, livres e autorreflexivos. A regressão é tão grande que para ele não parece restar nada de substancial.

Mais adiante, no mesmo texto, Adorno, com ironia e perspicácia crítica, alude a trágica situação e a falsidade das considerações do sujeito diante deste conjunto social administrado:

Há, contudo, muita falsidade nas considerações que partem do sujeito acerca de como a vida se tornou aparência. Porque na actual fase da evolução histórica, cuja avassaladora objectividade consiste apenas na dissolução do sujeito sem que dela tenha nascido novidade alguma, a experiência individual apoia-se necessariamente no velho sujeito, historicamente condenado, que ainda é para si, mas já não em si. Ele julga estar seguro da sua autonomia, mas a nulidade que o campo de concentração patenteou aos sujeitos ultrapassa já a forma da própria subjectividade. À consideração subjectiva, mesmo criticamente acutilante acerca de si mesma, cola-se um [elemento] sentimental e anacrônico: algo do lamento pelo curso do mundo, que seria de rejeitar não pelo que neste há de bondade, mas porque o sujeito que se lamenta ameaça ancilosar-se no seu modo de ser, cumprindo assim de novo

---

<sup>16</sup> Livro escrito por Theodor Adorno durante o seu exílio nos Estados Unidos, coincidindo com o período da Segunda Guerra Mundial.

a lei do curso do mundo. A fidelidade ao próprio estado da consciência e da experiência está sempre sujeita à tentação de se transformar em infidelidade, enquanto renuncia ao discernimento que transcende o indivíduo e chama tal substância pelo seu nome. (ADORNO, 1992, p.5).

Parece paradoxal dizer que o processo social dominado pela indústria cultural possa desejar a dissolução do sujeito, mas os mecanismos por ela utilizados desfazem as possibilidades de autonomia e liberdade tornando-as meras ilusões, pois a própria vida se tornou aparência e dissimulação. O lamentar-se pelo curso do mundo é, em verdade, a simples resignação e a apatia de quem já desistiu de intervir no seu curso e direcionamento. Conformado, bem adaptado e inteiramente integrado ao sistema, o próprio indivíduo passa a ser infiel a si mesmo, renunciando ao discernimento e à autorreflexão, permanecendo como mero consumidor e espectador dos acontecimentos.

Para aprofundar a questão do conhecimento e sua relação com o sujeito, desejamos aprofundar a abordagem do que Theodor Adorno chamou de primado do objeto. O primado do objeto para o pensador frankfurtiano é um aspecto sem o qual será impossível compreender a relação do sujeito com o conhecimento, já que este é um princípio, um modo de interpretar as relações cognitivas presentes na teoria do conhecimento. Adorno realiza por meio do primado do objeto uma crítica ao modo de compreender o processo de conhecimento tradicional, no qual em geral predominou a primazia do sujeito. A própria teoria do conhecimento tornou-se presa desse modo de pensar e refletir a relação cognitiva entre sujeito e objeto, ainda que ela procure apresentar as diversas posições epistemológicas ao longo da trajetória do pensamento filosófico.

A postulação da dialética do esclarecimento se confirmou e o conhecimento que prometia esclarecer e emancipar tornou-se mito do esclarecimento e da emancipação. Adorno tinha razão em argumentar que a Terra totalmente esclarecida transformou-se numa calamidade triunfal. A crítica imanente e o questionamento do chamado *esclarecimento científico*, lançado por Horkheimer e Adorno, causaram e continuam a causar mal-estar entre aqueles que pensam e se importam com a interpretação do mundo. Ao mesmo tempo, essa noção despertou e se tornou oportunidade de reflexão, discussão e debate sobre a racionalidade, sobre a transformação da cultura em semicultura e o modo como a indústria cultural se impôs como forma mais sutil, versátil e inteligente de estabelecer o domínio nas sociedades

contemporâneas. Admitir esse diagnóstico crítico e contundente não significa dizer que está tudo comprometido, perdido. Perspectivas e possibilidades para a humanidade existem, porém como diz o próprio Adorno, não se deseja cair numa superficial doutrina de transformação social. Muitos o acusam de ser um pessimista sem saída, sem proposta, mas na verdade ele está preocupado em analisar e interpretar criticamente as sociedades capitalistas tardias e evidenciar as problemáticas e questões significativas que devam ser enfrentadas pela filosofia e o pensamento crítico. As trevas teriam vencido definitivamente as luzes. Pode ser esta a primeira impressão, mas é muito melhor partir de um ponto de reflexão seguro e consistente do que se iludir com uma compreensão romântica e meramente sentimental do mundo existente.

A crítica negativa evidencia uma série de coisas que estavam encobertas, mas deixa o processo aberto para que as pessoas, tomando-se novamente na posição de sujeitos críticos, possam intervir com qualidade e direcionamento consistente na realidade. Na sequência de nossa reflexão sobre a dialética negativa, o conhecimento e o primado do objeto contribuirão para destrinçar a concepção e o modo de operar da dialética negativa como pensada pelo pesquisador do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt.

#### 4.1 O CONHECIMENTO E A DIALÉTICA NEGATIVA

“A dialética negativa é a autoconsciência da conexão objetiva de obnubilamento.”  
Theodor Adorno

Quando se deseja estabelecer a relação entre conhecimento e dialética negativa, postula-se a força do pensamento crítico e da dialética enquanto uma visão de inadequação ao sistema capitalista e à sociedade administrada. Trata-se de uma concepção ou de uma posição no conhecimento e na epistemologia que procuram recuperar o conhecimento como esclarecimento e emancipação. A dialética negativa se apresenta como forma de fortalecer o processo interpretativo e o pensamento crítico permanentemente abertos e em elaboração. A oposição radical à razão instrumental, à mistificação das massas e à indústria cultural torna-se um pressuposto para se estabelecer e elaborar uma teoria crítica da sociedade, um filosofar capaz de assegurar uma perspectiva ao mesmo tempo abrangente e que parta do singular e particular das situações experimentadas concretamente pelos sujeitos.

A proposição de uma dialética negativa contemplará e assumirá, no seu modo de interpretar e pensar o mundo contemporâneo, aquilo que não foi dito, aquilo que é o não idêntico e não recebeu lugar na formulação do conceito, aquilo que foi excluído nas sínteses injustas e mistificadoras, aquilo que permaneceu como grito e como dor em um contexto de sujeição e domínio. Estas podem ser algumas questões a ser aprofundadas e refletidas para se compreender a relação existente entre conhecimento e dialética negativa.

Uma das características da dialética negativa é a sua posição contrária ao sistema. Adorno mantém um pensamento sistemático, crítico e consistente, mas se opõe a qualquer forma de sistema. Ao longo de sua trajetória acadêmica, ele preferiu o formato do ensaio, dos fragmentos, aforismos e modelos críticos para evitar que seu pensamento se convertesse em um sistema. Desse modo, quis ser coerente com seu pensamento crítico e com a dialética negativa. Optar por tal estilo significa abrir espaço para a autorreflexão e para o debate, oportunizando que as posições sejam expressas e que se possa elaborar o conhecimento sem a pretensão de se apropriar do todo da realidade que se nos apresenta.

O Professor Oneide Perius, pesquisador do pensamento adorniano, caracteriza a dialética negativa como antissistema e discute as questões do sujeito e da subjetividade:

Dessa forma, a dialética negativa é caracterizada como um antissistema e sua tarefa é a de quebrar a força do sujeito e o engano de uma subjetividade constitutiva. O idealismo é visto, neste contexto, como a projeção do subjetivo no objeto a ser conhecido. A posição idealista convertida em sistema torna-se, portanto, paranoia. (PERIUS, 2006,p.36).

A dialética negativa é antissistema ao posicionar-se contrariamente ao idealismo hegeliano e à sua totalidade, na qual todos os conceitos e interpretações encontram seu lugar e explicação. O sistema onde tudo é bem definido e funciona, oferece guarida, justificação e argumentos ao que se constituiu e configurou no modo de produção capitalista. Nesse sistema social coisificador, tudo adquire valor de troca, ou seja, torna-se mercadoria.

Perius relaciona a posição antissistema como diretamente implicada à relação do sujeito e do objeto do conhecimento, afirmando que a dialética negativa tem a tarefa de quebrar a força do sujeito. Aqui se trata de quebrar a força do sujeito transcendental, constituído no modo como foi pensado por Immanuel Kant. Nessa



posição epistemológica, o sujeito se apropria do objeto na posição de Senhor, determinando-o absolutamente ao conceituá-lo e ao estabelecer uma definição. O modo de proceder do sujeito, na teoria do conhecimento, é questionado por Adorno, que argumenta em favor da quebra da força do sujeito ao estabelecer o primado do objeto, no qual o próprio sujeito se percebe também como um objeto, porque imerso em uma realidade social com inúmeras determinações enquanto sujeito cognoscente.

Perius confirma a necessidade de uma crítica à racionalidade burguesa para se pensar a possibilidade da dialética negativa:

A crítica ao idealismo ou à ratio burguesa torna-se necessária e de suma importância para que seja possível pensar uma dialética negativa. O primeiro passo é a crítica ao sujeito transcendental kantiano. No citado texto “Die Aktualität der Philosophie” (A Atualidade da Filosofia) Adorno coloca-se contra Kant, afirmando que “o sujeito não é algum sujeito transcendental, a-historicamente idêntico, mas assume com a história formas diferenciadas e historicamente compreensíveis” O conceito de experiência filosófica é fundamentalmente distinto em ambos os autores. (PERIUS, 2006, p. 37).

A crítica ao idealismo ou à racionalidade burguesa é indispensável para se pensar a dialética negativa, porque a racionalidade burguesa é uma racionalidade da identificação na qual não se apresenta espaço para o não idêntico, o não conceituado. Ao definir e conceituar algo, essa racionalidade o identifica fixamente, por isso o processo dialético nessa perspectiva é petrificado. O primeiro passo para se pensar a dialética negativa é a crítica ao sujeito transcendental de Kant.

Perius retoma a conferência inaugural de Adorno na Universidade de Frankfurt, *A atualidade da filosofia* é fundamenta à crítica de Adorno a Kant, mostrando que o sujeito que conhece e apreende o objeto não pode ser aquele pensado por Kant, mas justamente um sujeito crítico e consciente de suas próprias determinações e, por isso, contextualizado na história e capaz de interpretar criticamente a realidade dinâmica, em constante processo de mudança.

A dialética negativa estabelece outra forma de relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, destituindo a pretensão subjetiva de onipotência diante do objeto. O outro modo de interpretar e conhecer se origina dessa concepção epistemológica, desafiando o sujeito a encontrar um posicionamento mais humilde, situado e ao mesmo tempo coerente com a dinâmica dialética da realidade.

Adorno aborda o procedimento filosófico da dialética negativa:

A dialética é enquanto modo de procedimento filosófico a tentativa de destrinçar os nós do paradoxo com o meio antiquíssimo do esclarecimento, a astúcia. Não é por acaso que o paradoxo foi, desde Kierkegaard, a forma decadente da dialética. A razão dialética segue o impulso de transcender a conexão natural e sua ofuscação que prossegue na compulsão subjetiva da regra lógica, sem lhe impor sua dominação: sem vítima ou vingança. (ADORNO, 2009, p. 124).

O modo pelo qual a dialética negativa opera no processo de elaboração do conhecimento é um procedimento que se pauta na tentativa de destrinçar os nós do paradoxo. Ao afirmar que é uma tentativa, Adorno já está dizendo que a aproximação crítica ao real, do objeto não é algo definitivo, é uma interpretação provisória, aberta e limitada que necessariamente deverá ser submetida, de forma permanente, à crítica para continuar avançando no conhecimento e no destrinçamento dos nós.

Aqui se poderá dizer que o destrinçar dos nós do paradoxo significa, em relação à astúcia do esclarecimento, superar a razão instrumental, já que ela objetiva e simplifica mesmo as aparentes contradições do processo cognitivo e social, ofuscando as realidades que, de fato, determinam a relação entre sujeito e objeto. Quando Adorno fala em astúcia no esclarecimento, ele nos remete à interpretação da figura de Ulisses em *Odisseia*, obra que narra como Ulisses ludibriou o canto das sereias e os seus súditos para chegar à Ítaca. Como bem afirmou Rodrigo Duarte ao interpretar o excurso *Ulisses ou mito do Esclarecimento*: “O recurso do eu para sair vencedor nas aventuras: perder-se para se conservar, é a astúcia. O navegador Ulisses logra as divindades da natureza, como depois o viajante civilizado logrará os selvagens oferecendo-lhes contas de vidro em troca de marfim”(DUARTE, 2004, p.55). A razão, nessa perspectiva, assume uma forma estratégica de domínio e é a imagem da *ratio burguesa*, que, por sua astúcia, dissimula, ludibria e domina os indivíduos na sociedade administrada, em vista de mantê-los submissos a seus interesses.

O destrinçamento dos nós só poderá se dar se o sujeito cognoscente crítico e reflexivo, consciente de estar numa formação social e de sofrer inúmeras determinações a partir disso, aproxima-se do objeto, acolhendo e contemplando uma infinidade de realidades circundantes as quais participam ou influenciam esse objeto para poder compreendê-lo em um universo mais amplo, um contexto no qual ele se situa ou encontra-se.

O argumento adorniano sobre o conhecimento se contrapõe claramente ao posicionamento da razão positiva, ou seja, da racionalidade científica que se

apresenta como *isenta* de toda subjetividade, sentimento e pulsão. A concepção frankfurtiana desse processo se coloca numa perspectiva radicalmente diversa e em desacordo com a pretensão objetivista de apreensão total e identificadora do objeto. A reflexão crítica do pesquisador da teoria crítica Bruno Pucci procura abordar essa questão de uma maneira provocante:

Adorno argumenta que o conhecimento não deve se deixar conduzir exclusivamente pela chamada razão positiva, que visa tornar o processo e seus produtos assépticos com medo da contaminação dos instintos, nem deve se deixar levar passivamente pelo irracionalismo das pulsões. É no respeito crítico por esses dois momentos, o lógico e o ilógico, o racional e o instintivo, que ele se faz mediador e frutífero. E mostra que até no idealismo kantiano, que prioriza a razão como faculdade do entendimento, o ato mesmo de conhecer – a apercepção sintética – não pode ser segregado da imaginação, da rememoração. Assim, diz: Certamente o sentido objetivo dos conhecimentos despreendeu-se, com a objetivação do mundo, cada vez mais da base pulsional; certamente o conhecimento falha quando seu esforço objetivante permanece sob o encanto dos desejos. Mas se as pulsões não são ao mesmo tempo suprassumidas no pensamento, que escapa desse encantamento, o conhecimento torna-se impossível, e o pensamento que mata o desejo, seu pai, se vê surpreendido pela vingança da estupidez. (PUCCI, 2001, p. 122).

Em seu comentário do aforismo *Intellectus sacrificium intellectus*, da obra *Minima moralia*, no diálogo entre as obras de Adorno e Nietzsche, o professor Pucci destaca o entendimento adorniano de que o conhecimento não se pode deixar conduzir exclusivamente por uma razão positiva. Segundo Adorno, não faz bem ao conhecimento uma condução exclusiva por meio de uma razão afirmativa, pois está mais a serviço das formas de manutenção do existente do que para refletir criticamente sobre ele. Pucci sublinha que no pensamento adorniano os aspectos não racionais, corporais e até instintivos encontram expressão na proposição de uma dialética negativa, indicando que no conhecimento o respeito crítico da realidade contempla os momentos do lógico e do ilógico, do racional e do instintivo, do conceitual e do não conceitual, e justamente por isso se faz mediador e frutífero. Pucci recupera com precisão que mesmo no idealismo transcendental de Immanuel Kant a imaginação e a memória são essenciais para a percepção sintética, finalizando com uma citação do próprio Adorno quando ele traz à tona a participação das pulsões no desenvolvimento do pensamento, e que caso elas não sejam capazes de realizar esse empreendimento intelectual, a estupidez de um pensar sem noção impor-se-á.

Outro aspecto necessário para a compreensão do processo dialético negativo como foi pensado por Adorno é o procedimento dialético de aproximação do real, que

por ele foi entendido como constelação. Na dialética negativa, as constelações são apresentadas como um universo interpretativo amplo para aproximação com o objeto e com as situações complexas, permitindo a decifração crítica. O processo de decifração crítica por meio da constelação se dá da seguinte forma:

O objeto abre-se para uma insistência monadológica que é consciência da constelação na qual ele se encontra: a possibilidade de uma imersão no interior necessita deste exterior. No entanto uma tal universalidade imanente do singular é objetiva como história sedimentada. Essa história está nele e fora dele, ela é algo que o engloba e em que ele tem seu lugar. Perceber a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ele porta em si enquanto algo que veio a ser... Somente um saber que tem presente o valor histórico conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto; atualização e concentração de algo já sabido que transforma o saber. O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si.(ADORNO,2009, p.141-142).

Para se chegar ao conhecimento, ainda que não o absoluto e contraditório do objeto, deve-se conhecer o seu entorno, o seu exterior para conhecer o interior, como afirma Adorno. Considerando o real em permanente devir e a dinâmica contraditória da realidade, cercar o contexto no qual o objeto está inserido é tão importante para desvendar os processos nos quais o objeto está implicado. Essas considerações são fundamentais na relação cognitiva e colaboram para uma compreensão histórica da relação do objeto com outros objetos, ao mesmo tempo, a constelação diz respeito ao processo cumulativo no qual o objeto está imerso. A dimensão do lugar do objeto é significativa na apreensão provisória do objeto, considerando-se a forma da dialética negativa nos procedimentos cognitivos, que é importante por situá-los numa perspectiva abrangente e global.

Em contraposição à racionalidade burguesa, a razão dialética opera numa direção totalmente antagônica e alternativa, seguindo o impulso de transcender a conexão natural e sua ofuscação. A compulsão subjetiva da regra lógica, própria da racionalidade instrumentalizada constatada por Adorno, só poderá ser vencida ou superada por outro paradigma epistemológico. A razão dialética, e aqui ele se refere à dialética negativa, procura retirar a ofuscação contida nessa compulsão subjetiva de tudo determinar, dominar e definir por meio de conceitos. A dialética negativa sai dessa lógica de domínio do sujeito transcendental e encontra outro caminho para seguir adiante, no qual a crítica será possível e o contraditório, o não conceitual

encontrará guarida e possibilidade de se expressar e ser contemplado na elaboração do conhecimento.

A negatividade da dialética é a característica do próprio *modus operandi* da dialética, ou seja, ela mesma joga para fora o que o sujeito conseguiu apreender do objeto: “Nada conduz para fora da conexão dialética imanente senão ela mesma. A dialética medita sobre essa conexão de maneira crítica, reflete seu próprio movimento; [...] uma tal dialética é negativa”(ADORNO,2009, p. 124).

Ao meditar criticamente a dialética, Adorno se põe a negar o apresentado como oriundo da apreensão do sujeito na sua relação com o objeto do conhecimento. O apreendido ou conceituado sempre é limitado em relação ao que o objeto é em sua realidade material. A negação é a forma de a dialética ser e operar porque não se contenta com os resultados obtidos, precisando ir além do já conceituado para procurar a verdade. Essa procura da verdade não segue a lógica formal e a compulsão subjetiva de definir ou estabelecer uma identidade do apreendido pelo sujeito com o objeto do conhecimento. A negatividade da dialética é a condição dela se realizar.

Continuando a reflexão sobre a negatividade da dialética como algo inerente ao pensar crítico que percebe a contraditoriedade como categoria da reflexão, eis a observação de Adorno:

É a coisa, e não o impulso à organização próprio ao pensamento, que provoca a dialética. Nada pura e simplesmente real: pois a contraditoriedade é uma categoria da reflexão, a confrontação pensante entre o conceito e a coisa. A dialética enquanto procedimento significa pensar em contradição uma vez experimentada na coisa. Contradição na realidade, ela é contradição contra essa última [...] Seu movimento não tende para a identidade na diferença de cada objeto em relação ao seu conceito; ela antes coloca o idêntico sob suspeita. Sua lógica é uma lógica de desagregação: da desagregação da figura construída e objetivada dos conceitos que o sujeito cognoscente possui de início em face de si mesmo. A identidade dessa figura com o sujeito é a nãoverdade. (ADORNO,2009, p. 126-127).

O real é a *coisa* que se apresenta como contraditória, e isso não se deve apenas ao modo de como o ser humano conhece a realidade. Essa contraditoriedade da realidade ou do objeto a ser conhecido pelo sujeito cognoscente evidencia que o processo cognitivo só poderá se dar de maneira objetiva e suficiente se for assumida uma perspectiva dialética do conhecer. Por outro lado, a contraditoriedade como afirma Adorno é uma categoria de reflexão, ou o confronto entre o objeto e o conceito elaborado a partir dele. Esse pensar em contradição é importantíssimo para que se supere a racionalidade afirmativa e dominadora que foi ensinada até hoje nas

instituições de ensino e educação. O conhecimento construído e elaborado a partir dessa ótica será totalmente diferente e diverso se for assumida tal categoria de reflexão.

O idêntico, o constituído como conceito, será posto sob suspeita porque o não idêntico, o não conceituado do objeto, em sua particularidade, surge para contradizer o que foi estabelecido como conceito. A lógica da dialética negativa é a desagregação, quer dizer, a dialética negativa vai desagregar a figura produzida pelo sujeito cognoscente no processo de apreensão do objeto e vai contrapor-se a essa identificação construída com a não verdade. Essa não verdade abrirá o processo de reconstrução do conceito, permitindo que este seja considerado uma noção a respeito do objeto, e não uma definição fixa e absolutizada.

Será importante enfrentar de cabeça erguida a questão da negação como força do pensamento, e ainda que seja considerado uma forma de pessimismo na maioria das vezes, sua pretensão é a verdade, sua busca incessante é a possibilidade de encontrar, nas muralhas do sistema, possíveis rachaduras e brechas para mudar o existente que a tantos machuca e destrói inexoravelmente a cada dia.

É possível crer que a alcunha de pessimista seja até necessária no atual contexto, e por isso mesmo afrontar com dignidade os escárnios e as desconstruções que se apresentem poderá ser até um elogio da capacidade interpretativa que não se adapta aos conformes do vigente nas relações sociais.

O pesquisador da teoria crítica e educação Bruno Pucci aborda claramente ao aproximar a obra adorniana *Minima moralia* e o pensamento de Friedrich Nietzsche. Ao retomar o filósofo demolidor da moral e da ordem burguesa, considerando que Adorno era um leitor assíduo de sua filosofia, Pucci recorda parte de um texto de Nietzsche, de *Origem da tragédia*, por sinal bastante inquietante:

Uma das pedras lançadas contra os frankfurtianos clássicos, particularmente contra Adorno, é a de serem autores pessimistas, construtores de becos sem saída, amantes das coisas negativas e melancólicas. E quando vamos ler o prefácio de Nietzsche à *Origem da Tragédia*, nos surpreendemos com um expressivo elogio à postura pessimista, expresso em questões desafiantes como estas: será o pessimismo necessariamente sinal de declínio, de decadência? Não existirá no pessimismo uma força, um potencial de vida? Uma predileção intelectual pelo horror, pela crueldade, pela incerteza da existência não é resultante de uma predileção pela vida, pelo excesso da força vital presente no mundo, nas criaturas? Uma visão mais penetrante sobre a realidade não será por si só dotada de uma temeridade irresistível, que busca o terrível como quem busca o inimigo, que procura um adversário digno contra o qual experimentar sua força? (PUCCI, 2001, p. 116).

É justo e necessário que se deva retomar a força da crítica e da negatividade que desloca o conhecimento e mantém a sua dinâmica sempre ativa e permanente. Poder-se-ia manter as perguntas formuladas por Nietzsche, e talvez essa fosse a mais adequada posição para um crítico, um aprendiz do filosofar, alguém que trilha nas tramas do conhecimento, mas pode significar também falta de coragem e ousadia. Ou será que seria mais ousado responder que a negatividade não seria sinal de declínio nem de decadência, mas de força e capacidade interpretativa, como aborda o filósofo de *Assim falou Zaratrusta*.

Encontra-se em outro momento do próprio pensamento de Theodor Adorno semelhante e pertinente caracterização da negação ou negatividade no pensamento. Bruno Pucci, mais uma vez, assinala a perspectiva retirada do último aforismo de *Minima moralia*:

No último aforismo do livro, [Adorno] tenta mostrar que a predileção ininterrupta pela postura negativa não é apenas sinal de uma visão mais penetrante das contradições da realidade, mas, também, o exercício da esperançosa busca de brechas salvadoras para saídas históricas. Aí, então, constata que “a perfeita negatividade, uma vez encarada face a face, se consolida na escrita invertida de seu contrário”. (PUCCI, 2001, p. 117).

Uma visão mais penetrante da realidade e também o exercício da esperançosa busca de brechas salvadoras para saídas da história. Tal afirmação desconcertante de Adorno oferece simultaneamente uma perspectiva de futuro e indica que algumas possibilidades de esperança se apresentam para a humanidade. A expressão “saídas da história” representa que as utopias não podem ser abandonadas. O sujeito que perde a dimensão de utopia entra na dinâmica de seu ocaso, na morte que se antecipa, pois não consegue vislumbrar um horizonte de possibilidades. A utopia de uma outra racionalidade, de uma outra forma de organizar e pensar a sociedade, as relações entre os homens e mulheres e a superação do domínio da natureza pelo respeito e cuidado cósmicos.

O exercício da esperançosa busca de janelas, de brechas salvadoras para as saídas históricas, é outro aspecto que evidencia que a dimensão de negatividade está no fundo na ânsia de encontrar possibilidades e alternativas, e não na simples negação sem sentido. Afrontar e assumir compassivamente o real em suas ambivalências e contrariedades, permitindo que a sua dinâmica transformacional se

possa expressar. Contemplar ativamente as diversas manifestações dos objetos, fornecendo indicativos para continuar ininterruptamente a busca da verdade.

A perfeita negatividade, segundo o pensador subjetivo, consolida-se na escrita invertida de seu contrário, ou seja, na proposição de algo contraditório àquilo que se afirma como falsidade. Porque a positividade, em um sentido amplo desse modo de interpretar, é o ajustamento e a conformação ao existente e estabelecido. Existe lugar e possibilidade para avançar, mas não se pode por isso pensar que a direção e abertura perceptíveis sejam tão visíveis e compreensíveis assim. A exigência de um pensar negativo e consistente impõe uma nova postura diante da vida e da realidade.

O pensador gaúcho e pesquisador da obra adorniana Timm de Sousa nos ajuda a compreender o significado do pensamento filosófico a partir da dialética negativa. Aborda também a relação desse modo arguto e agudo de pensar mencionando a literatura de Kafka:

Pensar filosoficamente consistiria assim, para Adorno, essencialmente na perfuração aguda – ou na corrosão arguta – dessa estrutura de proteção das entranhas reais daquilo que se apresenta como realidade, através da dialética negativa que explora toda a potência que habita cada conceito que, segundo ele, no conhecido dito significa os pensamentos que ao encontrarem – nos mais variados sentidos deste termo – a literatura kafkiana, assumem como plenitude a espantosa dimensão de sua urgência. (SOUSA, 2010, p.34).

Pensar filosoficamente é algo que impõe sobre o sujeito uma exigente tarefa interpretativa. Ricardo Timm, a partir do pensamento de Adorno, compara o filosofar a essa perfuração aguda, ou a uma corrosão arguta. O sujeito cognoscente, por meio da dialética negativa, ao se aproximar dos objetos do conhecimento procura realizar esse procedimento de perfuração aguda ou de corrosão arguta, ou seja, uma aproximação crítica que significa explorar toda a potência dos conceitos, e que vai mais além do conceituado, chegando ao não idêntico, ao não apreendido e configurado. No texto supracitado, Timm estabelece um excelente diálogo entre o pensamento adorniano e a literatura de Kafka, sua obra se chama *Adorno e Kafka, paradoxos do singular*, contribuindo para a compreensão da filosofia dialética de Theodor Adorno.

O pensar agudo e arguto de Adorno implica em um mergulho profundo na realidade que se apresenta como desafio sempre exigente, uma noção de que não interessa apenas o que se apresenta superficialmente, mas que ir além, buscar um



tanto mais, percebendo com o olhar atento todas as manifestações e expressões, também aquelas que parecem não ser adequadas à formulação conceitual e racional do conhecimento, é imprescindível.

Quando abordamos a negatividade da dialética se poderá recorrer à palavra *ideias*, que, segundo a tradição filosófica, são signos negativos, e isto implica também uma dimensão de utopia e perspectiva de emancipação:

[...] a tradição filosófica possuía a palavra ideias. Elas não são nem separadas, nem casca vazia, mas signo negativo. A não verdade de toda identidade obtida é a figura invertida da verdade. As ideias vivem nas cavernas existentes entre aquilo que as coisas pretendem ser e aquilo que elas são. A utopia estaria acima da identidade e acima da contradição, uma conjunção do diverso. (ADORNO, 2009, p. 131).

As ideias como signos negativos, como realidade que, ao mesmo tempo, propõe algo daquilo que as coisas pretendem ser e daquilo que as coisas são enquanto momento provisório a respeito da coisa que está sendo investigada e interpretada pelo sujeito cognoscente. A não verdade como figura inversa diz respeito à negação da verdade, constatada pelo processo de conceituação do sujeito. A dimensão utópica das ideias é que elas deixam em aberto a possibilidade de algo que está em processo de constituição. Nesse sentido, as ideias falam da dialética e também de esperança e possibilidade.

Na dialética negativa, a tensão permanente entre o particular e o universal na elaboração do conhecimento é uma perspectiva que porta uma dimensão crítica em relação à sociedade e ao seu princípio estruturante, o princípio de troca:

A crítica recíproca entre universal e particular, os atos identificadores que julgam o conceito faz justiça àquilo que é apreendido e se o particular também preenche seu conceito, é o meio do pensamento da não identidade entre o particular e o conceito. E não apenas o meio do pensamento. Se a humanidade deve se libertar da compulsão que realmente se abate sobre ela sob a forma da identificação, então ela precisa alcançar ao mesmo tempo a identidade com o seu conceito. Nisso tomam parte todas as categorias relevantes. O princípio de troca, a redução do trabalho humano ao conceito universal abstrato médio de trabalho, é originariamente aparentado com o princípio de identificação. Esse princípio tem na troca o seu modelo social, e a troca não existiria sem esse princípio; por meio da troca, os seres singulares não idênticos se tornam comensuráveis com o desempenho, idêntico a ele. A difusão do princípio transforma o mundo todo em algo idêntico, em totalidade. (ADORNO, 2009, p. 128).

O particular protesta contra o universal, constituído na formulação do conceito – universal e particular estão em permanente tensão e em crítica recíproca na dialética

negativa. A não verdade do particular quando confrontada à identificação realizada na construção conceitual depõe como contradição ao estabelecido. Adorno, nessa citação, reflete sobre como a identificação se generaliza também nas sociedades. A identificação constituinte da lógica formal na produção do conhecimento se relaciona intrinsecamente com o princípio de troca no âmbito social administrado. Esse princípio tem na troca o seu modelo social, ou seja, é a sociedade do capital, porque transforma as singularidades em mercadorias e, nesse sentido, transforma o mundo todo em totalidade por meio de um processo de identificação.

O pensamento frankfurtiano de um modo geral e de um modo particular o pensamento de Adorno se contrapõem em todos os sentidos à totalidade e ao sistema, estabelecendo, portanto, uma crítica aguda ao princípio de identificação. A forma da mercadoria, por meio da qual as singularidades perdem seus atributos próprios e se transformam em identidade, se fortalece cada vez mais e se reproduz criativamente, diferenciando-se para perpetuar um sistema que desumaniza e se torna predatório a todas as formas de existência e vida. O mundo idêntico é um mundo falso que retira dos sujeitos a possibilidade de sua real emancipação e os faz objetos determinados e sem perspectiva de futuro.

Será ainda relevante perceber que a dialética negativa transforma as categorias da tradição filosófica por compreende-las de modo diverso. A modificação das categorias tradicionais já indica uma nova interpretação oriunda da teoria crítica da sociedade:

Quando uma categoria se transforma por meio da dialética negativa – a categoria da identidade e da totalidade – a constelação de todas as categorias se altera, e, com isso uma vez mais cada uma delas. Os conceitos de essência e de aparência são paradigmáticos para isso. Eles provêm da tradição filosófica, são mantidos, mas invertidos na tendência de sua direção. A essência não pode mais ser hipostasiada como um puro ser-em-si espiritual. A essência converte-se muito mais naquilo que é velado sob a fachada do imediato, sob os pretensos fatos, e que faz deles aqueles que eles são [...] Uma tal essência é antes de tudo inessência a organização do mundo que rebaixa os homens a um meio de seu “sese conservare”, que amputa e ameaça suas vidas, reproduzindo-as e fazendo-os acreditar que o mundo seria assim algo para satisfazer suas necessidades. (ADORNO, 2009, p. 144).

A dialética negativa, ao transformar as categorias, altera a constelação de todas as categorias, o que significa que o modo de interpretar, de fazer a leitura da realidade se modifica profundamente, inclusive os conceitos e categorias tradicionais

ganham novos significados ao serem assimilados na lógica da dialética negativa. Adorno cita o exemplo da categoria de essência, que passa a ser aquilo que está ofuscado na fachada do imediato, questionando a visão tradicional da essência como um puro ser *per se* espiritual. Para ele, a essência em sua versão tradicional é uma não essência, pois serve apenas para maquiar e conservar o socialmente estabelecido, em detrimento da dinâmica do real que está sempre em movimento e transformação.

As formas de elaboração do conhecimento podem se apresentar de uma forma mais aberta – esse processo complexo, dinâmico e crítico vai sendo elaborado e se transforma em aproximações significativas do real, ou em formatos antidialéticos e acrílicos nos quais o conhecimento desconsidera as possibilidades desestabilizadoras do eu diante da ciência. O eu, o sujeito, encontra maior liberdade de se expressar em um formato aberto e sem uma estrutura rígida. Aqui estamos nos referindo ao ensaio como estilo, modo e forma de elaboração que foi bem destacado no pensar adorniano, que também utilizou aforismos e fragmentos de reflexão para expressar-se.

O ensaio crítico é uma forma de elaboração aberta que permite à dinâmica do conhecimento ir se construindo, e vincula-se ao próprio estilo assumido por Theodor Adorno na elaboração crítica ao sistema e às grandes narrativas. Esse estilo ensaístico e em forma de fragmentos adotado pelo filósofo frankfurtiano caracteriza melhor a reflexão e a procura da verdade na perspectiva da dialética negativa, pois oferece o espaço de articulação das noções e enunciados não de uma forma hermética e fixa, mas capaz de expressar a crítica do real que mantém o conhecimento na sua dinâmica de constituição permanente.

O eu tem um sentido de desestabilização diante do conhecimento, uma forma de fazer ciência que desconsidera as dimensões da imaginação, da poesia e da expressividade do humano e que não se inclui na racionalidade científica instrumentalizada. A filósofa Márcia Tiburi aborda esse aspecto de maneira instigante no artigo “A escrita herege”:

O sentido desestabilizador do Eu insere-se no eixo do previamente programado como filosofia, uma espécie de ciência que, pautada na objetividade, recalca o poético, a imaginação, o expressivo e todo o âmbito do estético no que ele possa ter de rebelde à ordem. O giro do eu no ensaio é o da heresia como reviravolta copernicana: se o eu foi eliminado por seu excesso de abstração pela ciência que procurou a objetividade epistêmica

contra a opinião subjetiva, ele retorna no ensaio como força do sujeito, porta de entrada da subjetividade que se arromba de fora para dentro por meio da minúscula palavra: Je, I, Ich, Jo, Io, Ego, Eu. Escrever o Ensaio, assumir o Eu, torna-se a heresia. O seu momento mais cruel ocorre quando se descobre o eu como o nada. A resposta ao problema do sujeito filosófico pode soar terrível: apenas é filósofo aquele que não se importa em sê-lo, pois ser filósofo ou definir-se sob outra qualquer classificação é o que menos importa a quem se ocupa com a liberdade do pensamento.(TIBURI, 2004, p. 4).

É importante sublinhar o ponto no qual se aborda a objetividade epistêmica contra a opinião subjetiva. O ensaio se apresenta como lugar da expressão desse sujeito, desse eu abafado e retraído pela objetividade científica. Como pensa Tiburi, o eu é a porta de entrada da subjetividade que se arromba de fora pra dentro. Assumir o eu se torna heresia em um contexto positivista da ciência, pois a tal objetividade desconsidera totalmente o ponto de vista daquele que interpreta, já que o ponto de vista subjetivo lhe aparece como perda da objetividade. A relação permanentemente tensionada entre a objetividade e o subjetivo, entre o sujeito e o objeto na elaboração do conhecimento em perspectiva para além do padrão instrumental da ciência, poderá nos ajudar a avançar nessa compreensão.

Na história da filosofia moderna, especificamente no século XIX, dois referenciais significativos foram o pensamento de Immanuel Kant e de Arthur Schopenhauer, os quais postularam alguns pontos polêmicos no que concerne a questão da subjetividade como descreve Tiburi:

No século XIX, o eu implode em favor de um alargamento da subjetividade, estendida para além do eu penso. Se quisermos chamar a discussão para outro par importante dessa passagem, enviemos nosso olhar a Kant e Schopenhauer. Se, para o primeiro o sujeito é aquele que possui a capacidade de dar a si mesmo as suas próprias regras, no segundo, essas regras estarão para sempre perturbadas pelo denominador comum da vontade cega e insana que comanda o destino humano em seu sem fundo. Aos poucos o eu deixa de valer como emblema de um sujeito. O sujeito será o nome da vontade, mas o seu avesso será o lugar do que se quer saber do sujeito.(TIBURI,2004, p. 4).

Em Kant, o sujeito vai aparecer com autonomia e autorreferência para dar a si mesmo as regras, já em Schopenhauer a vontade assume o comando como denominador comum diante das regras oferecidas pela razão do sujeito. A crítica às concepções subjetivas dos grandes mestres modernos evidencia um trânsito livre e respeitoso por toda a tradição filosófica, que, ao mesmo tempo, assimila elementos significativos e pertinentes, mas que também é capaz de refutar aspectos obsoletos e em defasagem.

A retomada do sujeito, que aproxima a história da filosofia às diferentes impostações relativas ao eu, à subjetividade e ao sujeito, nos auxilia a esclarecer diversos aspectos que envolvem a realidade quando se trata dessa questão. Mais adiante nesta nossa reflexão de retomada do pensamento na história, a influência psicanálise oferecerá aportes interessantes:

Diante desse quadro ao qual a psicanálise freudiana dará a coroa cintilante, a filosofia de Theodor Adorno sustenta ainda a noção de sujeito ocupando o lugar do narrador do ensaio. O sujeito do ensaio não se oculta como nos textos com pretensa objetividade científica. É ele quem erige o texto segundo seu arbítrio e não se envergonha de seu gesto, pois a heresia obtém seu perdão diante da sempre possível frustração da tentativa.(TIBURI, 2004, p. 4).

Daqui se compreende que a forma de expressão do sujeito também é considerada importante, e que não é em nome de uma pretensa objetividade científica que se deveria fugir do lugar de narrador do ensaio, da autoria como manifestação do subjetivo. Ao contrário, será exatamente ao assumir plenamente o sujeito enquanto narrador, enquanto aquele que pensa e manifesta-se também subjetivamente, e que por isso promove o pensamento crítico e reflexivo, que se poderá avançar. Assim, depreende-se que a objetividade científica não é verdadeira, pois esconde, faz o jogo da fachada, e por isso não está na perspectiva de busca sincera e coerente da verdade. O perdão concedido à heresia, ao equívoco e ao erro na procura da verdade se justifica porque não se está diante de uma forma acabada e definitiva do conhecimento, mas, por assim dizer, no processo de elaboração e na aproximação sempre maior do objeto a ser conhecido, como processo aberto, em tentativa e perseguindo dialeticamente o real. O ensaio como forma está mais de acordo com a dialética, pois ele se apresenta como conhecedor do provisório e que necessita da crítica, de sua negação para justamente poder avançar.

Será, pois, a partir do primado do objeto que se poderá compreender de uma forma mais evidente o processo do conhecer a partir de outra perspectiva. É a partir de como se compreende a teoria do conhecimento e a práxis por ela promovida que se poderá avançar na crítica do sujeito enquanto imerso no sistema e nas suas possibilidades de emancipação.

#### 4.2 O PRIMADO DO OBJETO, MATERIALISMO E SENSIBILIDADE

“O objeto, a expressão positiva do não idêntico é uma máscara terminológica.”  
Theodor Adorno, *Dialética negativa*.

O primado do objeto é uma noção fundamental para a compreensão da filosofia quando pensada em uma perspectiva crítica, imanente e dialética. É por meio desse primado que se refaz a teoria do conhecimento, postulando uma nova dinâmica relacional entre sujeito e objeto que possa assumir o não idêntico na formulação do conhecimento a partir da dialética negativa. Theodor Adorno desconstrói a teoria do conhecimento tradicional e o modo de elaboração do conhecimento a partir do idealismo, desmistificando o princípio e o primado do sujeito e postulando o primado do objeto a partir do qual vai constituir uma nova concepção de teoria do conhecimento e uma alternativa ao subjetivismo, que resgata a autêntica subjetividade em seu potencial de emancipação e intervenção prática na sociedade capitalista administrada.

O conhecimento tem uma influência capital nas sociedades modernas e, mais ainda, nas sociedades contemporâneas. As concepções idealistas e positivistas que se tornaram hegemônicas nas sociedades capitalistas influíram na forma de pensar e organizar relações sociais e mesmo o processo material da sociedade, e tiveram e continuam tendo implicações significativas nas formas de preservação do sistema e na manutenção das estruturas sociais.

Os estudos sociológicos de Foucault e Wallerstein refletem sobre o desenvolvimento social capitalista e o caráter instrumental da ciência moderna:

Este cenário é o quadro resultante do processo de desenvolvimento da sociedade capitalista mundial que, durante muito tempo, foi interpretada, quando não alimentada e legitimada, pelo caráter instrumental da ciência moderna. A vivacidade de seu progresso tem sua raiz no desenvolvimento do capitalismo que a fez sua força motriz na conquista, no domínio e na exploração da natureza. Seu fundamento político, por sua vez, fundamenta-se na ideia de que essa exploração era uma vocação, 'natural' e inevitável, do homem. (FOUREZ, 1995; WALLERSTEIN, 2002).

O processo de desenvolvimento da sociedade capitalista foi interpretado, alimentado e legitimado pelo caráter instrumental da ciência moderna. Com isso se quer dizer que o modo como Adorno concebe o conhecimento e analisa as estruturas e superestruturas da sociedade capitalista contribuem de uma forma precisa e esclarecedora para essa interpretação, nos oferecendo um instrumento para pautar,

pela negação da sociedade capitalista, uma provocação,mas também possibilitando pensar uma sociedade racional e emancipada.

A dialética negativa oferece um suporte sem precedentes de interpretação crítica, que, por meio de uma inversão, possibilita compreender uma espécie de proposição, ou seja, a negação é já uma proposta de abertura para a reflexão, de um pensar argumentativo e arguto a indicar algo de diferente e alternativo ao que está estabelecido e fixado como modo de existir social.

A crítica de Adorno,apresentada na obra *Dialética negativa*, não é apenas circunstancial, mas sim uma crítica de caráter substancial, pois atinge o cerne da estrutura cultural a partir da qual se constituem as sociedades. A produção do conhecimento, a formação cultural e a arte, embora sejam partes fundamentais da chamada superestrutura social, influenciam significativamente os processos reprodutivos das sociedades atuais. E foi apropriando-se das criações culturais e transformando-as em mercadorias por meio da indústria cultural que as sociedades capitalistas na contemporaneidade alcançaram maior força, hegemonia e sustentação. Essa forma de vender a sua continuidade por meio de mecanismos cujo domínio do sub-reptício e da inteligência desloca, por assim dizer, o poder reprodutivo da infraestrutura para o universo da superestrutura social. Foi por compreender esse processo de uma forma crítica que Theodor Adorno investiu sua produção teórica, sua vida e ofereceu a força de seu pensamento negativo para decifrar os meandros desse domínio.

A desconstrução e, simultaneamente, o reposicionamento operado por Adorno em relação à teoria do conhecimento se constitui em uma questão da maior relevância do ponto de vista filosófico, mas também do ponto de vista da concepção social. Por isso, ele não apenas faz filosofia crítica, mas elabora uma teoria social complexa a partir da qual será possível pensar uma utopia aberta ao futuro. Assim, ao contrário do que dizem a seu respeito quando o consideram um pessimista sem perspectiva, poder-se-á mostrar que seu pensamento ensaia uma perspectiva de futuro social no qual, verdadeiramente, o sujeito readquire seu *status* de pensador e intérprete, criador e artista, articulador inquieto de um outro modo de organização social.

#### **4.2.1 A expressividade do corpo no pensamento crítico**

No final do argumento sobre a *dialética negativa*, na obra com esse “nome”, Adorno apresenta uma reflexão extraordinária sobre o corpo, o sofrimento e a utopia de um novo padrão de convivência social, que é possível a partir da perspectiva oferecida pela primazia do objeto – despertando um senso solidário para com todos aqueles que sofrem, e um desejo de mudança substancial para as sociedades contemporâneas. Ele supera, por assim dizer, a dicotomia entre o espiritual e o corporal, articulando que o pensamento e as diversas manifestações do espírito estão intrinsecamente implicadas no corpóreo, na materialidade da vida dos seres humanos:

Todo o espiritual é impulso corporal modificado e uma tal modificação, a transformação qualitativa naquilo que não é meramente...os pretensos fatos fundamentais da consciência não são apenas meros fatos como esses. Na dimensão do prazer e do desprazer, algo corporal se investe deles. Toda a dor e toda negatividade, motor do pensamento dialético, se mostram a figura multiplamente mediatizada, e por vezes irreconhecível, do elemento físico, assim como toda a felicidade visa ao preenchimento sensível e conquista neste preenchimento sua objetividade. (ADORNO, 2009, p. 173).

A dor e todas as formas de negatividade que movimentam e mobilizam a criatividade do pensar são mediatizadas pelo elemento físico – o corpo está em permanente interação com aquilo que pensamos e interpretamos. Penso que Adorno está evidenciando de diversas maneiras como a materialidade da vida se articula com a dimensão espiritual e racional do ser humano. Essa visão, que procura estabelecer uma unidade em tensão permanente entre as realidades experimentadas na vida humana, é realmente distinta e significativa para se pensar uma nova compreensão antropológica, uma concepção que articula bem a subjetividade, o espírito e a materialidade. Sua abordagem afirma ainda que a felicidade é a utopia de todo ser humano, e que ela está articulada com a criação e com os aspectos sensíveis e materiais da vida.

Mais adiante, na mesma obra, Adorno continua a tematizar o conhecimento e a corporalidade, revelando que não se pode deixar de pensar também o físico e corporal que está implicado no processo de percepção da condição única do ser humano. Ele faz ainda uma crítica ao idealismo e à filosofia da identidade como incapazes de estabelecer essas conexões necessárias:

No conhecimento, ele (momento somático) sobrevive como a inquietude que coloca o conhecimento em movimento e que se reproduz de modo não atenuado em seu progresso; a consciência infeliz não é nenhuma veleidade cega do espírito, mas lhe é inerente, a única dignidade autêntica que ele



recebeu na separação do corpo vivo. Ela o lembra, negativamente, de seu aspecto corpóreo; por si só, o fato de ele ser capaz disso já lhe confere alguma esperança. O mais mínimo rastro de sofrimento sem sentido no mundo experimentado infringe um desmentido a toda a filosofia da identidade que gostaria de desviar a consciência da experiência: “Enquanto ainda houver um mendigo, ainda haverá mito” (Walter Benjamim, passagens); é por isso que a filosofia da identidade é, enquanto pensamento, mitologia. O momento corporal anuncia ao conhecimento que o sofrimento não deve ser, que ele deve mudar. “a dor diz: pereça” (Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*). Por isso, o especificamente materialista converge com aquilo que é crítico, com a práxis socialmente transformadora. (ADORNO, 2009, p.173).

É a sobrevivência do momento somático como inquietude produtiva, epistemologicamente falando, pois movimenta, mobiliza, ativa e desperta o conhecimento dialético para avançar, ir adiante na negação desta totalidade coisificadora e barbarizante e estabelecer novos parâmetros e possibilidades de se pensar, para além do estabelecido, que apresenta uma perspectiva de mudança qualitativa e ética. Essa inquietude mobilizadora do conhecimento, proveniente do momento somático, está intrinsecamente relacionada à experiência do sofrimento, da dor e da indignidade – é nelas que os sujeitos deixam de ser criadores e se tornam consumidores, objetos de uso descartável atuando em benefício de uma burguesia sem escrúpulos.

A relação entre o sofrimento e o momento somático é algo totalmente inusitado e traz algo de revolucionário no modo de compreensão da dialética negativa. O elemento corporal negado e a dor se mostram como negação ainda de uma forma de interpretar e produzir o conhecimento, que se desvia da experiência e da realidade experimentada pela humanidade e pelo todo da criação. A negação do aspecto somático e sensível é, portanto, uma fuga da decifração do real e do assumir plenamente um pensamento crítico. Esse modo de conceber o conhecimento está implicado socialmente na permanência de um modo de organização das relações de produção social.

Porém o mais interessante para nossa pesquisa encontra-se na parte final da última citação, ou seja, é quando ele afirma que “o especificamente materialista converge com aquilo que é crítico, com a práxis socialmente transformadora.” Mais uma vez a positividade em Adorno surge do reverso da negatividade invertida. Ser sujeito materialista, poder estar plenamente ciente das determinações sociais, econômicas e culturais que sofre e ser também ciente que o objeto não pode ser visto isoladamente, mas também na dinâmica da história e de suas determinações, é que torna real a possibilidade de ser crítico e, simultaneamente, interventor por meio da

práxis transformadora. O primado do objeto se apresenta como condição a partir da qual é possível postular a condição de emancipação do sujeito, e a sua mais concreta oportunidade de se fazer não só intérprete do real danificado, mas interventor qualitativo da transformação do mundo administrado. Para os que desconsideram o pensamento adorniano de negação de maneira inconsequente ou sem perspectiva, com críticas infundadas e simplórias, resta a resignação de reconhecer o seu não entendimento e a sua inadequada incompreensão do tema, pois ele fala claramente do materialismo e da criticidade, associando-os intrinsecamente com a práxis socialmente transformadora.

A crítica aos pressupostos idealistas vai se mostrar necessária porque diz respeito à urgência de se desfazer o nexos estabelecido entre conhecimento e reificação que se dá visivelmente no idealismo:

Os pressupostos idealistas apresentariam, segundo Adorno, um nexos intrínseco (em sua forma, e não em seu conteúdo) com a reificação, pela via de sua estrutura conceitual, que, ao invés do pretendido, afastaria o sujeito do conhecimento do objeto. Esta seria inclusive uma das conclusões da *Dialektik der Aufklärung*, em sua apresentação do modo de correspondência entre a sociedade alienada e administrada e a racionalidade sistematizadora, classificatória, calculista, identificadora. Haveria um domínio reificado da falsa objetividade no pensamento resultante da dialética entre dominação da natureza e dominação social. (MAAR, 2006, p. 136).

O intrínseco nexos do idealismo com a reificação, estabelecido desde a forma de elaboração do conceito, engana o sujeito em sua intenção de buscar a verdade do objeto e o ludibria, distanciando-o da compreensão e da possibilidade de interpretação crítica do problema, anulando, por assim dizer, o que seria propriamente a finalidade do conhecimento, destrinçar os nós e decifrar o real. A correspondência entre sociedade alienada e a racionalidade se apresenta como um dos aspectos significativos da teoria social e crítica desenvolvida por Adorno em *Dialética do esclarecimento*, mas também está presente no desenvolvimento de toda a sua obra. O domínio reificado da falsa objetividade dessa racionalidade e modo de fazer ou produzir o conhecimento se vincula permanentemente à tensão entre o domínio da natureza e do social.

Uma sensibilidade realmente surpreendente em relação ao particular marginalizado e às situações de pobreza extrema que desfaz de maneira inteligente os pressupostos da filosofia da identidade. A citação de Benjamim, relacionando o

mito e o mendigo, revela uma posição política e social no sentido de pôr-se no lugar daqueles que são ignorados, marginalizados e desprezados. A negatividade não se apresenta apenas como negação intelectual do presente estabelecido, mas é uma sensibilidade particular, uma posição que assume o grito e o clamor por mudanças substanciais nas relações de produção e por transformações substanciais do próprio indivíduo.

O corporal é mediação para que o conhecimento possa tornar manifesto a injustiça e a negação de tantos seres que sofrem. A citação de Nietzsche é uma provocação, e chama atenção para aquilo que não pode continuar, que deve ser transformado e revolucionado –“a dor diz: pereça!” É um basta definitivo ao estabelecido que impede a dignidade e o desenvolvimento da vida.

O corpo sofrido e massacrado anseia por liberdade, mas não a liberdade individualista, autorreferencial, burguesa e requintada de privilégios, anseia pela liberdade que advém de um compromisso ético e de uma experiência concreta de opressão. O corpo que experimentou a dor de não poder se desenvolver, o corpo que passou fome e experimentou a miséria, como condicionamento de uma totalidade movida pelo lucro, anseia por uma redenção, uma oportunidade de se expressar, de dizer o que está reprimido e recalcado. A filosofia, o pensamento comprometido eticamente, precisa dar voz e permitir que o clamor desses corpos marginalizados mostre a verdade, ou seja, que revele a incapacidade do modelo organizacional de gerenciar a vida, a natureza e a história que está posto.

#### **4.2.2 Oтелosda negação do sofrimento físico**

Um dos pontos-chaves da dialética negativa de Adorno é a postulação do materialismo como contraposição explícita aos diversos idealismos presentes na filosofia moderna e contemporânea. A parte central da obra *Dialética negativa* versa sobre o posicionamento epistemológico de referência por meio do primado do objeto. Parece haver uma reação ao materialismo, fruto de uma ideologia bastante difundida nas sociedades capitalistas que, em geral, se adequa e contribui para o reforço do modelo social vigente.

Nesta parte de nossa investigação e interpretação deseja-se levar à frente o argumento que apresenta suporte para uma concepção materialista ser também uma

perspectiva que ofereça sustentação a um processo emancipador do sujeito e uma real intervenção na práxis social enquanto teoria esclarecedora de possíveis debilidades sistêmicas e articulações necessárias para a mudança social.

As relações sociais, culturais e de produção no Ocidente caducaram, desfizeram a utopia de um novo mundo. O que a sociedade é atualmente exige algo distinto, diverso, diferente. Refletir acerca de sua finalidade, de seu *télos*, é importante também para quem é visto como um “proclamador” da negação total sob qualquer perspectiva:

Confrontada com essas iniciativas, a finalidade, que sozinha torna a sociedade aquilo que ela é, exige que ela seja organizada de um modo que se tornou necessariamente impossível pelas relações de produção no Ocidente e no Oriente, mas que seria possível imediatamente segundo as forças produtivas aqui e agora. Uma tal organização teria o seu telos na negação do sofrimento físico ainda do último de seus membros e nas formas de reflexão intrínsecas a este sofrimento. Ela é o interesse de todos, e não é paulatinamente realizável senão por uma solidariedade transparente para ela mesma e para todo o vivente. (ADORNO, 2009, p. 174).

Como vimos, o pensamento de Adorno caracteriza-se como negatividade, crítica imanente e autorreflexão. As positivities de seu pensar são raras e escassas, significando que elas têm algo a dizer de muito significativo e que merecem um aprofundamento para poder expressar o que desejam. A última citação é um desses pontos que precisam ser enfrentados pela reflexão decifradora de quem quer ser justo e coerente com o legado adorniano para a filosofia.

Será importante também trazer à tona, para avançar no pensamento reflexivo, outras passagens que possam ilustrar a mesma positividade há pouco mencionada do pensamento de Adorno e a sua possível significância. Toda interpretação, nesse aspecto, pode ser polêmica, mas as polêmicas poderão ser encaradas como produtivas e capazes de provocar debates interessantes e esclarecedores na pesquisa filosófica.

O filósofo da cultura fala de uma *nova sociedade e de um novo télos*, de um horizonte diverso para a humanidade, e isso deveria partir de algo muito concreto, muito próximo da vida das pessoas. A negação do sofrimento físico do último de seus membros e as formas de reflexão vinculadas intrinsecamente à experiência e à vivência das pessoas, nesse contexto, adquirem força e expressividade.

A construção de uma sociedade diferente, que pareça, à primeira vista, impossível nas atuais condições e relações de produção, seria imediatamente possível, mas apresenta como desafio e exigência que ela seja organizada de uma forma necessariamente outra das bases produtivas e das relações sociais dominantes. O sofrimento físico torna-se um critério, mas também um ponto de referência, um interesse que a todos envolve e a partir do qual se pode pensar em outras relações de convivência social.

Adorno afirma explicitamente: “Ela é o interesse de todos, e não é paulatinamente realizável senão por uma solidariedade transparente para ela mesma e para todo o vivente”. Pode-se inferir, a partir dessa exposição, que outro modo de organização social se lhe apresenta como interesse de todos, porque a desumanização no capitalismo tardio atinge não só aqueles que estão excluídos das benesses sociais, mas todos os seres. Diz ainda que o outro modelo de organização das relações sociais deve ser uma construção gradativa e envolvente na qual os sujeitos devam participar, de maneira ativa e transparente, e que isso é pensado para todo o vivente. Tem-se aí uma reflexão inclusiva, e não focada apenas na humanidade. A transparência aparece como categoria desafiadora para o pensamento crítico e para a reflexão filosófica avançar numa perspectiva de maior entendimento.

A questão ambiental é aberta e emergente, com cada vez maior significado para a reflexão atual sobre as sociedades. Adquire um patamar bastante produtivo no pensamento do filósofo negativo da Escola de Frankfurt. Desde 1947, em *Dialética do esclarecimento*, Adorno manifestou que a exploração da natureza era concomitante à exploração do ser humano nas relações sociais de produção das sociedades capitalistas tardias. O materialismo frankfurtiano não é um materialismo cego e insensível, mas manifesta um profundo humanismo, incluído a perspectiva ambiental na materialidade, vinculando-a às pessoas, sobretudo aquelas que vivenciam a dor e sofrimento. A dimensão ambiental está presente na percepção dos aspectos predatórios da racionalidade instrumental, da qual a natureza é a primeira presa ou vítima, um processo de domínio que se estende aos próprios seres humanos. A crítica da racionalidade que deu origem ao desenvolvimento e ao progresso de orientação predatória da natureza está evidente desde a obra *Dialética do esclarecimento*. A percepção de Adorno, nesse sentido, foi bastante avançada e mantém sua atualidade – o materialismo negativo tem uma dimensão revolucionária porque, ao criticar

radicalmentea perspectiva destrutiva de desenvolvimento e progresso, desperta os sujeitos e os grupos sociais de seu sono e acomodação.

O impacto filosófico do pensamento negativo se apresenta como uma forma excelente de provocação ao modo corriqueiro e tradicional de interpretar o mundo, pois utiliza da expressividade do pensar crítico imanente para chegar ao espanto filosófico. Essa dimensão muito própria da filosofia desde o seu nascimento tantas vezes foi relativizada e perdeu força ao longo dos tempos. A filosofia negativa de Adorno, então, reconsidera esse modo de fazer filosofia ao oferecer guarida e expressividade justamente ao não conceitual proveniente da realidade.

O materialismo adorniano, com tal caracterização de negativo, implica numa recusa de nomear e delinear o positivo como consequência de seu próprio modo de compreender, o que significa pensar, realizar a crítica e fazer filosofia. Isto, porém, não significa que não exista positividade no real. Mueller contribui de uma forma bastante convincente nesse sentido, quando fala da recusa do pensar adorniano em relação à positividade:

Mencionamos a perspectiva materialista do pensamento de Adorno. Tal perspectiva nunca foi abandonada, sendo antes cada vez mais radicalizada. Ela tem consequências também para a compreensão de sua recusa ao nomeamento ou imageação da positividade. A primazia do objeto, expressão do materialismo adorniano impõe uma exigência metodológica: não trazer nada de fora para dentro do objeto, predefinições que desde o início o colocassem em uma camisa de força da qual o resto do processo não mais o tiraria [...] A positividade, se alguma houver, terá que ser resgatada do âmago da própria realidade, por complexos procedimentos que representam, em seu conjunto, a dialética adorniana. Portanto, a recusa de uma positividade *a priori* tem a função de abrir espaço para a análise que eventualmente levará justamente à descoberta de uma positividade como possibilidade dentro da realidade. (MUELLER, 2009, p. 144).

O materialismo negativo é, para o pesquisador da escola frankfurtiana, uma forma de radicalizar o pensamento, torná-lo forte na confrontação do existente e do capaz ao realizar a crítica imanente, sem a qual a filosofia sofreria de uma adequação ideológica e pouco serviria socialmente. Analisar, refletir e aprofundar as exigências metodológicas da dialética negativa em seu procedimento de aproximação radical e crítica da realidade continua a desafiar a pesquisa. É interessante e parece produtivo a noção externada por Mueller de que “a recusa de uma positividade *a priori* tem a função de abrir espaço para a análise que eventualmente levará [...] à descoberta de uma positividade dentro da realidade.”

Adorno é um materialista com uma sensibilidade artística e humana da maior relevância cultural. O materialismo adorniano, exatamente por ser um materialismo demarcado pela sensibilidade, mostra-se implicado e comprometido com a negação de todas as formas e manifestações de domínio e exploração da natureza e da humanidade. Quando se afirma sensibilidade artística, estamos nos referindo ao que aparece na reflexão madura de Adorno sobre a arte e o pensamento, a arte e a cultura, a arte e a subjetividade, a arte e a emancipação. A sensibilidade adorniana em relação aos pobres, aos sofredores é algo muito expressivo e que provoca a humanidade a repensar toda a convivência social e seu projeto de futuro a partir das categorias e situações trágicas experimentadas. Ser materialista nessa perspectiva não significa negar a dimensão espiritual ou as realidades consideradas imateriais, mas ser capaz de assumir um processo de conhecer em permanente dialética, que é capaz de perceber a tensão existente no âmbito da realidade, e não fugir dos compromissos éticos com aqueles que estão em situação de negação de seu ser.

O materialismo frankfurtiano é sensível à realidade dos sofredores e aos gritos daqueles que são negados na história, cuja dor e sofrimento tornam-se amostragem da falsidade que se apresenta na racionalidade dominante e no modo de organizar as relações sociais entre os seres humanos. É muito melhor ser um materialista que acolhe com sensibilidade e um grande senso de humanidade as situações limite e de desespero às quais as pessoas em particular estão submetidas do que um mero defensor de grandes ideais que não tocam a nervura da vida e não tem vínculo concreto nenhum com o que, de fato, se experimenta de injustiça no existente administrado.

O materialismo profundamente comprometido com a mudança e, sobretudo, com a negação da barbárie e das mais sutis formas de exploração da natureza, da humanidade e do planeta funda-se no primado do objeto, a partir do qual o ter acesso ao conhecimento e à realidade tornam-se um processo aberto, dinâmico e dialético por excelência. Por isso se poderá dizer que para defender a possibilidade emancipatória dos sujeitos será necessário apostar em um novo modo de compreender a racionalidade e de elaborar o conhecimento. Ou seja, a recuperação da racionalidade emancipadora e as possibilidades do sujeito participar ativamente, ainda que sob as determinações e contradições subjetivas de si mesmo em um caminho de procura de saída da minoridade, das relações sociais, também se articulam a partir de um modo diverso de interpretar e elaborar o conhecimento.

Se nos resta um ar de desesperança ao avaliar todas as possibilidades, poderemos compreender porque somente quem tenha vivido e, mais ainda, experimentado a realidade desoladora da Segunda Guerra Mundial possa ter consciência da negação da vida experimentada nos campos de concentração: “A esperança, assim, não pode fugir da história real e concreta. E essa, para Adorno em seu contexto, se resume a uma palavra: Auschwitz. Razão de sua desesperança (MUELLER, 2009, p. 119).

A fuga da história real e concreta deixaria a esperança como mera ilusão e impossibilidade de realização. Ao enfrentar de maneira autorreflexiva e crítica as contradições do real, a esperança se torna uma possibilidade concreta, pois tem sua base construída no sólido da experiência e da história.

Após ter refletido sobre o materialismo adorniano, e também acerca de sua possibilidade de continuar expressando elementos utópicos e criativos para aprofundar uma proposição aberta e possível de sociedade, deseja-se adentrar na reflexão mais densa do próprio primado do objeto, o qual se apresenta como modo original e criativo para a superação de uma visão idealista e identitária para se chegar a um conhecimento crítico, dialético negativo e aberto em sua aproximação com o real.

#### **4.2.3 A dialética entre o primado do objeto e aprioridade do sujeito**

O primado do objeto não é a negação simples do primado do sujeito, mas uma nova forma de compreensão da relação sujeito-objeto na qual ela se reequilibra dialeticamente. O rompimento com o conceito, na sua concepção identitária, não significa uma desistência conceitual, mas uma forma nova de compreensão do conceito na qual o mesmo não se apresenta hermética e definitivamente, e sim em processo de reflexão, debate e elaboração permanentes:

O primado ou a prioridade do objeto encontra-se numa relação dialética com a prioridade do sujeito e não em estrita oposição à mesma. Trata-se de romper, sem abandonar o conceito, a via da conceituação (*Begrifflichkeit*) no âmbito do pensamento identitário. A tarefa precípua do primado do objeto é justamente forçar o conceito a apresentar-se como antinômico. Seria neste sentido que Adorno, aliás, caracterizaria a dialética: apresentar “o novo no velho”(ADORNO, 1989, v.5, p.46). (MAAR, 2006, p. 137).



O primado do objeto não pode ser considerado a negação simples e sorrateira de toda uma tradição que deu prioridade ao sujeito cognoscente e instaurou os processos que levaram à emergência da subjetividade e à afirmação da ciência moderna como parâmetro referencial do conhecimento contemporâneo. Desse modo, compreende-se a relação de permanente tensão que se estabelece entre o primado do objeto e a primazia do sujeito, não anulando a dignidade do sujeito, mas a impostando de uma maneira mais realista a partir da própria experiência. O que se quer afirmar com este novo enfoque é que o sujeito perde a sua presunção absoluta, postulada pelo idealismo transcendental, e adquire a consciência de estar situado em um conjunto social que também o determina de alguma forma. A experiência de estar imerso numa constelação na qual diversos fatores e determinações interagem muda a postura do sujeito para um posicionamento de sujeito crítico, situado, aprendiz e aberto, o qual se contrapõe diagonalmente à visão de domínio presente no idealismo.

A nova condição do sujeito, porém, o ajuda a compreender-se como um descobridor permanente, cujo olhar contemplativo em um sentido não passivo, mas ativo e atento lhe permita experienciar um conhecimento em permanente construção e elaboração. O rompimento com o conceito nos moldes idealistas e pautado no princípio da identidade absoluta não significa abandonar a forma conceitual, mas oferecer à dinâmica de constituição do conceito um novo procedimento, que se caracterizará por ser aberto e em permanente reconstrução. A negatividade mantém aberta a busca pela verdade, oferecendo sem trégua novos aportes e significações. Rompe-se com o formato conceitual tradicional, mas apresenta-se um novo patamar procedente para se chegar ao objeto cognoscente no qual a primazia é do objeto, libertando o sujeito de sua onipotência e situando-o criticamente nas relações sociais e culturais de uma maneira humilde, por isso crítica e interativa. O sujeito, assim, torna-se capaz de fazer uso público da razão em favor daqueles que ficaram no caminho como excluídos e abandonados, vivenciando a dor e o sofrimento.

A prioridade do sujeito e o primado do objeto como se articulam e se relacionam permitem afirmar que a dinâmica da dialética é infundável, que a aproximação possível do sujeito nunca será a constituição do objeto em si, mas uma noção significativa a partir da qual se abre o processo ininterrupto do conhecimento. Para alguns, tal postura pode ser interpretada como falta de sustentação e uma manifesta e invencível insegurança, mas o conhecimento se apresenta como algo muito mais exigente e complexo do que se pode imaginar. Por isso Adorno reflete

sobre as suspeitas oriundas deste modo de conceber o conhecimento a partir do primado do objeto:

Para uma filosofia que possui alguma pretensão, a ideia de um primado do objeto é suspeito: a má vontade em relação a ela foi, desde Fichte, institucionalizada. O asseguramento mil vezes repetido e modulado do contrário quer aplacar a suspeita lancinante de que o heterônimo é mais poderoso do que a autonomia que, já segundo a doutrina kantiana, não deve poder ser submetida a essa supremacia. Um tal subjetivismo filosófico acompanha ideologicamente a emancipação do eu burguês enquanto a sua fundamentação. Ele retira sua força tenaz de uma oposição mal dirigida contra aquilo que se acha estabelecido: contra a sua coisidade. Na medida em que a filosofia relativiza ou volatiliza essa coisidade, ela acredita estar acima da supremacia das mercadorias e de sua forma subjetiva de reflexão, da consciência reificada. (ADORNO, 2009, p. 121).

Adorno alerta para a suspeita postulada por algumas filosofias que tenham pretensão de objetividade e apreensão do objeto. A má vontade, segundo ele, já vem de longe no tempo e na história da filosofia. Está associada ao subjetivismo filosófico, que historicamente se atrela à emancipação e à fundamentação do eu burguês. A posição epistemológica que desfigura a força do objeto, da coisidade se põe arrogantemente como acima, como pretensiosa de apropriar-se do em si da coisidade e por isso se encontra bem inserta tanto no âmbito da reprodução mercantil quanto na reificação das consciências. O sujeito ao fazer uso da força de determinação e ao encontrar com a resistência do objeto na aproximação subjetiva, ignora que ele mesmo enquanto eu pretensioso de apropriação do objeto se situa como objeto em um conjunto de determinações.

#### **4.2.4 A tese do primado do objeto no conhecimento**

O ponto central de nossa pesquisa se encontra nesta reflexão, que discute a questão do sujeito na sua relação com a tese adorniana do primado do objeto. Procurar-se-á destrinçar essa relação como fundamental para que se possa pensar a emancipação do sujeito e sua intervenção praxica e crítica na sociedade administrada.

A reflexão da presente pesquisa procurou delimitar o uso da expressão *primado do objeto* como ela se apresenta na obra *Dialética negativa*, de Theodor W. Adorno, não se atendo a esmiuçar a genética e a origem terminológica, a não ser brevemente, para situar o leitor acerca da questão abordada. Nosso objetivo é, a partir do primado do objeto, refletir sobre as condições do sujeito no universo

contemporâneo e suas possibilidades de saída da minoridade para assumir a condição de sujeito crítico reflexivo negativo.

Ao estabelecer a tese do primado do objeto, a preocupação de Adorno está centrada na recomposição da força da dialética, que foi perdida pelo processo de indentificação proveniente do idealismo e do positivismo. Sua opção radical em contrapor-se de forma intransigente a essas posições lhe trouxe muitas críticas, que o próprio autor declarou preparado para enfrentá-las teoricamente.

De uma maneira bastante breve e aproveitando a reflexão já realizada por outros pesquisadores da teoria crítica, abordaremos o processo de formulação da tese do primado do objeto na dialética negativa de Adorno.

Para chegar à tese do primado do objeto, parece produtivo e esclarecedor situar a discussão que Adorno fez em torno dessa questão com outros autores. Vale destacar de modo especial como fez, magistralmente, o pensador e pesquisador da obra adorniana Wolfgang Leo Maar, no artigo “Materialismo e primado do objeto”, indicando as influências de Georg Lukács, Walter Benjamin e Max Horkheimer na elaboração do tema:

Georg Lukács situa a discussão do tema numa reificação objetiva, insistindo na perspectiva do conhecimento de si da realidade efetiva frente à prioridade do sujeito cognoscente idealista. Benjamin amplia a questão, ao chamar a atenção para a questão da reificação da própria experiência, e insistindo num pensamento que contemple a empiria não refletida conceitualmente mediante constelações e imagens dialéticas. Por fim Horkheimer insiste na racionalidade a preservar para a apreensão do não-idêntico, no âmbito de uma teoria crítica a partir de uma filosofia enriquecida pela interação com as ciências. (MAAR, 2006, p.137).<sup>17</sup>

A origem e desenvolvimento da expressão e conceito *primado do objeto* tem um histórico que é interessante recuperar, sobretudo considerando as influências dos autores supracitados no pensamento adorniano. A questão da reificação desenvolvida por Lukacs foi fundamental para compreender, em Adorno, a questão da consciência reificada, e o modo como a alienação, o domínio dos sujeitos e a imposição de padrões culturais se dão na dinâmica da indústria cultural. Walter Benjamin ampliou a abrangência do conceito de reificação e sua influência sobre a experiência, ponto mobilizador do pensamento crítico negativo, mostrando a necessidade de a decifração

---

<sup>17</sup> Uma versão deste texto foi parte de Artigo que integrou um projeto de pesquisa apresentado ao CNPq. O autor é Professor Titular do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos- UFSCar.

crítica operar por meio da constelação na desmitificação dos processos sociais. Max Horkheimer evidenciou a necessidade da teoria crítica em considerar e apreender o não idêntico, discutindo a questão da racionalidade do processo e a premente manutenção do diálogo na filosofia para se chegar a um conhecimento mais abrangente e significativo.

No que concerne à explicitação do primado do objeto, ela se concentra na obra da maturidade e de grande relevância que é a *Dialética negativa*, e está presente nos ensaios “Sobre o sujeito e objeto” e nas “Notas marginais sobre a teoria e a prática”:

A expressão propriamente dita – primado do objeto – seria utilizada explicitamente a partir de 1962, conforme atesta o texto que reproduz um seminário oferecido por Adorno na Universidade de Frankfurt, sob o título Marx e os conceitos fundamentais da sociologia (ADORNO, 1997). O “conceito” do primado do objeto seria elaborado particularmente na *Dialética negativa* e nos ensaios *Sobre sujeito e objeto* e *Notas marginais sobre teoria e prática*, de publicação póstuma. (MAAR, 2006, p.137).

Em *Dialética negativa*, o primado do objeto é tematizado e aprofundado explicitamente, e são diversos aspectos dessa nova posição no conhecimento que são analisadas e exploradas intelectualmente por Adorno.

A resistência do objeto do conhecimento em ser capturado vai mostrar, por outro lado, o primado do objeto na relação cognoscente com o sujeito, noção fundamental para se compreender a dialética adorniana. O objeto se apresenta de forma resistente ao sujeito que deseja conceituá-lo. O processo cognitivo e de conceituação abarca parte desse objeto, mas não lhe é possível compreender o objeto enquanto tal, daí a necessidade de considerar e dar guarida ao não idêntico no conhecimento. A onipotência do sujeito se encontra com a resistência do objeto. O objeto terá primazia nessa relação com o sujeito na dialética negativa, reposicionando o processo cognitivo de maneira aberta e dinâmica.

Adorno, ao elaborar o primado do objeto em seu pensar crítico, afirma que sua filosofia não se restringe a uma filosofia da consciência, mas a ultrapassa para além desse parâmetro, já que propõe, por meio da dialética negativa, um modo de pensar que acolhe o não idêntico, abrindo possibilidades para uma práxis de mudança e de não submissão ao vigente. O artigo de Maar é preciso nessa perspectiva:

O prisma do primado do objeto apresenta, justamente, elementos para a crítica e superação efetiva, material e histórica, da perspectiva dessa filosofia da consciência, ao estabelecer a prioridade materialista de uma reflexão apta a atingir o não idêntico – como objeto – ou seja: a produção da objetividade e da subjetividade da razão. Em sua Teoria Estética Adorno denomina esta reflexão de “engajamento”, “uma reflexão superior [...] que visa uma transformação das condições das situações”(ADORNO, 1989, v.7, p.365) em vez de perdurar no mero plano de sua vigência. (MAAR, 2006,p. 151).

O prisma do primado do objeto poderia parecer contraditório em uma tese que se propõe justamente a refletir sobre o sujeito, a subjetividade e as diversas condições e problemáticas que esse sujeito encontra nas sociedades contemporâneas, mas exatamente se torna a condição pela qual o sujeito pode se realizar como interpretador crítico e atuar, perspectivando mudanças sociais. Ao mesmo tempo, questiona todo um modo de pensar, uma racionalidade identificadora, calculista e dita objetiva que, na verdade, não passa de uma farsa, um modo de adequação dos sujeitos aos parâmetros vigentes e dominantes. Por meio do primado do objeto, Adorno propõe à filosofia e ao pensamento crítico, através do processo reflexivo, alcançar e atingir o não idêntico, o não conceituado e, com isso, manter a tensão de autorreflexão aberta com possibilidade de aprofundamento, e não como fixação de uma definição.

A reflexão dialética negativa assume a postura de “engajamento”, segundo o próprio Adorno na obra *Teoria estética*. Ela se apresenta como uma reflexão superior, uma reflexão que por isso não está cativa, aprisionada nas malhas da identificação, mas que contribui de forma forte e audaciosa para que o processo se reverta em diferenciação, ou seja, em expressão da diversidade e da pluralidade que se apresenta na realidade social e na natureza. Adorno não quer que as cores e a vivacidade, a dinâmica e a beleza da vida se tornem opacas e em tons de cinza. Ao contrário, sua reflexão se faz superior porque oferece ao sujeito erguer-se humilde, mas ativo em sua capacidade de olhar também para aquelas realidades que o sistema deseja esquecer; situado, mas intérprete do mundo em suas contrariedades e ambivalências. Uma reflexão assim desenvolvida é instigante, provocativa, desafiadora e abre perspectivas. Como o filósofo negativo empreende uma reflexão que “visa uma transformação das condições das situações”, em vez de perdurar no mero plano de sua vigência”, sua reflexão visa a transformação das condições embutindo já tem uma dimensão de práxis, pois a realiza tendo em vista a transformação das condições anteriormente mencionadas. Na reflexão, de algum modo, são apresentados indicativos de intervenção praxica.

Talvez seja difícil estabelecer, ao certo, o que seja a subjetividade contemporânea, sobretudo se considerarmos a pluralidade e a diversidade de posicionamentos e as interpretações que estão presentes no atual momento da história. Quando se abordam os problemas referentes à subjetividade contemporânea fala-se de uma volatilidade, da fragmentação, de uma perda de consistência, do ego fragilizado, de uma instabilidade emocional. De outro lado, constatam-se o seu reverso: o enrijecimento, o embrutecimento, as posturas dogmáticas e o fundamentalismo, que também se apresenta com frequência. De qualquer modo, pode-se dizer que as permanentes demandas e mudanças que afligem as pessoas de nosso tempo de algum modo influenciam em seu modo de ser e vivenciar as experiências cognitivas e comportamentais.

No texto a seguir, Maar aborda como a subjetividade é vista pelo pensamento de Adorno. Para ele, a subjetividade não é apenas empírica ou transcendental, mas justamente assume ambas as posições numa relação dialética:

Assim tanto o eu empírico entre outros, quanto o “eu penso” como “puro” sujeito transcendental tem uma referência empírica. A subjetividade é a forma do objeto e a identidade subjetiva consiste no “ato” da transcendência. Forma que precisa ser realizada subjetivamente pelo sujeito “conforme as necessidades do objeto”, destaca Paetzold em relação à estética adorniana (PAETZOLD, 1975, p.85). Como a própria razão, para Adorno a subjetividade não é nem só empírica, nem só transcendental, mas ambos. “Não apenas o objeto cartesiano é empírico, mas também o é o 'eu'”. [ARATO; GEBHARDT, 1997, p. 402]. (MAAR, 2006, p. 145).

A subjetividade é a forma do objeto porque ela apresenta o modo pelo qual o sujeito, na relação cognoscente com o objeto, apreende-o pela sensibilidade, e que ao mesmo tempo manifesta um momento de transcendência, pois o universaliza ao procurar torná-lo conceito. Nesse caso, o importante é que ambos, sujeito e objeto, reciprocamente se determinem, mantendo a possibilidade dessa relação não terminar de uma maneira impositiva, mas justamente manifestar-se e revelar-se permanentemente entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, a partir de uma dialética negativa.

Maar fala do segundo giro copernicano, da segunda reflexão necessária para um pensar consequente e crítico na relação entre sujeito e objeto:

A esta segunda reflexão caberia revelar o limite do conhecimento – a transcendência – no âmbito de uma “gênese histórica contingente” com uma dupla consequência: seja que há uma determinação objetiva desta

constituição subjetiva, seja que a mesma não constitui incondicionalmente a verdade definitiva. Assim Adorno transita da revolução copernicana – que já não é só um “giro para o sujeito”, mas um giro refletido – ao primado do objeto, com um duplo significado. De um lado, a relativização da subjetividade, cujos potenciais Adorno reconhece como sendo pervertidos com base na experiência antropológica da espécie. (De outro lado a subjetividade como [...] “força construtiva” na medida em que surge do primado do objeto um impulso crítico para o pensamento. Tal dialética seria uma dialética materialista. [...] Somente o sujeito é capaz de fixar a contradição, ao pensá-la, utilizando-a como impulsora do pensamento [GRIPP, 1986, p. 105]. (MAAR, 2006, p. 144).

Esclarecedora de como se dá o processo dialético no que diz respeito ao sujeito e ao objeto – sobretudo, no que concerne ao modo como oportuniza um impulso crítico para o pensamento, bem como para o sujeito utilizá-la como força impulsora do pensamento, o que por certo amplia as possibilidades de uma real autonomia e liberdade –, a revolução copernicana em direção ao sujeito mencionada por Maar foi fundamental, mas se completa na perspectiva de um segundo giro, que oferece o primado do objeto de tal maneira que os dois polos implicados estabeleçam uma relação dialética, que permanece aberta e não se fixa no conceito.

O segundo giro que acontece por meio do primado do objeto evidencia que o sujeito está inserido em um contexto sociocultural, e que sua capacidade de apreensão do objeto e construção conceitual é determinada por um processo maior da sociedade no qual o sujeito, de alguma forma, é objeto. Daí a importância do primado do objeto, que retira o sujeito de seu pedestal de sujeito transcendental, como pensava Kant. Para Adorno, o sujeito, em sua condição de determinação (percebido como objeto), tem a possibilidade de pensar a partir de seu contexto sociocultural, e por isso mesmo de maneira autorreflexiva e crítica. O objeto por sua vez também está imerso no mundo administrado e envolto de outros objetos e relações que não podem ser desconsideradas.

Dar-se-á continuidade à reflexão sobre o segundo giro e a primazia do objeto, procurando esclarecer melhor essa questão. Tendo em vista a compreensão da dialética entre sujeito e objeto, e para o esclarecimento da recíproca relação entre eles na concepção do primado do objeto recorreremos mais uma vez ao artigo de Maar, que é bastante preciso nesse intento:

Quanto ao sujeito, ele é o sujeito do conhecimento que por essa via “domina” o objeto, ao apreendê-lo subordinado ao geral, mas também é um objeto entre objetos, isto é, sujeito particular entre outros. O sujeito se refere: 1. Tanto às “determinações objetivas”, que o condicionam face ao existente; ou

seja, como o sujeito se adapta no âmbito da socialização: sujeito transcendental que a rigor, seria anulado como sujeito por sua determinação objetiva. 2. Como também a “objetividade do sujeito”, que caracteriza o mesmo como atividade efetiva concreta possível e não só estabelecida reconstrutivamente, como condição de possibilidade: isto é, como sujeito empírico. Em outros termos: como o sujeito mantém capacidade de interferir no contexto da construção social, pela autonomia vinculada à consciência das determinações objetivas que o condicionam, potencial de intervenção em nexos com uma possibilidade, como algo qualitativamente novo no objeto e, portanto crítico em relação ao contexto objetivo vigente. (MAAR, 2006, p. 140).

Primeiro se deve dizer que a relação entre sujeito e objeto é recíproca, e que há determinação entre ambos, uma abertura de um ao outro no processo cognitivo e de elaboração do conhecimento. A posição do sujeito no conhecimento modifica-se, ainda que ele se mantenha como o sujeito do conhecimento, como aquele que o apreende e o conceitua, dando ao objeto uma forma conceitual. A mudança significativa que acontece com o sujeito, levando em consideração o primado do objeto, é que ele também passa a ser interpretado como objeto, já que está contextualizado por uma sociedade que também lhe impõe uma determinação histórica, econômico-social e cultural. Sua situação é diferenciada porque está condicionado a determinações objetivas e subjetivas, o que praticamente anularia aquela posição proposta por Kant como sujeito transcendental. Essa questão será por demais importante para que o sujeito seja compreendido, situado em um lugar social e cultural e mesmo para que ele possa intervir qualitativamente na sociedade à qual se encontra inserido. Maar sublinha o aspecto da socialização do sujeito e seu grau de adaptação a essa formação social. O sujeito, nesse caso, poderá ser alguém totalmente integrado ao conjunto social, adaptando-se acriticamente e conformando-se aos padrões dominantes, ou poderá estar na posição de sujeito crítico, portanto inadequado aos parâmetros vigentes da sociedade. Nesse caso, sua posição será totalmente diversa e se antagonizará com os pressupostos sociais dominantes.

O sujeito empírico será o sujeito que assumir com objetividade sua dimensão de interventor social dentro das condições e possibilidades que lhe são disponíveis. Por meio de sua consciência acerca da realidade social e do desenvolvimento de sua autonomia, ele vai interferindo qualitativamente para que a construção social possa avançar em aspectos emancipatórios e de garantias de direitos. Ao contrário do que se poderia pensar em relação ao sujeito enquanto percebido como objeto frente às suas determinações sociais, possibilitando e fortalecendo, ainda mais, sua condição de sujeito crítico, construtivo e propositivo em um contexto de domínio e alienação.



Na sequência do artigo, Maar aborda a questão do subjetivismo e do sujeito, evidenciando que Adorno propõe uma subjetividade que não fica fixada em si mesma, mas que reforça o sujeito enquanto ator e produtor de cultura, capaz de mudanças significativas na práxis social: “Não se trata de um antissubjetivismo, mas de uma subjetividade contra o subjetivismo, a correção do primado do sujeito conforme Kant”(MAAR, 2006, p. 140).A correção feita por Adorno significará a retirada do sujeito de sua posição de domínio, de senhor do conhecimento, mas lhe outorga a condição de sujeito crítico capaz de se inadequar aos ditames da formação social danificada. Uma subjetividade contra o subjetivismo é uma subjetividade situada e consciente de suas determinações sociais, por isso mesmo capaz de exercer sua autonomia e um papel emancipador.

Adorno é perspicaz e sábio ao proclamar que, na ciência e no conhecimento filosófico, a objetividade do conhecimento dialético necessita de mais sujeito, não de menos: “Em uma oposição brusca em relação ao ideal de ciência corrente, a objetividade de um conhecimento dialético precisa de mais, não de menos sujeito. Senão a experiência filosófica define. O espírito positivista do tempo, porém, é alérgico a isso”(ADORNO, 2009, p. 42).A experiência filosófica é a experiência daqueles que, a partir do pensamento dialético, se posicionam sem capitular, com ousadia e determinação, porque interpretam o mundo, não na posição de senhores, como na razão instrumental, mas na posição de quem consegue vislumbrar a realidade social, econômica e cultural de maneira abrangente, sem desconsiderar as particularidades e limites desse conhecimento. Na filosofia crítica, esses sujeitos se põem na posição de aprendizes, de questionadores e daqueles que abrem, com humildade, questões importantes de esclarecimento, a partir da crítica imanente que são capazes de realizar. Nesse sentido, o conhecimento sempre precisará mais de sujeito, e não menos, pois para realizar a tarefa exigente de interpretar com consistência e dialeticidade será preciso sujeitos que tenham conquistado uma subjetividade autônoma e livre, ainda que em contextos de dominação e repressão social. Adorno questiona o espírito positivista que, segundo ele, é alérgico a essa objetividade dialética. O espírito positivista é o da afirmação acrítica do conhecimento científico e do progresso predatório, já que opera segundo a racionalidade instrumental, que se apresenta como racionalidade estratégica e de domínio – o espírito que possibilitou o avanço de processos sociais construídos visando sempre o lucro desmedido e o domínio da natureza, para o benefício de interesses mesquinhos

de uma classe dominante e sem a mínima ética e consideração da situação das massas expoliadas e excluídas. O espírito positivista tem alergia à objetividade da dialética e dos sujeitos críticos capazes de realizar o questionamento dos seus pressupostos numa perspectiva imanente.

O pensamento filosófico não poderá ser jamais ser considerado um reflexo da coisa. O conhecimento filosófico encontra, no sujeito empírico proposto pelo filósofo da Escola de Frankfurt e na sua espontaneidade, uma capacidade de mobilização dialética objetiva:

O pensamento não é um reflexo da coisa – a teoria do reflexo nega a espontaneidade do sujeito, um mobilizador da dialética objetiva das forças produtivas e das relações de produção. Se o sujeito é reduzido a um espelhamento obtuso do objeto que sempre perde necessariamente [...] então resulta daí a calma intelectual inquieta de uma administração integral [...] O pensamento especular seria desprovido de reflexão.(ADORNO, 2009, p. 143).

A espontaneidade do sujeito se contrapõe à teoria do reflexo, a qual justamente a nega. O sujeito como mobilizador da dialética objetiva das forças produtivas e das relações de produção mostra a ofuscação que acontece no processo material da sociedade capitalista tardia, evidenciando os interesses burgueses que sustentam a ideologia e a produção semicultural promovida pela indústria cultural. O pensamento enquanto reflexo da coisa significa a perda da dinâmica inerente ao processo de conhecimento e mesmo dos objetos que também estão situados e sofrem determinações objetivas do processo social a que pertencem. A redução do sujeito ao espelhamento obtuso do objeto, como diz Adorno, é o aniquilamento da condição própria de sujeito. Resultado disso seria a calma intelectual inquieta de uma administração integral, ou seja, a acomodação e a adaptação conformada e integrada ao sistema. A produção intelectual adequada aos preceitos de continuidade e vigência do sempre idêntico mundo das mercadorias.

Seguindo em frente, dever-se-á analisar o nexos sujeito-objeto na ótica do objeto e de como este se situa na dialética negativa.

O objeto por seu turno: 1. É o que é determinado pelo sujeito, objeto que é pensado, objeto intencional, o que é apreendido conceitualmente, subordinado ao pensamento constituinte de objetividade. 2. Mas é também independente frente ao sujeito, existente em si próprio, existência real.(MAAR, 2006, p. 140).

Primeiramente o objeto é, de alguma forma, aquele objeto pensado na teoria do conhecimento na tradição filosófica. É o objeto determinado pelo sujeito cognoscente, apreendido conceitualmente, ou seja, por meio do processo de universalização e identificação. A novidade que se apresenta nessa relação é que o pensamento tem uma objetividade imanente, ou seja, considera o particular, o não idêntico como algo que permanece em elaboração e aprofundamento da compreensão. Outro aspecto é a independência do objeto em relação ao sujeito. Ele tem uma existência real, independentemente de o sujeito não ter condições absolutas de apreendê-lo, ao contrário, o objeto continua como desafio para o sujeito, determina o sujeito em suas circunstâncias e determinações. O primado do objeto vai desequilibrar a reciprocidade entre o sujeito e objeto. “O primado do objeto resulta numa nova apreensão do nexos sujeito-objeto, que desequilibra o que seria a harmonia entre essas determinações recíprocas de sujeito e objeto”(MAAR, 2006, p. 141).

O primado do objeto depõe contra o sujeito na perspectiva de senhor, dominador e apreensor do objeto em sua totalidade. Mas não retira a função do sujeito, coloca-a em outras proporções. De um lado Kant já havia tomado consciência de um limite do sujeito nas condições de possibilidade de apreensão do real,mas, por outro lado, ao defender o idealismo transcendental,supôs um sujeito autorreferencial e confirmou uma idealização ilusória do sujeito na relação cognitiva. O próprio Hegel já havia admitido algo que não se podia apreender completamente, mas continuou promovendo a condição afirmativa do conhecimento quando postulou a necessidade da síntese na dialética idealista. Adorno vai além, discutindo o tempo todo com esses dois autores e grandes mestres da filosofia moderna, na obra *Dialética negativa*, e postulando corajosamente o primado do objeto, que destrona de vez o sujeito de sua posição burguesa e dominadora para readequá-lo em outra posição, consciente de suas determinações e de seus limites, no intuito de chegar à verdade, mas com a criticidade e a reflexividade necessárias para, permanentemente, pôr-se a caminho cognitivamente.

Por sua vez,o objeto visto por esse novo prisma do primado do objeto será considerado de maneira completamente diferente e distinta: “o objeto, a expressão positiva do não idêntico, é uma máscara terminológica” (ADORNO, 2009, p. 165). O objeto como máscara terminológica porque assume uma identificação provisória e aberta a acolher sempre mais elementos e contradições que não foram assimiladas no processo de elaboração conceitual.

O conhecimento filosófico, dialético em sua essência, não pode prescindir do sujeito crítico, pois é exatamente o sujeito reflexivo que interpreta, que se apresenta como capaz de pensar e pôr em suspeita o que foi produzido pela ciência, de elaborar a crítica imanente, abrindo possibilidades de mostrar os contraditórios, as lacunas e omissões propositais do produzido como conhecimento. A face desse sujeito se mostra como face de um aprendiz, itinerante na jornada cuja pretensão é chegar à verdade. Sua interpretação quer ser de qualidade e não está aprisionada à obsessão quantitativa classificatória do pensamento identitário.

Tal posicionamento, claro e ao mesmo tempo provocativo, presente na relação que se estabelece entre sujeito e objeto no processo de conhecimento, é indispensável para Adorno, pois é aquele no qual se diferenciam a quantificação e a qualificação. O qualitativo é inerente ao processo autorreflexivo, enquanto que a quantificação está diretamente vinculada à razão instrumental, na qual todas as coisas são mensuráveis e calculáveis. A instrumentalização da razão se mostra como o retorno presunçoso da lógica matemática, ou a *mathesis* como matematização da realidade. Essa interpretação e racionalidade divergem com a racionalidade dialética e filosófica. A perspectiva dialética do conhecimento se opõe radicalmente a esse procedimento frio e calculista que desconsidera o âmbito complexo da realidade dos objetos em processo de conhecimento.

Tendência à quantificação em detrimento do qualitativo – A Absolutização da tendência de quantificação própria a ratio coincide com a sua falta de autorreflexão. A insistência no qualitativo serve a essa autorreflexão, não evoca a irracionalidade. (ADORNO, 2009, p. 45).

Em contraposição à tendência de absolutização da quantificação é necessário recuperar a perspectiva da autorreflexão, do sujeito que realiza por sua capacidade interpretativa a partir de sua implicação diferenciada e criadora, que para além de simplesmente quantificar é capaz de realizar o processo reflexivo a cerca do real percebendo aspectos desconsiderados e não conceituáveis, justamente aqueles que oferecem o algo mais, o qualitativo e diferenciado. Insistir nesta direção se posta como possibilidade de fortalecimento do sujeito e lhe permite a sua criatividade reflexiva.

Adorno foi muito perspicaz ao desmascarar a onipotência intelectual e a arrogância daqueles que dominam o conhecimento afirmativo como se estivessem consolidados sobre um patamar acima da maioria dos mortais, com a presunção de

terem conquistado isso apenas com seu esforço pessoal e subjetivo sem ao menos considerar as condições amplas e sociais que lhe foram oferecidas para chegarem até este lugar de status. Revela ele ainda em sua crítica voraz e desconstrutiva que é a onipotência real que postula tal posicionamento acrítico e semicultural. Aquele que tem consciência de suas realizações intelectuais estará numa atitude reflexiva, e não insolente, aberto ao conhecimento, e não fechado em suas verdades estabelecidas.

O sujeito assim precisa passar pelo processo de ser também considerado um objeto entre tantos outros, ou seja, perceber-se em meio a determinações e possibilidades, para reassumir sua dignidade subjetiva e interpretativa com uma postura diversa daquela propagada pelo saber e pelo poder baconiano. Permitamos ao interpretador negativo que nos dê sua palavra sobre o que se está apenas delineando em nossa reflexão:

É na onipotência intelectual do sujeito que sua impotência real encontra seu eco. O princípio do eu imita aquilo que nega. O *obiectum* não é *subiectum*, tal como o idealismo tentou compreendê-lo por milênios; muito antes, é o *subiectum* que é *obiectum*. O primado da subjetividade continua de maneira espiritualizada a luta darwiniana pela existência. A subjugação da natureza para fins humanos é uma mera relação natural; daí a superioridade da razão que domina a natureza e da aparência de seu princípio. Participa dessa aparência em termos metafísicos e de teoria do conhecimento o sujeito que se proclama o mestre baconiano e, por fim, o criador idealista de todas as coisas. No exercício de sua dominação, ele se torna parte daquilo que ele pensa dominar e sucumbe como o senhor hegeliano. Nesse modelo de senhor revela-se o quanto o sujeito pertence ao objeto na medida em que o consome. O que ele produz é o encanto daquilo que o sujeito pretende subjugar sob seu encanto. Sua autoexaltação desesperada é a reação à experiência de sua impotência que impede a autorreflexão; a consciência absoluta é inconsciente. (ADORNO, 2009, p. 116).

O primado da subjetividade não se cansa de apresentar-se como o critério do conhecer, muito embora isso se mostre nada mais que uma aparência, uma falsidade que tem ressonância social porque está justamente adequada aos padrões dominantes da cultura mercantilizada.

A dimensão hoje tão presente nas reflexões e debates acerca da natureza encontram eco em seu posicionamento. A subjugação da natureza e a forma utilitarista e objetual com que a tratam só podem conduzir a uma ciência despreocupada com o ambiente e com a vida planetária, porque pouco importa essa preocupação diante de possibilidades mercadológicas que advirão do grande negócio que se tornou o uso descartável e indiscriminado da natureza simplesmente subjugada e a serviço do capital.

O esclarecimento e a crítica feitos por Adorno ao sujeito, em sua posição de senhor, são por demais interessante e simultaneamente provocativas para se pensar outra perspectiva quando se fala da relação entre o sujeito e objeto – a dominação ou apropriação indevida do objeto.

Ademais a posição de senhor já se tornou obsoleta e fora do tempo, ainda que continue a se reproduzir demasiadamente nos interstícios sociais, sobretudo naqueles setores que desejam a manutenção de uma visão conservadora e tradicional que se quer abriu os olhos para a emergência de outras formas de relacionamento. Tal posição sucumbe dentro de sua própria lógica, pois aquele que domina acaba também por ser dominado por um universo bem mais amplo ao qual ele está submetido e adequado. A aventura de senhorio do sujeito onipotente não passou de uma ilusória distinção adquirida e infundada.

Considerando o que foi dito e pesquisado sobre o primado do objeto na teoria crítica de Theodor Adorno, poder-se-ia dizer que, ao compreender o conhecimento a partir dessa orientação, permitiria ao ser humano, em sua dimensão autorreflexiva, recuperar de algum modo a força da subjetividade, não como compreenderam os idealismos, mas a partir de uma nova ótica, bem mais humilde e processual, gradativa e dinâmica, a partir da qual seja possível perceber a complexidade das contradições e desafios do existente, para nele intervir por meio de uma práxis transformadora.

A condição do sujeito a partir da noção da primazia do objeto passa a ser outra, não mais pretensiosa e movida pela soberba do conhecimento, mas justamente assumindo outro rosto: ao recuperar a dimensão de pesquisa e o filósofo como pensador e decifrador, a filosofia encontra sua significância e relevância social, não por ser um conhecimento mais que outros, mas por interpretar com arguta e aguda forma de penetrar o real sem a pretensão de abarcá-lo inteiramente. Aqui aparece também uma dimensão de profundo respeito pela natureza, de uma atenção especial e um cuidado com a realidade que se tornam indicadores de uma nova concepção epistemológica, e mais do que isso, um modo de interpretar e ver o mundo, uma maneira de se postar diante da realidade com um profundo respeito pela realidade do objeto.

Desfeita a posição de senhor, domínio e exploração por meio dos quais foi fundada a ciência moderna, com a arrogância do ser humano como dono do mundo, a humanidade resgatada, a sensibilidade e a imaginação oferecem uma nova utopia para os novos tempos. Ainda que essa utopia não possa ser explicitada de uma forma

que transforme em mais produtos as mercadorias culturais de nossa época, ainda que o projeto de um tempo novo permaneça de certo modo escondido em sinais presentes na realidade, ainda assim se poderá pensar, dizer, propor e refletir comunitariamente e em pequenos grupos sobre suas infinitas possibilidades.

Tem algo de profundamente humano e ético na solidariedade para com os sofredores e as dores da humanidade que evidencia o comprometimento de Adorno com a mudança, com aqueles que estão fora da consideração e da dignidade social. A experiência do sofrimento e da dor se tornaram paradigmáticas nesse pensar negativo e visionário. Visionário porque traz um compromisso ético carregado de sensibilidade com a vida machucada e destruída, porque alude a uma atitude de indignação diante da natureza desfeita em sua beleza.

Segundo Timm de Souza, a ética em Adorno é, essencialmente, “não fugir da responsabilidade do pensamento”. Diz ele, ainda, se pudéssemos retomar seriamente aquela formulação famosa bem ao fim da *Dialética do esclarecimento*: “só existe uma expressão para a verdade: o pensamento que nega a injustiça” (WERLANG; ROSIN, 2011, p. 49).

Nesse sentido, confirma-se a perspectiva ética no pensamento adorniano, o qual se mostra profundamente responsável com a superação das injustiças e com a mudança substancial da forma de organização social e com a emancipação dos sujeitos compreendidos de outra maneira, ou seja, como individualidades capazes de acolher criticamente a diferença e a expressividade dos objetos e das realidades com os quais se relacionam.

A utopia ainda pode ser pautada como uma necessidade da filosofia, como algo de extrema importância para que a vida, ainda que danificada e machucada, continue a ser um grito de negação e de confissão em um mundo diferente em cujas relações possam ser edificadas em outra e distinta perspectiva.

O primado do objeto traz um novo olhar sobre a questão social porque se torna a condição indispensável para o ser humano tornar-se sujeito no sentido outro da palavra, pois o situa em seu contexto e oferece a ele a capacidade de interpretar o mundo, ou seja, poder dizer algo, ainda que provisório, mas que tenha significado e relevância.

O primado do objeto assume a outridade da coisa, do objeto, e permite que o não idêntico possa dizer aquilo que permaneceu esquecido. E isso está relacionado com a própria filosofia e com a utopia:

À luz deste outro, do qual elípticamente Adorno dizia a Bloch, que é “o que ficou esquecido” nas utopias, sonhos e desejos realizados, filosofia é, em última instância, “configuração da pergunta inconstruível”, como diz Adorno com palavras de Bloch; “a única coisa que valeria a pena ser pensada”. Dizer o nome do outro, seria a utopia do pensamento. Pretender fazê-lo “a partir de si próprio”, como dizem Bloch e Adorno, seria estupidez. Contra Wittgenstein, que chegando a este ponto cai no que Adorno chamaria de resignação, e voltando no final ao mesmo ponto da dialética negativa que nos deu o tom no início, tarefa da filosofia continua tentar “dizer o que não se deixa dizer”. (MUELLER, 2009, p. 237).

A filosofia como configuração da pergunta inconstruível remete ao pensar enquanto interminável e interrogativo. Dizer o nome do outro como utopia do pensamento, porque o outro não se apresenta como um ser em sua essência para ser capturado facilmente, mas em sua aparência, em sua primeiridade. Mas quando se vai entendendo o outro em meio a tantos outros, sua coisidade e alteridade vão melhor se manifestando.

Ainda assim dizer o nome do outro não é dizer o que o outro é, mas uma noção daquilo que o outro pode ser. A filosofia continuará a cumprir a sua missão de *continuar a dizer o que não se deixa dizer!*

#### 4.3 O SUJEITO E A EXPERIÊNCIA EMANCIPADORA

“A posição chave do sujeito no conhecimento é a experiência.”  
Theodor Adorno, Dialética negativa.

O sujeito nas sociedades contemporâneas deseja fazer uma experiência de emancipação, seja através de sua reflexão e sua possibilidade de fazer uso público de sua razão, ou de simplesmente dizer sua palavra, pronunciar seu pensamento, sentir-se reconhecido pelo que realiza, mostrando seus projetos e possibilidades de futuro. Ou será que esta seria apenas uma forma moderna de pensar a emancipação? Seria possível dizer que também o homem pós-moderno gostaria de realizar sua experiência emancipatória, apenas que a experimentaria por meio de outros enfoques ou posturas mais próprias do contexto e da sensibilidade atual.

Para aprofundar essa questão será preciso retomar a compreensão de experiência nos escritos de Adorno. O que ele disse a respeito e como pensou a experiência dos sujeitos, de tal modo que foram consideradas indispensáveis para



que o sujeito contemporâneo possa ser realmente sujeito, e não viver a fantasia de ser sujeito como tantos indivíduos hoje pensam experimentar.

A experiência é uma categoria chave na obra adorniana e desafia uma interpretação que considere as experiências vivenciadas pelos sujeitos, sejam elas de opressão e sofrimento ou de emancipação e formação cultural. É importante reconhecer que são nas condições de opressão, sofrimento e dor que a experiência torna-se forte propulsora da negação das condições vigentes, tornando-se, portanto, mobilizadora do conhecimento e da procura da verdade. A experiência não pode ser esquecida na elaboração do conhecimento, já que este sempre estará implicado em um contexto e situado em experiências concretas vivenciadas pelas pessoas. A experiência muitas vezes se apresenta em forma de resistência ao estabelecido – mostra-se nessa hora o negativo como forma de apresentar uma positividade ainda não experimentada.

Outro aspecto de especial relevância quando se abordam o sujeito e a subjetividade é a dimensão da experiência formativa a qual, segundo Adorno, se contrapõe o modo tradicional de formação.

Na introdução do livro *Educação e emancipação*, que é uma coletânea de ensaios, conferências e entrevistas de Adorno, Maar fala da experiência formativa a partir do pensamento adorniano, destacando que a “experiência é um processo autorreflexivo, em que a relação com o objeto forma a mediação pela qual se forma o sujeito em sua objetividade”. Segundo ele, sendo a experiência um processo de mediação que revela como a dialética se dá em dois momentos simultâneos: o primeiro, que é a disponibilidade ao contato direto e aberto com o objeto, recuperando a experiência do concreto. O segundo, o momento histórico no qual se assume tanto a relevância do resultado como a do processo, ou seja, a faculdade de saber aprender com o processo de conhecimento, e não apenas com os seus resultados (ADORNO, 2000, p. 24). Maar vai dizer ainda que, “para Adorno, o travamento da experiência deve-se a repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada, e a repressão do processo em prol do resultado, falsamente isolado independente.”

Um conhecimento cujo princípio de identidade é prevalente exclui o diverso, o diferenciado, e nessa perspectiva se torna de fato repressivo da diferença em favor da uniformidade. O bloqueio e a repressão da experiência obstaculiza a formação

cultural e o pensar crítico negativo, oferecendo a semiformação como adequação e conformação adaptada ao existente.

A experiência será a base para uma formação cultural –para Adorno, a experiência é a posição chave do sujeito. E experimentar significa uma aproximação crítica do objeto, mas também se deve dizer que não é uma objetividade na qual não se considera nenhum sentimento, nenhuma variação e contradição, como seria a apreensão do objeto pelo sujeito transcendental de Kant. Ao contrário, na experiência do conhecimento realizada pelo sujeito, o não conceituável, a não verdade e o não idêntico são as condições para se chegar à verdade. Por isso Adorno fala no sofrimento como condição de toda a verdade, por ser uma experiência marcante, determinante, onde a expressividade do sujeito deve manifestar-se com liberdade e dignidade:

Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda a verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito: aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado. (ADORNO, 2009, p. 24).

A expressividade do sujeito é fundamental, mais ainda quando ele tem como objetivo a construção do conhecimento, pois a expressividade inclui elementos além daqueles que sempre foram considerados racionais, já que para a dialética negativa os elementos provindos da experiência ganham relevo e assumem significância na teorização e reflexão filosóficas. Quando o pensamento do sujeito se projeta para além daquilo a que ele está ligado, preso, lá se encontra sua liberdade, sua possibilidade de expressão. Será por isso que a necessidade de dar voz ao sofrimento é, para Adorno, condição de toda a verdade? O sofrimento representa a experiência mais profunda, por isso é uma experiência subjetiva forte e marcante para o sujeito. No sofrimento o sujeito se expressa de forma mais verdadeira e sem medo de mostrar seus sentimentos e angústias. Esta dimensão do conhecimento escapa aos parâmetros da tradição e traz uma nova perspectiva para o pensamento filosófico.

A experiência é o lugar a partir do qual a subjetividade encontra o espaço para erguer-se novamente e sair de sua precária minoridade, não por falta de decisão pessoal, como dizia Kant, mas por estar como que aprisionado aos ligames

ideológicos e da indústria cultural. A experiência oportuniza o momento da liberdade e o promove:

A autoexperiência do momento de liberdade está ligada à consciência; o sujeito só se sabe livre na medida em que sua ação aparece idêntica a ele mesmo, e isso só se dá no caso de ações conscientes. É nelas somente que, de maneira penosa e efêmera subjetividade ergue a cabeça. (ADORNO, 2009, p. 192).

A intenção e a finalidade de procura da verdade se apresentam como um desafio que não têm final, pois se concebe a verdade em uma perspectiva gradativa de aproximação significativa e expressiva do real, sem com isso ter a pretensão de abarcar a sua totalidade, com já havia alertado Adorno na aula inaugural em que abordou com competência e sabedoria a questão da atualidade da filosofia e sua necessidade: “A loucura é a verdade, ela é a forma na qual os homens são talhados quando não querem renunciar à verdade em meio ao nãoverdadeiro”(ADORNO, p. 335).A resistência à totalidade se apresenta como loucura, como *pathos*, mas é explicitando as contradições e contrariedades do sistema que se poderá avançar. Uma subjetividade forte é capaz de assumir essa loucura santa, essa loucura apaixonada que afronta o real danificado com capacidade criativa e produtiva.

Mueller, ao interpretar a descrição de Adorno sobre os efeitos causados pela leitura de Bloch, fala da experiência como algo de grande significação em Adorno. O pensamento crítico e negativo tem na experiência seu ponto de referência, e é a partir dele que se constitui como horizonte interpretativo:

O pensamento não arranca de si próprio, por uma autodisciplina ou imposição metódica. Existe algo “que precede todo o conteúdo teórico” e que Adorno em outros contextos atribui ao âmbito da “Erfahrung”, da experiência. Essa não é casual ou irrelevante para o discurso filosófico, mas justamente o seu motor vivencial. Adorno dá grande importância a esse elemento. As coisas mais importantes do pensamento surgem, para ele, da experiência da indignação ou revolta como aqui é o caso, ou do que ele vai chamar de “enervação” ou termos similares, mas sempre apontando para a origem corporal, para gestos corporais de base que desencadearão o pensamento e o sustentarão sempre de novo e que finalmente representam também o ponto de chegada do pensamento “correto”.(MUELLER, 2009, p. 87).

O pensamento não arranca de si próprio, como diz Mueller tematizando a importância da experiência no conhecimento. A experiência é a base a partir da qual o pensamento articula conceitos e interpreta o real contraditório que se apresenta a

ele. Nesse sentido, a filosofia enquanto interpretação dialética da realidade é vista como ato segundo. A experiência a precede. A experiência, mais ainda aquelas nas quais o sujeito se vê indignado e em algum sentido até revoltado, mobiliza o pensar e ativa o pensamento na negação das injustiças e situações de barbárie. As experiências marcantes provocam o sujeito crítico a dizer algo, a interpretar os acontecimentos e negar situações nas quais a humanidade e a natureza sejam destituídas de sua real dignidade.

A experiência traz o pensamento para sua vinculação intrínseca ao elemento somático e corporal, contribuindo para a superação da dicotomia entre o a noção de espírito e corpo, matéria e espírito. A unidade que oferece esta concepção, ainda que reconhecendo tensões e diferenciações, é outra forma de conceber a relação entre o pensamento, o conhecimento e a corporalidade: “Em Adorno o gesto filosófico de base se ultrapassa e se torna, finalmente um gesto corporal visceral. É nas entranhas da indignação resultante da experiência do mundo que sua filosofia tem suas raízes mais básicas” (MUELLER, 2009, p. 184). Nesse sentido, a experiência ganha contorno e significado essenciais no processo de construção do conhecimento, da qual se infere a postura ética e compromissada com a vida, em especial atenção às formas de existência que foram danificadas pelo mundo coisificador regido a partir do princípio da troca.

#### 4.4 A TEORIA CRÍTICA E A PRÁXIS TRANSFORMADORA

“Pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis!”  
Theodor Adorno.

Quando se aborda a questão do conhecimento filosófico, as questões da teoria e da práxis também são delineadas. Em que sentido a teoria pode contribuir para uma nova práxis e como a teoria se relaciona com a práxis de mudança? Adorno defende a necessidade da teoria, sem a qual a própria práxis não tem consistência e direção. Ele também questiona a tradicional contraposição entre teoria e prática. Ele tematiza o preconceito que se criou na sociedade administrada em relação à teoria e o quanto ela passou a ser odiada:

O visto prático que se requisita de toda teoria transformou-se em carimbo de censura. No entanto, na medida em que a teoria foi subjugada no interior da célebre relação teoria e prática, ela se tornou aconceitual, uma parte da

política para fora da qual ela gostaria de conduzir; ela é entregue ao poder. A liquidação da teoria por meio da dogmatização e da interdição do pensamento contribui para a má prática; é de interesse da própria prática que a teoria reconquiste sua autonomia. A relação recíproca entre os dois momentos não é decidida uma vez por todas, mas se altera historicamente. Hoje porquanto o funcionamento por toda a parte predominante paralisa e difama a teoria, por meio de sua mera existência a teoria depõe contra ele em toda a sua impotência. Por isso, ela é legítima e odiada; sem ela, a prática que sempre quer transformar não poderia ser transformada. Quem condena a teoria como anacrônica obedece ao *topos* segundo o qual é preciso eliminar como antiquado aquilo que continua fazendo mal enquanto algo frustrado. (ADORNO, 2009, p. 125).

A teoria tem uma importância capital para pensar uma prática transformadora. Mas sob o domínio da razão instrumental existente permanece a tendência a menosprezar a elaboração teórica, ao remeter permanentemente a teoria à prática ou à clássica relação teoria-prática se pretende a redução da teoria e a sua liquidação. A teoria é entregue ao poder, o que significa que ela perde justamente o potencial crítico, reflexivo, autonomizador e provocador de práticas novas e alternativas.

A autonomia da teoria será fundamental para que as práticas tenham como consequência um projeto de mudança qualitativa do existente. O ódio e a deslegitimação da teoria só contribuem para a manutenção do *status quo* para que as pessoas continuem atreladas ao sistema e adequadas aos padrões mercantilizados da semicultura, difusa em toda parte. A força do pensamento crítico a reconduz a cultura ao seu lugar de provocadora, recupera seu potencial emancipador e devolve a perspectiva de autonomização dos sujeitos.

A questão da práxis no pensamento negativo é contrária àquela falsa noção da polarização entre a teoria e a prática. Na dialética negativa, adquire outro senso, que não dicotomiza as coisas dessa forma ingênua e com consequências para o conhecimento crítico, ou seja, torna-se útil para a manutenção do vigente. Adorno dirá em notas marginais sobre a teoria e a prática: “Pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis; somente a ideologia da pureza do pensamento mistifica esse ponto” (apud WERLANG, 2001, p. 42).

Esse agir do pensar diz respeito ao destrinçamento dos nós do real, que por isso tem a dimensão de ação interventora. A teoria já se apresenta como uma forma de práxis, pois interpreta as práticas vigentes, oferecendo possibilidades de intervenção significativa no real estabelecido.

Adorno compreende de um modo distinto o que a maioria pensa ser a práxis. Num tempo invadido pela perspectiva pragmática e positivista, essa compreensão

pode até parecer uma fantasia. A teoria crítica, desde que foi elaborada por Max Horkheimer, compreendeu essa realidade da teoria e da prática numa perspectiva dialética, ou seja, preservando as tensões próprias dos momentos diferenciados para que se possa entender que a teoria não é uma abstração distante do real e nem a práxis uma ação sem nenhuma referência ou aporte teórico. Mais ainda, a dialética negativa tem como pressuposto a experiência e o primado do objeto, que oferece sempre primazia ao objeto e ao particular. O sujeito crítico e interpretador saberá utilizar-se da teoria para melhor atuar e intervir de modo qualificado na realidade social, porque se entende situado e inadequado nesse existente danificado.

Talvez seja interessante recordar, quando se fala em teoria crítica e práxis emancipadora, o que afirmou Marcos Nobre, pesquisador da Unicamp, sobre os dois princípios por meio dos quais se situa a teoria crítica na sua relação com a transformação. O primeiro princípio diz respeito à *orientação para a emancipação*, princípio que evidencia que a teoria crítica, ao interpretar, examina o mundo e o que existe de melhor de suas possibilidades tendo em vista a emancipação. O segundo é o *comportamento crítico*, princípio que busca perceber os indícios do que poderia ser melhor, estabelecendo vínculos necessários e conexões entre os objetos. Nobre ainda lembra que a teoria tradicional apresenta uma rígida separação entre o conhecimento e a ação. Segundo ele, para Max Horkheimer, a teoria tradicional é parcial, pretende ser neutra, adaptar o pensamento à realidade, e acaba por se resignar à forma presente da dominação (NOBRE, 2003).<sup>18</sup>

A reflexão sobre a tensão produtiva estabelecida entre a prática e a teoria continua aberta e desafiadora para os diferentes segmentos da pesquisa científica e filosófica. O pesquisador da teoria crítica Marcos Nobre traz para esse debate o posicionamento de Olivier Voirol, quando este reflete sobre os desafios da renovação do materialismo:

Na análise de Olivier Voirol, os principais desafios para a renovação do modelo do materialismo interdisciplinar hoje são dois. Primeiramente, é preciso repensar a relação entre teoria e prática, de tal maneira que isso não conduza seja a uma restauração da sua unidade — como no marxismo de modelo lukácsiano —, seja à quase separação entre os termos inaugurada por Horkheimer; mas, evitando essas duas posições, é preciso chegar a uma formulação em que a teoria seja capaz de fomentar as práticas emancipatórias. (NOBRE, 2012, p. 25).

---

<sup>18</sup> Marcos Nobre é Professor no Departamento de Filosofia do IFCH, da Unicamp, e pesquisador do Cebrap.

Não é objetivo de nossa pesquisa entrar no debate mais longo sobre o processo de renovação do materialismo, mas aproveitar a afirmação de Voirol na perspectiva de uma teoria que fomente iniciativas emancipatórias – parecer relevante e que tem um potencial bastante produtivo.

Pode-se dizer então que, na compreensão da teoria crítica, o conhecimento de uma realidade social é já um momento de ação social – a ação se realiza a partir da interpretação do mundo. O resultado dessa ação deverá ser novamente refletido e iluminado pelo teórico, e assim sucessivamente. Tal tensão produtiva oferece suporte para uma práxis que de fato seja transformadora e promotora da emancipação.

#### 4.5 A CRÍTICA DO SUJEITO LIBERAL E A PROPOSIÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO

“O ser-em-si, a que aspiram as obras de arte, não é a imitação de algo real, mas antecipação de um em-si que ainda não existe, de um incógnito e de alguma coisa que se define através do sujeito.”  
Theodor Adorno, *Teoria estética*.

O sujeito é uma das questões mais importantes e centrais na obra de Adorno, e por isso sua reflexão e análise crítica se realizam como se poderia esperar de uma reflexão dialética que procura empreender o esclarecimento. Seus escritos abordam a temática do sujeito e da subjetividade desde o início de sua produção filosófica, como podemos observar na obra *Sobre Kierkegaard* e até em suas obras mais maduras, que oferecem reflexões mais que interessantes e pertinentes: *Dialética negativa* e *Teoria estética*. Sua reflexão se apresenta densa e sistemática, provocativa e decifradora, considerando a complexidade do objeto a ser investigado.

Ao refletir criticamente, o pensador frankfurtiano retoma a tradição filosófica, procurando mostrar os diversos enfoques e argumentos, e desconstrói mitos ao utilizar a constelação para aproximar-se criticamente do objeto, que nesse caso é o sujeito. Para Adorno, a pesquisa sobre o sujeito e a subjetividade não pode jamais prescindir da questão do objeto, já que é a partir da compreensão do primado do objeto que se estabelecem as possibilidades de decifração crítica também da questão do sujeito.

Ao finalizar a reflexão acerca do sujeito contemporâneo, deseja-se aprofundar a nova condição e posição epistemológica ocupada pelo sujeito por meio do primado

do objeto, postulando um filosofar capaz de promover e provocar a emergência do sujeito crítico.

A dialética negativa apresenta, assim, a crítica ao sujeito e às formas dominantes da subjetividade contemporânea, submetidas e integradas às relações de produção nas sociedades capitalistas tardias. A capacidade de interpretar radicalmente o vigente e suas formas de manter-se e reproduzir-se convocam para uma análise mais criteriosa das afirmações para que não se caia numa doutrina inofensiva da transformação:

Não obstante o fato de a dialética não ser possível sem o momento do que é coisalmente fixo e se reduzir a uma doutrina inofensiva sobre a transformação não deve ser atribuído nem ao hábito filosófico nem unicamente a compulsão social que se dá a consciência em sua tal fixidez. (ADORNO, 2009, p. 165).

A dialética como processo de aproximação crítica da realidade deseja contribuir para decifrar os enigmas do real e seus meandros complexos, por isso, exige um procedimento rigoroso, radical e abrangente capaz de encontrar os nexos temporais e as razões mais profundas, em vista de não se tornar apenas um verniz, uma reflexão superficial ou uma doutrina inofensiva sobre a transformação. Infelizmente, muitas vezes se pode chegar a uma posição inofensiva e servir muito mais à manutenção do vigente do que de fato realizar uma crítica que seja minimamente significativa e consistente.

No passado, a reflexão sobre por que parecia existir maior harmonia entre o sujeito e objeto encontra no pensamento adorniano um diagnóstico de que essa pretensa *harmonia* foi produzida sob pressão:

Se a harmonia entre sujeito e objeto pôde vigorar outrora, esta harmonia foi produzida sob pressão e se mostra como frágil, assim como a mais recente. A transfiguração de condições passadas serve a uma renúncia posterior e supérflua que se experimenta como incontornável; somente como perdidas elas conquistam o seu brilho. Na era do indivíduo desagregado e do coletivo regressivo, o culto das fases pré-subjetivas chega a si mesmo no horror. (ADORNO, 2009, p. 164).

Um aspecto que pode interessar à reflexão proposta foi trazido pela última citação, extraída da *Dialética negativa*, que é justamente a análise da tendência e da percepção arguta sobre os indivíduos nos tempos contemporâneos enquanto desagregados e imersos em um coletivo regressivo. Com a perspectiva de dissolução dos sujeitos, fica mais do que óbvio que os indivíduos tendem a se desagregar, a



procurar seus horizontes em perspectivas não coletivas. O acento na individualidade em direção à perspectiva individualista é bastante favorável aos padrões econômicos das relações de produção dominantes. A desagregação parece estar intrinsecamente vinculada ao processo de coisificação, pois a descartabilidade das mercadorias também de alguma maneira induz à descartabilidade dos indivíduos. Nesse sentido, a desagregação torna-se uma normose social ou uma normalidade não sadia no âmbito da socialização.

O coletivo regressivo diz respeito ao progresso contraditório das sociedades contemporâneas, ou seja, um processo social coisificador e desumanizador, o qual, ao invés de promover a emancipação, a desfaz, instaurando uma alienação que se torna cada vez mais onipresente. É regressivo também no sentido da própria categoria psicanalítica, pois faz a humanidade recuar a um estado primitivo que cria as condições da barbárie se reproduzir. A violência brutal e as formas de agressividade tão presentes nos dias atuais colaboram em confirmar essa tendência social regressiva. O coletivo regressivo é adequado às tramas da indústria cultural, mas para reconhecer sua dinâmica e seus mecanismos, será preciso empreender uma reflexão que possa destrinçar o processo de coisificação inerente ao processo de semiformação cultural e de embrutecimento vigentes no âmbito social:

No elemento coisal, esses dois pontos estão entrelaçados, o não idêntico do objeto e a submissão do homem às relações de produção dominantes, à sua própria interconexão funcional desconhecida para eles mesmos. (ADORNO, 2009, p. 164).

À filosofia cabe pensar algo diverso, crítico, contraditório, antagonista e negativo a essa deformação dos sujeitos e das subjetividades. A última citação traz de volta algo significativo que Adorno tem como herança de Kierkegaard, a preocupação central em relação à coisificação. Nos antecedentes refletimos sobre esse aspecto que atravessará a elaboração filosófica adorniana. A afirmação adorniana que o não idêntico e a submissão do ser humano às relações de produção, estão entrelaçados no elemento coisal traz a tona a adequação do ser humano à base material econômica da sociedade e a sua funcionalidade na lógica do mercado. A coisificação do ser humano, ou seja, a sua dessubjetivação a ponto de ele ser uma coisa, uma mercadoria como todas as outras oferecidas no mercado, anula sua condição de sujeito, de ser pensante, criativo e interventor em processos sociais.

O seu estatuto é voltar ao potencial do pensamento crítico e reflexivo: “Cabe à filosofia pensar aquilo que é diverso do pensamento e que o transforma pela primeira vez em pensamento, apesar de o seu demônio persuadi-lo de que isso não deve ser” (ADORNO, 2009, p. 165).

Quer-se evidenciar que a posição do filósofo frankfurtiano não é apenas defensiva em relação ao sujeito e à subjetividade, ao contrário, ele faz uma crítica forte e pertinente aos sujeitos encapsulados e submetidos ao sistema dominante. Sua visão é realmente dialética porque justamente consegue vislumbrar as armadilhas da totalidade e o poder de subtrair o potencial reflexivo das massas que porta o capitalismo em suas versões mais avançadas e tardias.

A não transparência da realidade aos sujeitos é um aspecto caro ao pensador do primado do objeto, justamente porque na crítica feita ao sujeito há de se considerar questões relevantes como essa para perceber a situação dos sujeitos com maior distinção e clareza:

Se o processo de produção e de reprodução da sociedade fosse transparente para os sujeitos e determinado por eles, então esses sujeitos também não seriam mais jogados de um lado para o outro passivamente pelas tempestades sombrias da vida. Com isso, desapareceria aquilo que, assim entendido, significa a vida, juntamente com toda a aura fatal com a qual o Jugendstil tinha envolvido essa palavra na era industrial, para a justificação da má irracionalidade. (ADORNO, 2009, p. 167-168).

A percepção de que ao invés de transparência o sujeito está envolto em situações que não lhe aparecem claras e decifráveis é, de certa forma, óbvia, já que a indústria cultural se apresenta como *expert* em esconder e em dificultar que se tornem visíveis as seduções do seu modo de operar. Esse processo de ofuscação se apresenta como uma forma de obliteração efetiva do sujeito, ou pode significar um não à sua sobrevivência em termos de possibilidades interpretativas.

Como disse Campolina Oliveira no ensaio “O sujeito psicológico em Adorno”, a indústria da cultura oferece um domínio prazeroso e sedutor no qual o sujeito se envolve desde a sua subjetividade, não percebendo que está se adequando inconscientemente e passivamente ao princípio da troca e ao mundo administrado (CAMPOLINA OLIVEIRA, 2005, p. 47). O envolvimento do inconsciente nesse obnubilamento se torna ainda mais preocupante, mas, ao mesmo tempo, clarifica aspectos não explícitos e importantes de serem notados.

E para chegar ao sujeito crítico será necessário esvaziar-se de uma perspectiva constitutiva da noção de indivíduo burguês, que mesmo grandes críticos da modernidade acabaram assumindo ou considerando para confirmar o princípio de identidade e afirmar autonomia aos padrões liberais. Mauricio Chiarello faz uma excelente reflexão em torno da questão da passagem do sujeito burguês para o sujeito crítico, considerando diversos encadeamentos e problemáticas significativas:

O sujeito crítico reclamado por Adorno não deixa de ser o indivíduo, é certo, mas não o indivíduo no sentido tradicional, isto é, o indivíduo burguês nascido como garante das práticas de mercado, cuja “autonomia” tão-só reproduz os requisitos do liberalismo econômico – e cuja capacidade de livre autodeterminação já não passa, em nossos dias, de ficção extrema e desesperada. É nesse sentido que o sujeito crítico adornoiano cumpre um papel distinto daquele desempenhado pelo sujeito transcendental kantiano, e também pelo empírico. Pois a doutrina de Kant (e também, num certo sentido, a de Freud) sustentou o pressuposto teórico de identidade e autonomia do indivíduo comprometido com a práxis social capitalista. (CHIARELLO, 2007,p. 197).

O sujeito crítico não pode ser aquele indivíduo tradicional, ou seja, de configuração burguesa, nascido das práticas mercadológicas cuja liberdade e autonomia se constituem nos termos liberais. O sujeito crítico é a negação dessa forma social individualista, alienada e conformada ao mundo administrado. Ao negar o modo burguês do indivíduo e o sujeito transcendental de Immanuel Kant, Chiarello, a partir de Adorno, procura demonstrar a emergência de um sujeito crítico e diferente no modo de se relacionar e conhecer o mundo, alertando acerca dos pressupostos da identidade e autonomia do indivíduo, que estão presentes em Kant, por estar adequados à práxis social capitalista. O sujeito crítico cumpre um papel distinto que se caracteriza primeiro pela negação do formato liberal de sujeito e só a partir daí se poderá postular outro modo de atuar e existir, inadequado ao formato social vigente e desmitificador dos padrões impostos pela indústria cultural.

#### **4.5.1 A morte do sujeito liberal e a emergência do sujeito crítico**

Essa crítica ao sujeito constitutivo, próprio do idealismo e positivismo tem sua relevância porque contribui para a clarificação da nova caracterização do sujeito crítico a partir da filosofia negativa de Theodor Adorno. Somos convidados a romper com o feitiço da “identidade”, a padecer e a entrar num processo de aniquilação do sujeito

como foi concebido e adaptado nos moldes da mercantilização cultural. É a morte do sujeito liberal, a renúncia a padrões que foram impostos e nos tiraram a condição de sujeito.

A reflexão agora se volta para essa passagem do sujeito liberal para o sujeito crítico:

Para Adorno, em contrapartida, o sujeito efetivamente crítico é aquele – e só aquele – que se mostra capaz de renunciar a esta autonomia de cunho marcadamente liberal. Ele é, fundamentalmente, indivíduo capaz de se abrir à experiência que se encontra interdita na totalidade social dominada pela frialdade burguesa. Seu diferencial seria, portanto, a capacidade de padecer perante a exterioridade empírica da sociedade, de fazer a experiência doída de sua insignificância: esta é “a pedra de toque, o motor da mediação necessária para romper o feitiço da identidade”. Paradoxalmente, assim, é só através da renúncia ao imperativo concorrencial e à exigência de identidade e autonomia que o existente lhe impinge, ou da renúncia ao ferrenho imperativo de autoconservação (mediante o acolhimento de sua própria morte, num gesto de antecipação da morte que o mercado lhe destina), que, em Adorno, o indivíduo, enquanto sujeito de reflexão crítica, lograria deixar de ser mero reflexo das práticas de mercado, retomando a consciência do processo histórico de modo a intervir na práxis – e reconquistando destarte uma verdadeira autonomia, poderíamos acrescentar. (CHIARELLO, 2007, p. 197).

O sujeito crítico como sujeito aberto à experiência a qual desenvolve sua sensibilidade em relação ao outro (sofrimento e dor), à cultura (diversidade das criações intelectuais, religiosas e artísticas) e à natureza, que vem sofrendo uma violência sem medidas promovida pelo modelo de desenvolvimento predatório e mercantil. De outro lado se fala do sujeito crítico como aquele que supera a frialdade burguesa e seu indiferentismo solipsista que coisifica e vê todas as realidades sob o prisma do mercado.

Esse padecimento doído diante da exterioridade empírica da sociedade nos remete a um sofrimento do sujeito crítico quando percebe, na sociedade, a perda de sua dimensão de sensibilidade e humanidade. O sujeito crítico sente em si a dor de perceber em seus pares a alienação socializada, a perda do contato com o real, a incapacidade de interpretar criticamente o universo material e social, conformando-se subjetivamente aos padrões da indústria cultural.

Porém esse padecimento é também uma espécie de morte, experimentada como renúncia ao modelo concorrencial que cria, inicialmente, uma angústia interior de sentir-se impotente, de vivenciar, como diz Chiarello, a experiência doída de sua insignificância. É um padecimento necessário para tomar consciência e reerguer sua

subjetividade, mas em outra perspectiva. Romper o feitiço é adquirir uma nova mentalidade, um outro olhar que é sempre abordado por Adorno como nova forma de interpretação e elaboração do conhecimento. A dor é também essa inadequação, esse sentimento de se experimentar deslocado e fora do mundo. O sujeito na dura passagem para a criticidade e interpretação negativa do real é desafiado, através da renúncia ao imperativo concorrencial, por essa organização social coisificadora. Dizer não à lógica mercantil e aos produtos sedutores da indústria cultural é morrer para um sistema. Essa passagem pode ter um elemento teológico envolvido, tornando-se uma *pessach judaica*, uma páscoa, a verdadeira mudança de trajetória para uma atitude de resistência, olhar capaz de interpretar o mundo e os objetos para que as suas cores não sejam aniquiladas.

Essa morte simbólica relativa ao pensamento de identidade ligado à autonomia burguesa e à autoconservação burguesa é exigente e dolorosa, mas necessária para se avizinhar gradativamente do sujeito crítico. A retomada da consciência do processo histórico e dos nexos de continuidade e temporalidade é indispensável para se chegar à interpretação dialética negativa e entender inteligentemente como intervir na práxis, readquirindo a autêntica autonomia, se é que se pode usar tal termo nesse contexto.

#### **4.5.2 O olhar interpretador e resistente do sujeito crítico**

O sujeito crítico desenvolve uma percepção arguta e desenvolta que se torna suporte para o seu interpretar. A resistência do olhar adquire uma significação importante, pois não se deixa iludir pela ideologia da totalidade social. Como diz Adorno: “A resistência do olhar que não quer que as cores do mundo sejam aniquiladas é irreduzível” (ADORNO, 2009, p. 335).

Essa resistência do olhar é irreduzível. Não pode ser reduzida, é fundamental. O sujeito crítico é um sujeito que contempla o mundo em sua falácia, com um olhar resistente e intransigente. Não aceita o mundo como ele é, mas o olha com a perspectiva daquilo que ele ainda pode vir a ser. Um olhar crítico, uma contemplação ativa e negativa, que por isso mesmo se faz capaz de vislumbrar e imaginar o ainda não, a utopia e uma outra forma possível de organização social.

Esse olhar está vinculado à contemplação ativa do sujeito enquanto capaz de perceber e contemplar os objetos também por aquilo que o conceito deixou de incluir

e considerar. Um olhar atento, resistente e crítico e sensível também aos elementos não racionais que desejam encontrar expressão.

Chiarello continua argumentando sobre o sujeito crítico, mas agora observa negativamente a posição da individualidade quando subsumida pelo processo social que tem a ver com a experiência dos sujeitos:

Mas por onde apanhar esta existência individual tornada espectral, fantasmagoria abstrata aferrada em si mesma, como algo de mítico? Questão cuja resposta poderia talvez formular sumariamente nos seguintes termos: tal experiência só se mostra acessível, para Adorno, no único vestígio de individualidade ainda remanescente, vale dizer, na experiência do sofrimento e da finitude, que abre caminho para a expressão. Ao contrário de sustentar uma pretensa identidade e aferrar-se a uma ilusória autonomia, o sujeito crítico reclamado por Adorno é o que logra acolher sua diferença e heteronomia, o que significa ser capaz de ser afetado pelos objetos fazendo a experiência de sua morte. Valho-me aqui deste belo estudo de Mercè Rius sobre a obra de Adorno, infelizmente pouco conhecido. Ver, a respeito, o terceiro estudo, já mencionado da tese A Filosofia, a Arte e o Inominável. (CHIARELLO, 2007, p. 197-198).

A dificuldade de recuperar a condição de sujeito crítico numa sociedade na qual o todo se apresenta como falsidade e alienação faz o filósofo recorrer aos vestígios dessa perspectiva, partindo da experiência de finitude e da impossibilidade. É no ser afetado pelos objetos, e não mais na sua pretensa posição de conhecedor, é na sua fragilidade de aproximação do real, na sua busca da verdade, ainda que em fragmentos, que ele experimenta a própria morte para compreender-se como um sujeito crítico imanente, que aceita o primado do objeto e assume então, com humildade, a condição de sujeito reflexivo por meio de uma autonomia consciente de suas determinações.

O único vestígio de individualidade sofrido continua a ser a expressão do sujeito no meio de um existente que o devora e o instrumentaliza. Na experiência da dor reside seu protesto maior contra o mundo falso. Na acolhida da diferença e da heteronomia, vivenciadas como morte daquele sujeito burguês, apresenta-se o sujeito crítico e reflexivo, intérprete do mundo como ele é, mas com vistas ao mundo como ele ainda poderá vir a ser.

A questão dos vestígios, dos sinais, das frestas adquire importância quando se fala em esperança no pensamento adorniano. O pesquisador da obra de Theodor Adorno oferece algo de muito expressivo quando aborda os vestígios, referindo-se à questão da esperança e da utopia no diálogo entre Ernest Bloch e Adorno:

Se a esperança fosse tão somente um afeto antropológico, ela poderia ser ilusão pretensão. O mais significativo na esperança está em que, de alguma forma, coisas e conceitos a têm dentro de si. Coisas e conceitos contêm vestígios (*spuren*) daquilo de que falamos quando falamos em utopia. Não fosse isso não haveria utopia. (MUELLER, 2009, p. 104).<sup>19</sup>

Se as coisas e conceitos contêm vestígios daquilo que sonhamos, de nossas utopias, então podemos dizer que esse sujeito crítico e reflexivo não é apenas um mito, como também na própria dialética negativa Adorno havia expressado e, por assim dizer, procurou clarificar. O mito é o sujeito autônomo e livre da perspectiva liberal que só existe na ficção dos idealismos e positivismos, pois mesmo em sua própria afirmação já torna mentira e falsidade. Adorno assume a dimensão do corpo, dos afetos e da fantasia, mas sua radicalidade crítica procura nos prevenir de todas as ilusões.

O questionamento e a crítica arguta do pensamento crítico, quando se refere à questão do sujeito transcendental, coloca em suspenso toda a pretensão de subjetividade onipotente. A própria condição do sujeito é questionada ao se considerar a universalização do valor de troca, princípio operacional das sociedades liberais modernas. E isso deseja mostrar que a realidade do sujeito se encontra em circunstâncias muito mais complexas, carregadas de ofuscação e impedimentos. A análise crítica e abrangente do pensador frankfurtiano contempla simultaneamente os aspectos universais, ou a totalidade social, e a situação do sujeito diante dessa totalidade de uma forma esclarecedora e provocativa:

A universalidade do sujeito transcendental, porém, é a funcionalidade da conexão funcional da sociedade, de um todo que se conjuga a partir das espontaneidades e das qualidades individuais, limitando-as então uma vez mais por meio do princípio de troca nivelador e eliminando-as virtualmente como impotentes em sua dependência em relação ao todo. O domínio universal do valor de troca sobre os homens, que *a priori* recusa aos sujeitos serem sujeitos, rebaixa a própria subjetividade a uma mera objetividade e relega à não verdade esse princípio de universalidade que afirma instaurar a predominância do sujeito. O mais do sujeito transcendental é o menos do sujeito empírico, reduzido ele mesmo ao extremo. (ADORNO, 2009, p. 115).

É interessante a constatação realizada por Adorno – por meio dela se pode compreender a conexão da concepção de sujeito universal com a funcionalidade da

---

<sup>19</sup> Abordagemdo tema da utopia no diálogo entre Adorno e Ernest Bloch, especificamente falando dos vestígios.

sociedade administrada. Essa concepção se adéqua e, por assim dizer, impede a emergência do verdadeiro sujeito, pois o princípio detroca nivela e elimina a possibilidade de se constituir o sujeito, socializando a impotência deste em relação ao todo.

A constatação adorniana na qual “o domínio universal do valor de troca sobre os homens, que *a priori* recusa aos sujeitos de serem sujeitos” é fundamental para que se entenda até que ponto se pode falar em sujeito ou em sujeição das pessoas a um princípio que as coisifica e impede de desenvolver de fato a condição de sujeito. É por isso que em outra passagem da obra *Dialética negativa*, Adorno alerta para o “mito do sujeito”, concepção criada pela racionalidade instrumental nas sociedades liberais. Segundo o filósofo, a universalização desse princípio de troca realiza uma quase total obliteração da condição do sujeito. A própria subjetividade é rebaixada a uma mera objetividade e questiona a emergência e a primazia do sujeito, afirmada pelos diversos matizes do idealismo moderno.

Outro aspecto de significativa relevância é a dimensão na qual o mais do sujeito transcendental implica no menos do sujeito empírico, ou seja, a continuidade da afirmação do sujeito na perspectiva transcendental é a diminuição da possibilidade de um sujeito crítico e situado na totalidade social. É preciso romper com esse enfoque e concepção para avançar em direção à emancipação do sujeito.

#### **4.5.3 A individualidade em oposição a autoreferencialidade e o individualismo**

Na sequência do argumento sobre o sujeito e sua situação objetiva nas sociedades contemporâneas, percebe-se a necessidade de abordar a questão da relação entre a individualidade, a autoreferencialidade e o individualismo. Quando se tematiza a questão da individualidade ou a particularidade do sujeito, torna-se necessário ater-se ao processo de individuação e a suas problemáticas no atual momento da história. Um dos grandes problemas enfrentados socialmente pelos indivíduos hoje é a tendência ao individualismo, que se mostra nefasto à perspectiva da individualidade, da singularidade e da subjetividade. O sujeito crítico é um indivíduo que mantém sua individualidade, mas se posiciona contrariamente ao individualismo. A teoria crítica tem uma contribuição interessante nesse sentido. Conforme Pucci, em sua aproximação crítica entre as obras *Origem da tragédia* e *Minima moralia*, percebe-se que o *principium individuationis*, abordado por Adorno na obra *Dialética negativa*



gera uma situação muito preocupante no que se refere ao indivíduo nas sociedades atuais:

Adorno, em diversos momentos das *Minima moralia*, deixa claro como o *principium individuationis*, tomado sob a distensão do apolíneo-dionisíaco e sob as bênçãos da racionalidade instrumental da sociedade administrada, gerou uma situação em que, de um lado, o indivíduo deixa de ser, desaparece, e, de outro, desenvolve um individualismo desenfreado, onde tudo é possível. Não é como na tragédia grega primordial, em que o mergulho do indivíduo no todo da espécie e da natureza se dava a partir da atuação do espírito apolíneo, como um momento fundamental de sua própria constituição enquanto ser humano. Agora, com a eliminação da diferença, com a padronização dos gestos, dos corpos e das mentes, a decadência do indivíduo se dá a partir de uma tendência irreversível da pressão do social sobre o particular. Não obstante, Adorno vê nessa tendência um desafio para todos os que ainda acreditam no resgate das forças apolíneas e dionisíacas: “Se hoje os últimos traços de humanidade parecem prender-se apenas ao indivíduo como algo que se encontra em seu ocaso, eles nos exortam a pôr fim àquela fatalidade que individualiza os homens somente para poder quebrá-los por completo no seu isolamento”. (PUCCI, 2001, p. 117).

Sabe-se que *Minima moralia*, ainda que sendo uma obra magistral e provocativa, um outro modo de expressar o pensamento em forma de aforismos, foi escrita durante o período de exílio no contexto da Segunda Guerra, e por isso é carregada do peso próprio daquela época – consideração que não deseja desfazer em nenhum sentido a força do pensamento negativo, ao contrário, pensa-se que seja importante situar o pensamento como forma de abrir ainda mais o seu significado e força.

A situação na qual ou o indivíduo deixa de ser e desaparece, ou desenvolve um individualismo desenfreado apresenta-se como desesperadora e desconcertante. O paradoxo do indivíduo no universo social capitalista dominado pela lógica mercantil e por uma racionalidade instrumental mostra toda sua ambivalência e contraditoriedade. Mesmo assim, não se pode permitir que essa crítica necessária e real às condições dos sujeitos na contemporaneidade seja vista apenas como o final do sujeito, ou a revelação do mito do sujeito burguês como pensou Adorno em seu pensar negativo dialético. O próprio Adorno insiste que o pensamento deve manter-se aberto, com a realidade apresentando-se como dialética e manifestamente contraditória, por isso tal situação apresenta a possibilidade de ser modificada e alterada em uma nova circunstância.

A aproximação dos elementos apolíneos e dionisíacos de Nietzsche dizem também dessa força da negação do pensamento como forma de não se adequar ao

existente passivamente, mantendo a crítica e a postura necessária para que a subjetividade permaneça erguida em sua dignidade.

As palavras finais oferecem um alento e a perspectiva para que as pessoas insistam em assumir a função de sujeito, pois em tempos de sujeição e alienação será importante não sucumbir à fatalidade tão difusa que individualiza os seres humanos e não os permite pensar algo diferente e possível para uma nova organização e convivência social.

As possibilidades emancipatórias de se pensar o sujeito crítico se apresentam escassas, mas não foram extintas, e isso já representa uma esperança. Os traços de humanidade que se apresentam são vestígios concretos da realidade desafiadora da contemporaneidade.

#### **4.5.4 A liberdade e a não liberdade do sujeito**

A liberdade e a não liberdade do sujeito são outros pontos passíveis de argumentações refletidas e permanentemente pesquisadas, sobretudo quando se postula a liberdade em sociedades regidas pelo princípio da troca. A pretensa liberdade em termos liberais não passa de uma forma de maquiagem compensatória do mercado das ilusões capitalistas.

Adorno, em *Dialética negativa*, ao afirmar que “o processo de autonomização do indivíduo, função da sociedade de troca, culmina com a sua supressão por meio da integração”, mostra que o que se apresentava como liberdade converteu-se em seu oposto, em não liberdade. O sujeito burguês, segundo ele, era livre em sua perspectiva de autonomia liberal, adaptando-se ao sistema econômico e fazendo-o funcionar. Mas isso era apenas uma falsa liberdade e autonomia, que já estavam negadas desde a sua origem. Ele fala ainda que essa liberdade se torna uma verdadeira máscara de necessidade e de sobrevivência do indivíduo em sua falsa robustez (ADORNO, 2009, p. 167).

O próprio Hegel, expressão fundamental do idealismo moderno, já havia percebido o elemento contraditório da liberdade quando compreendeu que a liberdade era “também algo negativo, escárnio quanto à liberdade verdadeira; expressão da contingência do destino social de cada indivíduo singular”. O paradoxo entre as afirmações categóricas do conhecimento afirmativo e as realidades experimentadas pelos indivíduos nas sociedades demarcadas pela indústria cultural e seus

aperfeiçoamentos tecnológicos representam uma consciência da falsidade que se propaga como conhecimento e a falta de fundamentação quando relacionada à realidade experimentada pelos seres humanos.

Poder-se-ia ainda acrescentar, para que não se tenha medo de assumir a perspectiva da liberdade por meio do filosofar, mesmo que se tenha de viver em espaços de não liberdade. Conforme a filósofa Márcia Tiburi: “A filosofia é o lugar excelente onde a liberdade do pensar – como liberdade do sujeito, como liberdade *tout court* – se coloca como intenção e ação, e a forma com que ela se dá ao mundo define sua qualidade, sua espécie, sua função” (TIBURI, 2004, p.4). O filosofar como espaço de liberdade, de expressão, de reflexão e debate, colabora para que se possa avançar nas práticas da liberdade. O sujeito que pensa, discute, pesquisa é o sujeito que abre-se para a ampliação de seu interpretar o mundo, as situações, os fatos e relações. A liberdade em sociedades nas quais a não liberdade se torna uma tendência encontra no filosofar lugar e espaço para se postular mudanças significativas e outras possibilidades daquelas estabelecidas.

#### **4.5.5 O sujeito que cultiva sua interioridade**

A questão da interioridade é fundamental de ser enfrentada no momento atual da história, pois contribui para que o ser humano não perca sua perspectiva de sujeito reflexivo e pensador subjetivo. A importância dada à interioridade, que fora assumida como pertinente legado, por assim dizer, do pensamento de Kierkegaard, em Adorno recebeu um recorte um tanto diferenciado em relação ao dado pelo filósofo dinamarquês. Ainda assim parece muito interessante e significativo continuar refletindo sobre a dinâmica interior como lugar de força da subjetividade e da realização do sujeito enquanto crítico e intérprete do mundo administrado. Mueller reflete sobre esse aspecto significativo da interioridade para Adorno de uma forma provocativa:

Estas reflexões aprofundam o dito acima sobre a interioridade que funda a interpretação, não como subjetividade autorreferente e voltada a si própria, mas como subjetividade que percebe a condição de enclausuramento da realidade externa e nela vislumbra suas possibilidades de ser, agora recusadas pelo aparato social e cultural. (MUELLER, 2009, p. 109).

A interioridade, força da subjetividade enquanto espaço de refúgio, interpretação e negação do mundo administrado e das situações de barbárie, não na postura solipsista autorreferente e obtusa ao outro, ao diferente e às relações sociais, mas, ao contrário, por considerar o outro a alteridade e as relações sociais como determinantes, sente a necessidade de interpretar e sair do círculo vicioso da mercadoria, fazer verdadeira hermenêutica das possibilidades do ainda não pela negação do mundo experimentado e danificado.

A compreensão da interioridade como refúgio foi analisada por Mueller também, quando abordou a questão da contemplação no pensamento adorniano e analisou as noções de Seel a respeito:

Sob as condições nas quais a autonomia está ameaçada, o pensar torna-se para Adorno um refúgio interno da autonomia – porém somente enquanto ele permanece consciente de que a interiorização contemplativa permanece, por si só, um exercício restrito da autodeterminação humana. (SEELapudMUELLER, 2009, p. 180).

O que é relevante na última citação, e que confirma o que se vem elaborando em relação à subjetividade, é perceber a interioridade como um refúgio interior que mantém o sujeito enquanto autônomo, reflexivo e crítico, enquanto não adequado ao existente e, por isso mesmo, com a possibilidade de interpretar ou fazer a hermenêutica das saídas, das formas de enfrentamento da gravidade do atual momento histórico. Podemos recordar aqui tantas histórias e experiências significativas de pessoas ameaçadas, presas, escondidas e perseguidas que se mostraram sujeitos resistentes à opressão, mantendo a interioridade e a subjetividade intactas.

A interioridade apresenta também uma dimensão espiritual teológica que se poderia considerar neste momento interpretativo. O monge Anselm Grün tem contribuído com sua reflexão a respeito da interioridade desde a espiritualidade monástica para que se possa trabalhar a partir de si mesmo uma perspectiva de emancipação. No texto sobre *o ser fragmentado*, ele faz considerações que valem ser aprofundadas e recordadas:

Um sentimento básico de nossa época parece-me ser a fragmentação. Muitas pessoas sentem-se internamente fragmentadas. Elas têm a impressão de serem puxadas de um lado a outro pelas muitas exigências impostas a elas, na profissão, na família, no sacerdócio, na comunidade política. (GRÜN, 2004, p. 7).

A reflexão de Grün sobre a fragmentação do ser contemporâneo, ao mesmo tempo em que constata inúmeras situações de fragilidade dos sujeitos, procura contribuir para o resgate da unidade da interioridade por meio da consciência das dimensões sombrias e contraditórias, bem como do cultivo de uma espiritualidade a partir de si mesmo como ele próprio denominou. A interioridade é compreendida como o espaço profundo, sagrado e sadio do sujeito no qual sua subjetividade encontra a força também espiritual e teologal para se manter erguida em meio ao contexto de massificação e à lógica do mercado.

Finalmente será preciso retomar a implicação entre o primado do objeto e o sujeito, procurando estabelecer ainda uma última vez essa questão como necessária para a compreensão do sujeito contemporâneo. Adorno, em *Dialética negativa*, fala de uma pré-história do sujeito que necessariamente inclui a pré-história do objeto. A relação tensa e criativa, de aproximação entre um sujeito cognoscente e um objeto cognoscível tem outra referência a partir de Adorno:

O primado do objeto só é alcançável em uma reflexão subjetiva e em uma reflexão subjetiva sobre o sujeito. Decerto é possível explicar esse estado de coisas dificilmente conciliável com as regras da lógica corrente e discrepante em sua expressão abstrata, dizendo que seria em verdade necessário escrever uma pré-história do sujeito, tal como ela foi esboçada na *Dialética do esclarecimento*, mas não uma pré-história do objeto. Uma tal pré-história já trataria sempre de objetos. Se em contrapartida argumentássemos que não haveria nenhum conhecimento sobre o objeto se não houvesse um sujeito cognoscente, então não seguiria daí nenhum privilégio ontológico da consciência. Toda afirmação de que a subjetividade “é” de um modo ou de outro já inclui uma objetividade que o sujeito não pretende fundar senão em virtude de seu ser absoluto. É somente porque o sujeito é por sua vez mediado, ou seja, porque ele não é o elemento radicalmente outro em relação ao objeto que apenas o legitima, que ele é capaz de apreender a objetividade em geral. (ADORNO, 2009, p. 171).

A reflexão subjetiva é que permite ao sujeito compreender seu limite no aproximar-se do objeto, ver-se não mais como absoluto como queria o idealismo e o positivismo. Ao perceber-se também determinado e mediado pelo objeto que o provoca para ir além daquilo que foi possível conceituar, no desejo de elaborar o conhecimento o sujeito se torna consciente no processo de próprio conhecer. Se como diz Adorno é na resistência contra o mundo substituível da troca que o sujeito se apresenta enquanto verdadeiro sujeito, pode-se confiar na postura resistente e crítica

como forma fundamental para pensar e postular a emancipação e as possibilidades utópicas de transformação do real próprias de uma teoria crítica da sociedade.

#### 4.5.6 O sujeito crítico como artista e mestre em sensibilidade

Para finalizar nossa reflexão, que se mantém necessariamente aberta, pois sendo coerente com o que foi refletido, a pesquisa deverá ter continuidade, elaborando o conhecimento, discutindo e debatendo a respeito das determinações, críticas e provocações dos sujeitos contemporâneos no seu nexos com a dinâmica permanente das realidades. A teoria estética, aquela que tem sido considerada um dos últimos escritos da maturidade do filósofo Theodor Ludwig W. Adorno, também versa sobre o primado do objeto e a arte de forma intrigante e provocativa. Deixemos que o próprio texto, em nome da arte, possa expressar-se:

O primado do objeto só se afirma esteticamente no carácter da arte como historiografia inconsciente, anamnese do subterrâneo, do recalcado e do talvez possível. O primado do objecto, enquanto liberdade potencial do que é emancipação da dominação, manifesta-se na arte como sua liberdade relativamente aos objectos. Se está em seu poder apreender o seu conteúdo no seu outro, só numa relação de imanência lhe cabe ao mesmo tempo em sorte este outro; não lhe deve ser imputado. A arte nega a negatividade do primado do objecto, o seu elemento irreconciliado e heterónimo, que faz aparecer pela aparência da reconciliação das suas obras. (ADORNO, 1970, p. 259).

O primado do objeto é apresentado enquanto liberdade potencial do que é emancipação da dominação, e essa afirmação vem ao encontro do que se está pesquisando e procurando estabelecer como tese em nossa pesquisa. Adorno explicita o modo por meio do qual o primado do objeto se relaciona com a arte e tem sua perspectiva de garantia de negação da negatividade do primado do objeto, detal modo que na arte se expressam a reconciliação entre o irreconciliado e o a possibilidade de autonomia daqueles que subjazem na heteronomia.

O pesquisador Rodrigo Duarte em seu artigo *A atualidade da estética de Theodor Adorno* tematiza a a ideia de autonomia e emancipação na relação do artista com a a sua obra e indica uma perspectiva interessante para mostrar o sujeito crítico enquanto artista criador e provocador de uma práxis transformadora:

A ideia de autonomia da arte que está implícita no conceito de liberdade criadora do artista significa para Adorno, o indício da possibilidade de uma práxis radicalmente diferente daquela que conhecemos atualmente: a possibilidade de uma humanidade pacificada, de uma humanidade

emancipada, de uma humanidade que viva em harmonia com a natureza e consigo própria. (DUARTE in WERLANG; ROSIN, 2011, p.81).

A produtividade da ideia de autonomia da arte para se pensar o sujeito crítico enquanto artista e criador mostra toda a sua potencialidade na reflexão de Duarte oferecendo à filosofia esta força de promover uma práxis radicalmente diferente. Os qualificativos da humanidade como pacificada, emancipada e em harmonia com a natureza conduzem aquele *télos* de uma nova organização social pensado por Adorno na Dialética negativa no qual sejam superados todos os sofrimentos e se possa chegar a uma sociedade racional para sujeitos que vivam a autonomia com liberdade.

O sujeito crítico é um artista no sentido de ser uma individualidade com sensibilidade desenvolvida, um indivíduo que mantém sua singularidade e autenticidade, que desenvolveu uma capacidade de contemplação e observação sagaz e arguta para interpretar negativamente o mundo existente e expressar sua indignação e contrariedade ao mundo administrado, seja pela arte ou pelo pensamento crítico, tendo em vista as possibilidades de emancipação. O sujeito crítico é, por isso mesmo, um ser humano expressivo e capaz de intervir significativamente nos rumos da história, de forma singular e original, ainda que tenha consciência das determinações que sofre e continue a ser influenciado pela indústria cultural.

Ao finalizar esta exposição, poderíamos afirmar que a nossa reflexão, ainda que incipiente e incompleta, tenha dado a continuidade ao debate sobre o sujeito crítico no contexto contemporâneo, mantendo uma atitude de abertura em relação aos desafios dos tempos que virão e a outras e também diferentes interpretações.

Deixemos que o sujeito crítico, artista e criador de autonomia e emancipação possa expressar o indizível por meio das obras de arte: “As obras de arte tornam-se aparições no sentido mais rico do termo, **aparições de um outro, quando o acento incide sobre o caráter irreal da sua realidade** (ADORNO, 1970, p. 97, grifo nosso).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente se deve dizer que o desafio de interpretar o sujeito contemporâneo numa perspectiva crítica está aberto e será importante continuar refletindo e pesquisando, propondo argumentos e debatendo numa postura de quem está sempre aprendendo. A teoria crítica, sobretudo por meio da dialética negativa de Adorno, apresenta inúmeras questões muito atuais e pertinentes porque mantém-se interrogativa e em atitude de suspeita em relação ao que se pode conceituar e argumentar sobre o sujeito.

A obliteração e o aniquilamento do sujeito, pensado como sujeito crítico, reflexivo e interpretador negativo nas sociedades atuais, são visíveis e se manifestam de diversas formas, preponderantemente: na fragilidade do ego, no crescimento das problemáticas relacionais e interpessoais, comunitárias e sociais, na relativização das decisões, na instabilidade emocional e nas dificuldades de interpretar criticamente o mundo administrado e a realidade circunstancial e contextual na qual se encontra. Questões chave relativas à subjetividade contemporânea são fundamentais e têm sua pertinência garantida no contexto atual, no qual o sujeito procura encontrar seu espaço e lugar e emerge como uma das mais significativas interrogações. A importância da reflexão filosófica continuar a dar atenção ao campo subjetivo, em permanente diálogo com as ciências sociais, psicológicas, teológicas e ambientais, se constitui como necessidade.

No campo do conhecimento, o primado do objeto adquire fundamental importância para se poder pensar em sujeito crítico e decifrador do real danificado, mais ainda quando se pensa na emancipação dos sujeitos e na práxis transformadora em tempos de totalidade como o atual momento da história. O primado do objeto é uma posição epistemológica que oferece, por assim dizer, uma mudança extraordinária no modo de conceber o conhecimento e a relação do sujeito e do objeto, mas, mais do que isso, a modificação substancial é coerente com a crítica realizada em *Dialética do esclarecimento* e desmonta a instrumentalidade da razão na sua lógica interna e permite um novo modo de o sujeito se postar em relação ao conhecimento, à natureza e à história. Considerando o que foi dito e pesquisado sobre o primado do objeto na teoria crítica de Theodor Adorno, poder-se-ia dizer que, ao compreender o conhecimento a partir dessa orientação, é permitido ao ser humano, em sua dimensão autorreflexiva, recuperar de algum modo a força da subjetividade



não como compreenderam os idealismos, mas a partir de uma nova ótica, bem mais humilde e processual, gradativa e dinâmica, a partir da qual se percebe a complexidade das contradições e os desafios do existente, para nele intervir por meio de uma práxis transformadora. Ao fazer o sujeito transitar por um processo de padecimento até ele poder se reconhecer como sujeito crítico e reflexivo, recupera-se ao sujeito crítico à dimensão de pesquisador permanente e de filósofo como pensador e decifrador.

A filosofia encontra sua significância e relevância social não por ser um conhecimento mais importante que outros, mas por interpretar, com arguta e aguda forma de penetrar, o real sem a pretensão de abarcá-lo inteiramente. Uma filosofia dialogante na procura intermitente da verdade. Adorno assume a dialética negativa *por incontestável respeito à verdade e à realidade histórica das coisas* como bem expressou Pucci. Seu interpretar apresenta limitações e imprecisões, mas tem um potencial reflexivo e produtivo no que concerne ao sujeito que deve ser conhecido, reconhecido e aprofundado no universo da formação cultural. A negatividade de seu pensamento como força, como negação de uma realidade que apresenta sua tragicidade e contradição, colaborando para um pensar forte e extraordinário.

O enfrentamento das questões relativas à barbárie e à tendência violenta e destrutiva está associado e tem uma vinculação profunda com a racionalidade instrumental e a lógica mercantil, que coisificam e desfazem as condições subjetivas e objetivas necessárias à emergência do sujeito crítico. A reflexão sobre a barbárie evidencia a fragilizada situação do sujeito nas sociedades contemporâneas, abrindo a reflexão à necessidade de repensar os processos formativos nas sociedades atuais e à própria forma de organização social, que cria as condições para a barbárie se reproduzir e reinstalar-se. A dessensibilização e o embrutecimento das pessoas se avanta nas relações sociais e interpessoais, já que os indivíduos tendem a estar ocupados consigo mesmos e com seus interesses, e menos dispostos a desenvolver sadamente a sociabilidade e a responsabilidade coletiva e social.

É contra a indiferença e o individualismo, a frieza e a dessensibilização que conduzem o ser humano ao processo de embrutecimento que a formação cultural (*Bildung*) deverá investir seus esforços, gerando possibilidades de enfrentamento crítico da barbárie.

O desejo e a possibilidade de se pensar uma outra forma de organização social e a emancipação encontram fundamento no pensamento de Adorno como

positividades que devem ser levadas a sério. O télos de tal organização seria a negação do sofrimento físico (poderíamos acrescentar psíquico e espiritual) ainda do último de seus membros. E acrescenta retomando a categoria de experiência no conhecimento: nas formas de reflexão intrínsecas a esse sofrimento. é desafiador tanto aos pensadores como aos agentes críticos das sociedades contemporâneas. Ele afirma que esta realidade seria possível imediatamente segundo as forças produtivas aqui e agora e que é do interesse de todos e que para ser realizada necessita ser assumida como um processo gradativo e através de uma solidariedade transparente para ela mesma e para todo o vivente.

O uso indiscriminado e irracional das novas tecnologias ocupa os indivíduos cada vez mais, sendo uma forma de entretenimento que também serve para adequar os sujeitos aos padrões de consumo acrítico e conformadora ao social vigente. O consumo do último modelo, da nova embalagem, do melhor celular, do mais útil aplicativo são truques prazerosos de manter a atenção em coisas supérfluas e próprias da manutenção do sistema. Isso não significa que se deva deixar de utilizar as novas tecnologias, mas saber adequá-las às realidades, refletindo criticamente suas aplicações.

A dimensão ética do pensamento comprometida com os excluídos do processo social e aqueles cujo grito foi abafado e desprezado na história. O pensamento negativo é prenhe de comprometimento e põe como condição da verdade a dor e o sofrimento porque parte da experiência, em particular das experiências mais fortes de opressão e sofrimento, para oferecer guarida e expressar a voz daqueles que foram alijados e esquecidos, que estão longe em sua dignidade e foram destituídos de sua condição de sujeito crítico.

A questão que permaneceu significativa e teve sua raiz na reflexão kierkegaardiana é a da interioridade, ou seja, é no âmbito inviolável da subjetividade que se encontra o refúgio da dignidade e do lugar de reflexão em tempos de opressão e barbárie, o que oferece guarida para se poder avançar na crítica e na negação da realidade existente. E aqui é importante também dizer que a interioridade tem uma dimensão espiritual que não pode ser negada e desprezada no processo de criticidade e negatividade. E a espiritualidade profunda e interior, avalizada no reconhecimento do sujeito enquanto autorreflexivo e autocrítico, que encontra espaço e coragem para frequentar o mais profundo e contraditório de si mesmo, assumindo a dinâmica interna como precária, mas também como lugar de contraposição ética do mundo totalizante

e danificador. Interioridade e subjetividade e espiritualidade e objetividade são dinâmicas do humano que não podem ser dicotomizadas como foram na história da filosofia e mesmo da teologia, mas encontram neste pensamento materialista e laico um olhar e uma concepção extremamente pertinentes, recuperando sua força por estarem na mesma dinâmica e tensão das realidades dos objetos e dos sujeitos da história.

O sujeito e a natureza são reconhecidos em Adorno como lugares sagrados da vida, por isso invioláveis. Esse cuidado e essa atenção especial dedicada por Adorno e pela Escola Frankfurtiana desde seus primórdios, ao destrinçar os nós da razão instrumental e ao expor o modo expoliatório como o esclarecimento se converteu no seu reverso, auxiliam no desenvolvimento de uma nova consciência ambiental e ética, necessária aos tempos de hoje. As questões ambientais adquirem cada vez mais força, mais ainda agora que o Papa Francisco elabora uma encíclica a esse respeito, contendo um posicionamento extraordinário atual: "O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e da sociedade afeta de modo especial os mais frágeis do planeta." O problema fundamental para o Papa Francisco, apresentado em sua encíclica sobre o ambiente e a relação com a natureza, atinge a questão da racionalidade e do sujeito de uma perspectiva surpreendente: "[...] o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e seu desenvolvimento junto a um paradigma homogêneo e unidimensional. Neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropriado o objeto que se encontra fora. Tal sujeito desenvolve-se ao estabelecer o método científico com sua experimentação, que já é explicitamente um ato técnico de posse, domínio e transformação."

Um ponto de extraordinária relevância na resistência do sujeito é o seu olhar, por meio do qual mostra-se sua resistência ao mundo administrado. Para Adorno, a resistência do olhar é irreduzível. Seria esse olhar penetrante na realidade, próprio do sujeito que interpreta uma influência da estética? A estética aqui percebida como um dos conhecimentos mais desenvolvidos por Adorno, sobretudo na maturidade de sua filosofia. Nossa impressão é que sim, pois o sujeito crítico é um sujeito que contempla

o mundo em sua falácia, com um olhar resistente e intransigente. Um interpretar que não aceita este mundo como ele é, mas o olhar com a perspectiva daquilo que ele ainda pode vir a ser. Um olhar crítico, uma contemplação ativa e negativa que por isso mesmo se faz capaz de vislumbrar e imaginar o ainda não, a utopia e outra forma possível de organização social. É um olhar reflexivo que não se adéqua às formas estabelecidas e conceitualizadas do real, que vem da atitude de resistência tão cara ao filósofo frankfurtiano.

Como um exercício reflexivo se poderia tentar estabelecer alguns pontos relevantes sobre as tendências do sujeito contemporâneo nas suas ambivalências e contradições. Primeiro se deveria fazer a distinção segundo a qual pode-se entender o sujeito em duas grandes perspectivas: a primeira que poderia ser chamada de sujeito no posicionamento idealista e do eu liberal; e a segunda poderia falar de um sujeito reflexivo e crítico, conforme foi refletido pela dialética negativa e pela teoria crítica. Outro posicionamento que poderia trazer algumas indicações significativas é uma abordagem enfatizando as condições subjetivas com predominância do aporte psicanalítico, e outra que ofereça a sua interpretação com enfoque nas questões sociais e objetivas.

O sujeito contemporâneo, em um perfil idealista, apresenta-se como senhor do saber e do conhecimento, já que tem a pretensão de abarcar a totalidade do objeto por meio do processo cognitivo. Ao se pretender nesse posicionamento o sujeito, ele será entendido como dominador, autônomo e livre dos padrões de uma existência burguesa e adaptada ao mundo administrado. O sujeito liberal é pretensioso e arrogante porque assume a máxima baconiana que saber é poder, de uma forma instrumental e coisificadora.

Na medida que se pense o sujeito consciente e reflexivo, próprio do formato pensado pela dialética negativa, poder-se-á apostar em atitudes diametralmente diversas. O sujeito crítico é, em primeiro lugar, a negação da forma social individualizada, alienada e conformada ao mundo administrado. Sua atitude será de humildade diante da realidade da qual se encontra em profundo respeito à natureza e às diferenças próprias da humanidade. Evidentemente que essas classificações são problemáticas e desafiam a reflexão a considerá-lo em sua permanente tensão e contradição.

O sujeito crítico segundo o que tivemos oportunidade de pesquisar nasce da consciência dos limites e das contradições do sujeito burguês, liberal com a sua

pretensa resolução de dominar o mundo, a natureza e os seus pares. Por isso, o sujeito crítico passa pelo padecimento, por assim dizer, pela morte em si mesmo para se compreender como sujeito que cultiva a individualidade e interioridade (espaço de refúgio da crítica, consciência e liberdade) em contraponto ao individualismo, a autoreferencialidade delirante do sujeito e a tendência concorrencial e coisificadora do outro. O sujeito crítico será aquele eu forte capaz de resistir aos encantos e seduções da indústria cultural e a semicultura e buscar alternativas não só no modo de se relacionar com o mundo mercantil e consumista, mas também criativo o suficiente para promover espaços para a formação cultural e a crítica.

Do ponto de vista subjetivo e das considerações indispensáveis do pensamento psicanalítico deve-se destacar: a debilidade e aniquilação do sujeito como tendência nas sociedades contemporâneas, a fragilização do eu e sua perda de referencial ético no universo da indústria cultural, os escassos espaços e possibilidades de constituição subjetiva sadia nas atuais circunstâncias, a universalização de padrões problemáticos e perversos com a coisificação e reificação das consciências. Como aspectos positivos se deverá destacar que a pluralização das opções e fim do patriarcado abrem maiores espaços para o feminino se manifestar, conquistar espaços e direitos, o que tende a trazer inúmeros ganhos do ponto de vista das relações intersubjetivas, da maior equidade e reciprocidade de gênero. A emergência de novos sujeitos na contemporaneidade provenientes de diversos grupos antes considerados minoritários como os homoafetivos, negros, indígenas é visível e oferece outro e mais qualificado contorno para as relações sociais e subjetivas. Do ponto de vista objetivo e das determinações sociais se poderá destacar como problemáticas: a força e a sutileza dos processos de adequação social por meio da indústria cultural, a padronização e unilateralização da cultura em seus aspectos de adaptação e consumo, rompendo a tensão criativa com seus aspectos de autonomia, liberdade e emancipação.

Não se poderia deixar de abordar a arte do sujeito e o sujeito da arte: a arte quando não subsumida pelo enfoque mercadológico da indústria cultural, continua a ser uma das formas mais expressivas do sujeito contemporâneo. A manifestação artística de si, envolta numa relação de reciprocidade com o universo, a natureza e a humanidade, é uma forma de expressar, não por meio de palavras, manifestando sua oposição ao estabelecido e pautando a possibilidade de uma outra organização social. Ainda que se evidenciem as dificuldades do artista em se manter ciente dos

mecanismos sociais e subjetivos de determinação, é possível indicar os limites do sistema em suas formas reprodutivas e conformadoras, referindo-se à resistência e à possibilidade de dizer não ao que se apresenta como eterno retorno do mesmo e sem perspectivas. O sujeito crítico é, enfim, também um sujeito artista, um esperto em sensibilidade e criatividade, um interpretador expressivo e inquieto do mundo administrado que pinta nele outra verdade, ou melhor, a não verdade e a falsidade desse mundo, indicando artisticamente o mundo que ainda está por vir.

Adorno aposta através da *dialética negativa* na possibilidade de tornar a filosofia infinita, primeiro questionando o conceito de infinito e o uso que historicamente foi feito pelos filósofos em relação a ele. É no contexto do desencantamento do conceito que ele aborda esta questão na introdução de sua obra *Dialética negativa*. Gostaríamos de nos referir a esta passagem para finalizar esta pesquisa, pois acreditamos na infinita possibilidade da filosofia quando realizada por meio da crítica imanente, da dialética negativa e do primado do objeto. Só assim o sujeito poderá ser considerado um sujeito crítico, aberto e em conquista permanente de sua emancipação: uma humanidade reconciliada consigo mesma, com a natureza e o cosmos na possibilidade de uma experiência extraordinária de conhecimento. Segundo Adorno a filosofia quer mergulhar muito mais no que é heterogêneo, sem o reduzir a categorias pré-fabricadas. Assim deixaremos a pesquisa aberta, não se quer concluir, mas permitir que o pensamento continue a ser elaborado e deixamos as próprias palavras de Adorno nos guiar para o infinito da filosofia:

Em um sentido atenuado, ela (a filosofia) mesma se tornaria infinita na medida em que despreza a possibilidade de fixar-se em um “corpus” de teoremas inumeráveis. Ela teria o seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema, de objetos que se lhes impõem ou que ela procura: ela se abandonaria verdadeiramente a eles sem usá-los como espelho, a partir do qual ela conseguiria depreender uma vez mais a si mesma, confundindo a sua imagem com a concreção. Ela não seria outra coisa senão a experiência plena, não reduzida, no medium da reflexão conceitual.

Adorno, *Dialética negativa*.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A educação contra a barbárie. In: \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 155.

\_\_\_\_\_. *Actualidade de la filosofía*. Trad. José Luis Arantegui Tamayo. Intro. Antonio Aguilera. Barcelona: Paidós, 1991.

\_\_\_\_\_. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Die aktualität der philosophie*. Philosophische Frühschriften. Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990. p. 325-344.

\_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 119-138.

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Einleitung in die soziologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da nova música*. Trad. Magda França. São Paulo: Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften in 20 Bänden*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989.

\_\_\_\_\_. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro L. M. Valls. São Paulo: Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Minima moralia*. Reflexionen aus dem beschädigten leben. 4. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.

\_\_\_\_\_. *Minima moralia*. Trad. Luiz E. Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Negative dialektik*. 6. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

\_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Philosophie der neuen musik*. 12. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

\_\_\_\_\_. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet; Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. Tabus a respeito do professor. In: PUCCL, B. et al. *O poder educativo do pensamento crítico*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 176.

\_\_\_\_\_. *Tabus über dem lehrberuf* [1965] (GS 10/2: 672): Barbarei, der furchtbare Schatten über unserer Existenz.

\_\_\_\_\_. Teoria da semicultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, ano XVII, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. *Zu subjekt und objekt*. Kulturkritik und Gesellschaft II. 10b. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977. p. 742-759.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, Max. *Dialektik der aufklärung*: philosophische fragmente. 3. ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011.

\_\_\_\_\_; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

AYLLON, José Ramón. *Introducción a la ética*. Historia y fundamentos. Madrid: Palabra, 2006.

BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Loyola, 1997.

BUCK-MORSS, S. *Origen de la dialéctica negativa*: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt. México: Siglo veintiuno, 1981.

CAMPOLINA OLIVEIRA, Paula. O sujeito psicológico em Adorno. *Paideia*, Ribeirão Preto, SP, FUMEC, ano IV, n. 3, p. 47-62, 2005.

CENCI, Ângelo (Org.). *Ética, racionalidade e modernidade*. Passo Fundo: UPF, 1996.

CHIARELLO, Mauricio. Em defesa de Adorno: a propósito das críticas endereçadas por Giorgio Agamben à dialéctica adorniana. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, 2007.

COHN, G. Adorno e a Teoria crítica da sociedade. In: COHN, G.; ADORNO, Theodor W. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. p. 7-32.

DIAZ, Carlos. *Filosofía de la razón cálida*. Córdoba, Argentina: Ed. Emmanuel Mounier, 2005.

DUARTE, Rodrigo. *Adorno/Horkheimer & a dialéctica do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. *A Estética e a discussão sobre indústria cultural no Brasil*. Idéias|Campinas (SP)|n. 4|nova série|1º semestre. 2012.

\_\_\_\_\_. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano*: entre a linguagem e o gozo. Trad. Maria de Loudes Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FLEIG, Mario. O delírio da autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral [entrevista]. *IHU online*, ano VII, n. 220, mai. 2007.



\_\_\_\_\_. *O desejo perverso*. Porto Alegre: CMC, 2008.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREITAS, V. *Adorno e a arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 72 p. 2003.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.

\_\_\_\_\_. *O futuro de uma Ilusão*. Trad. José O. de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras Completas, v. 21).

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Trad. José O. de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras completas, v. 21).

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FUKS, Betty B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GARCIA; SILVA. Produção da subjetividade e construção do sujeito. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 35, p. 189-198, ago./dez. 2011.

GRENZ, Friedemann. *Adornos philosophie in grundbegriffen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

GRIPP, Helga. *Theodor Adorno: Erkenntnis Dimensionen negativer dialektik*. Paderborn: Schöningh, 1986.

GRÜN, Anselm. *O ser fragmentado. Da cisão à integração*. Trad. Inês Antonia Lohbauer. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

HORKHEIMER, *Teoria tradicional e teoria crítica*. 2013. Disponível em: <<http://bls1.info/pdfs/2013-horkheimer-tradicional-e-teoria-critica.pdf>>. Acesso em: jun. 2015.

KIERKEGAARD, Sören. *Migalhas filosóficas*. Trad. Álvaro Valls; Ernani Reichmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *O conceito de angústia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Pós-escritos às migalhas filosóficas*. Trad. Alvaro Valls; Marília de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LACAN, Jacques. *O seminário: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Clínica da instituição: o que a psicanálise contribui para a vida coletiva*. Trad. Sandra Chapadeiro. Porto Alegre: CMC, 2009.

MAAR, Wolfgang Leo. Materialismo e primado do objeto em Adorno. *Trans/Form/Ação*, Marília, SP, v. 29, n. 2, p. 133-154, 2006.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior*. Ensaio sobre o i-mundo moderno. Trad. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Unesp, 2002.

MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2009.

MÜHL, Eldon Henrique. Crítica à racionalidade instrumental. In: CENCI, Angelo (Org.). *Ética, racionalidade e modernidade*. Passo Fundo, RS: UPF, 1996. p. 61-118.

NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. 7. ed. Trad. A. Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

NOBRE, Marcos. *O marxismo e a teoria crítica*. Conferência proferida na Unicamp. Gravada e produzida pela TV Cultura. São Paulo: 2003.

\_\_\_\_\_. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. Teoria crítica: uma nova geração. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 93, p. 23-27, 2012.

OLIVEIRA, Paula C. O sujeito psicológico em Adorno. *Paideia*, Belo Horizonte, Fumec, ano IV, n. 3, p. 47, 2005.

PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e dialética negativa*. Sobre a negatividade do conceito em Theodor Adorno. Passo Fundo, RS: Gráfica Berthier, 2008.

PUCCI, B. *Educação contra a intolerância*. Coletânea sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância. Passo Fundo, RS: UPF, 2006.

\_\_\_\_\_. Um encontro de Adorno e Nietzsche nas mínima moralia. *Impulso*, Piracicaba, SP, v. 12, n. 28, p. 111-22, 2001.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Adorno: O poder educativo do pensamento crítico*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. A. e PUCCI, B. T.W. *Adorno: O Poder Formativo do Pensamento Crítico*. Petrópolis: Vozes, 140 p. 2001.

RIUS, Mercè. *Theodor W. Adorno: del sufrimiento a la verdad*. Barcelona: Laia, 1985. 55 p.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por que é tão difícil construir uma teoria crítica? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Portugal, n. 54, p. 197-215, jul. 1999.

SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. *Ira e tempo*. Ensaio político-psicológico. Trad. Marcos Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e Kafka*. Paradoxos do singular. Passo Fundo, RS: IFIBE, 2010.

STEIN, Ernildo. *Analítica existencial e psicanálise*. Ijuí, RS: Unijuí, 2012.

TIBURI, Márcia. A escrita herege. *História Unisinos*, São Leopoldo, RS, v. 8, n. 10, p. 4, 2004. [Dossiê: Teoria e metodologia da História].

\_\_\_\_\_. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de T. W. Adorno*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 1995.

\_\_\_\_\_; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a dialética do esclarecimento*. Ijuí, RS: Unijuí, 2009.

VALLS, Alvaro Luiz Montenegro. *Estudos de estética e filosofia da arte: uma perspectiva adorniana*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

WERLANG, Julio Cesar. *Educação, cultura e emancipação*. Estudos em Theodor Adorno. Passo Fundo, RS: IFIBE, 2005.

\_\_\_\_\_; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogos filosóficos em educação, ética e estética*. Passo Fundo, RS: IFIBE, 2011.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

YAMATO, Pierandrea. *La biopolítica*. Il potere sulla vita e la costituzione della soggettività. Milano: Eterotipie Mimesis, 2004.

ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno: pensar contra a barbárie*. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2008.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *A indústria cultural e a educação: o novo canto da sereia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. A vingança do fetiche: reflexões sobre a indústria cultural, educação pela dureza e vício. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 27, n. 94, p. 71-90, jan./abr. 2006.